



leslie  
kelly

# Arrepio

 HARLEQUIN®

 flor  
da pele

EDIÇÃO 027

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## **Era uma noite escura e sensual. E ela estava em perigo!**

A jornalista Lottie Santori mal podia esperar para se livrar da família superprotetora e se jogar em uma aventura erótica. Ao ser escalada para fazer uma matéria fora da cidade, ela tem a oportunidade perfeita para viver sua fantasia. Lottie precisa investigar uma casa antiga e assustadora. Quando se vê no centro de vários “acidentes”, começa a achar que talvez existam mais mistérios rondando os aposentos do que poderia supor... Por sorte, o anfitrião é exatamente o tipo de homem que faz sua pele arrepiar: alto, moreno, misterioso... Ela não tem dúvida de que sentirá muitos calafrios enquanto estiver na mansão mal-assombrada, mas as noites selvagens com Simon Lebaux compensarão cada frio na espinha...



**Ele não disse nada. Simplesmente agiu. Sem aviso, pôs as mãos no meu cabelo, segurando minha cabeça e me puxando para a frente.** Qualquer arfar de surpresa que eu pudesse ter soltado foi abafado pelo meu coração, que martelou feito louco quando o sr. Lebeaux baixou a boca para a minha.

E então nossos lábios se encontraram. Abriram-se. Provaram-se. Um trovão ribombou... ou talvez fosse apenas o rugido baixo de prazer percorrendo meu corpo.

A chuva ganhou força novamente e relâmpagos cintilaram em algum lugar nas proximidades. Eu não estava ciente de nada disso. Eu não conseguia me concentrar em mais nada, exceto nos lábios quentes e na língua macia que estavam me dando tanto prazer.

Já fui beijada nessa vida. Muito.

Mas aquilo não era beijar.

Era sexo bucal.

## **Querida leitora,**

Na adolescência, eu devorava romances góticos de autoras como Victoria Holt e Phyllis Whitney. Porém, quando comecei a escrever, não imaginei que um dia teria a oportunidade de revisitar esses clássicos tão amados.

Até surgir a oportunidade de criar minha própria história com tema gótico. Bastava encontrar os personagens certos e a situação perfeita.

Quando imaginei Lottie, logo em seguida surgiu uma dúvida: quem seria o homem ideal para uma mulher que cresceu com cinco irmãos mais velhos? A resposta foi muito fácil. Sensual, misterioso e inquieto, Simon Lebeaux era exatamente o tipo de homem capaz de satisfazer os desejos de uma jovem impetuosa. Para completar, Seaton House seria o cenário perfeito. Enquanto escrevia *Arrepio*, fiquei feliz em perceber que minha paixão pelos romances góticos estava mais forte do que nunca... E se tornou ainda maior com as cenas quentes e picantes características de **Flor da Pele**. Espero que também goste!

**Divirta-se!**  
**Leslie Kelly**

*Leslie Kelly*

# **ARREPIO**

Tradução  
*Fernanda Lizardo*



2015

## Prólogo

*Simon*

EM NOITES como aquela, Simon Lebeaux se perguntava se a Casa Seaton realmente *era* assombrada.

A luz tinha acabado novamente e o vento frio de outubro zunia pelas rachaduras das janelas, apagando algumas velas. Pelo menos ele presumia que fosse o vento.

Nem mesmo os trovões eram capazes de abafar os rangidos das tábuas velhas no andar de cima... Parecia andando de um lado para o outro, subindo e descendo pelo corredor do segundo andar, lenta e deliberadamente.

No entanto, ele era o único no local. Fora assim durante meses.

Uma hora antes, ao ouvir uma batida forte vinda lá de cima, ele seguira até o terceiro andar a fim de investigar o que era. Encontrara as portas anteriormente trancadas dos vários velhos quartos de hóspedes misteriosamente abertas. Dentro deles, cada cama há muito desocupada trazia o entalhe amarfanhado de uma forma humana, como se os hóspedes há muito ausentes do hotel tivessem acabado de acordar de um sono profundo e inquieto.

As chaves para os quartos haviam permanecido intocadas, trancadas em um armário, tanto antes de Simon dirigir-se até o andar de cima quanto

depois, ao retornar ao térreo.

– É o ar – murmurou ele. Tinha um sabor tão estranho, de cravo e de algo cítrico. De segredos e de coisa velha.

Ele não era um sujeito supersticioso. No entanto, nos três meses morando ali, desde que herdada o imóvel de seu tio Roger e concluía ser o local perfeito para se recuperar de seus ferimentos, vivenciara muitas coisas estranhas. Coisas que o faziam até mesmo duvidar dos próprios sentidos.

Objetos que se deslocavam de um local a outro. Arranhões e ruídos sussurrantes nas paredes. Um ar gélido vindo de lugar nenhum enquanto ele rondava a casa, incapaz de dormir, tentando esquecer a dor. E os cheiros...

– São as dores de cabeça – murmurou ele, acomodado no escritório naquela noite, trabalhando em seu laptop enquanto a carga de bateria ainda aguentasse. Simon já havia se acostumado ao sistema de fornecimento elétrico pouco confiável ali naquela montanha austera e isolada acima da cidade de Trouble, na Pensilvânia, portanto tinha backups para seus backups e, além de ter baterias extras, também havia comprado um segundo computador. Assim, ele nunca correria o risco de uma falha de energia inesperada fritar seu HD, levando-o a perder as preciosas páginas que fora capaz de escrever desde o retorno ao trabalho.

Ele poderia usar o gerador, mas nas duas ocasiões em que tentara fazê-lo o aparato deixara as luzes do antigo hotel intermitentes. Na primeira ocasião, Simon fora golpeado pelo ritmo esquisito daquela coisa, uma pulsação constante e assustadora.

Fantástico... ridículo. Na verdade, Simon tinha certeza de que a fiação centenária da mansão simplesmente não gostava de uma intervenção tão moderna e, por isso, escolhia frustrá-la.

As próprias ideias o deixaram assustado. *Quando*, perguntou-se, ele tinha começado a pensar na Casa Seaton como uma entidade viva, capaz de... algum tipo de vingança?!

Esfregou as têmporas, cansado. Sua pulsação começou a latejar com mais força. Um aumento sutil na pressão o colocou em alerta instantaneamente.

– Não. Esta noite, não – disse ele, colocando o computador sobre a mesinha de centro.

No sofá de couro gasto, Simon deitou-se, fechando os olhos. Ele precisava relaxar. Abandonar a raiva e a preocupação por estar começando tudo de novo.

Com sorte, aquele latejar sutil iria passar. *Tinha que passar.*

Os médicos tinham informado que as enxaquecas iriam embora em algum momento, e, esperançosamente, o mesmo aconteceria às lembranças do que havia ocorrido naquela noite de junho, em Charleston. Como a dor muitas vezes era severa, Simon esperava sinceramente que os especialistas estivessem certos.

Mas em seus momentos noturnos mais sombrios, quando o peso nauseante do hotel e as imagens vívidas em seu cérebro o esmagavam com uma pressão insuportável, ele sabia que preferia conviver com as dores de cabeça a conviver com as lembranças. Se pudesse banir uma delas para sempre, escolheria a segunda.

As imagens se repetiam em sua cabeça, noite após noite, como um filme de terror sem fim. O medo. A dor. Os gritos. O sangue.

O corpo esmagado e quebrado.

Ele tentou respirar fundo e concentrar-se em técnicas de relaxamento. *Contraia e relaxe*, lembrava-se. Os dedos, *contraia, relaxe*. Os pulsos, *afrouxe*. Todos os músculos do braço foram amolecendo, e então dos ombros e do pescoço.

*Calma. Respire. Flutue sobre as ondas das lembranças que o afligem em vez de permitir que elas que o dominem.*

Surpreendentemente, aquilo começou a funcionar. A pulsação desacelerou. A palpitação adormeceu. Por fim, depois de alguns longos instantes, Simon sentiu-se confiante de seu sucesso no combate àquela crise. *Tão* confiante que abriu os olhos e sentou-se lentamente, quase sorrindo diante da pequena vitória.

Mas seu triunfo não durou muito tempo, porque, quando ele avistou a tela do computador, soube que não tinha vencido a batalha. Havia meramente adormecido outra vez.

Balançando a cabeça, Simon gritou silenciosamente para si, para que acordasse e acabasse com o pesadelo. Sim, era só um pesadelo. Não podia ser

real, ele *não* podia estar vendo o que pensava estar vendo.

Na tela do laptop, onde minutos antes havia apenas letras e palavras, agora estava uma imagem imensa, horrível e sangrenta. Uma imagem que ele enxergava na própria mente todos os dias... mas que certamente nunca esperara ver na tela de seu computador.

Ele estendeu a mão para aquela figura horrível, cobrindo-o com os dedos em um esforço para escondê-la. Mas, apesar do tamanho de sua mão, ele não fora capaz de esconder tudo. Principalmente quando cada detalhe brutal era tão, *tão* familiar.

– Acorde, cara – disse ele. Em seu sonho, ele recostou-se no sofá e fechou os olhos, ao mesmo tempo que sentiu a palpitação recomeçar.

Lembrando-se da terapia, Simon contou de um a dez em ordem decrescente, desejando retornar à consciência. Sair da escuridão para a luz. Do pesadelo para a realidade.

Quando chegou ao número um, ele abriu os olhos devagar e olhou em volta.

– Graças a Deus – murmurou. Porque na tela diante de si, agora só havia letras. E palavras. – Um sonho. Apenas um sonho – sussurrou.

Então ele viu outra coisa, e seu coração contraiu-se no peito. Sumindo lentamente da tela do laptop, havia um contorno... o contorno da mão de alguém.

A mão *dele*.

*Não foi um sonho*. Uma alucinação? Cristo, será que ele estava condenado a ser lembrado de seu passado por todas as coisas existentes, até mesmo por seu computador, sua única ligação com o mundo externo?

Ele não suportaria isso. Não conseguiria viver assim, com a dor, a solidão e a tristeza surgindo de todos os lugares. Ficaria maluco, se é que já não estava.

Porque Simon sabia que ficaria louco se, por todos os lados, continuasse a ver a imagem *dela*.

A mulher que ele havia matado.

## Capítulo 1

*Lottie*

A PRÓXIMA pessoa que me disser o quanto deve ser legal ter cinco irmãos mais velhos vai sentir a força do meu punho no meio da cara. Porque, acredite, como a caçula, a única sem um pênis, em uma grande família católica italiana em Chicago, posso atestar pessoalmente que é uma droga.

Lottie Santori, essa sou eu. Sim, antes que você pergunte, são mesmo *aqueles* Santori, a imensa família dona de uma pizzaria na Taylor Avenue. Se você ainda não ouviu falar do local, tenho certeza de que pelo menos já ouviu falar dos meus irmãos. Seja por causa da maneira como eles mandam ver no campo de futebol em St. Raphael como pela forma como mandam ver com cada *garota* de St. Raphael. Incluindo a maioria de minhas amigas.

E sim, antes de fazer a próxima pergunta, eu tenho uma mente suja e uma boca grande, e não aceito desaforo de ninguém.

Meus irmãos, no entanto, ainda não enfiaram isso em suas cabecinhas duras. Eles vivem me dando ordens, tentando controlar com quem eu converso, para onde eu vou, o que eu faço e com quem eu transo; a minha vida toda foi assim. *Tentando* é a palavra-chave aí.

Queria poder dizer que eles falharam totalmente. Infelizmente, para mim, e para minha vida sexual, eles conseguiram me manter tão celibatária quanto uma universitária de 25 anos pode ser.

Ah, claro, eu andei tendo meus casinhos, mas não há muitos homens que eu encontre que não conheçam, ou não tenham ouvido falar de, minha família. E, eu juro, os babacões são como cães de caça. Porque no minuto em que *consigo* encontrar um cara felizmente alheio aos 450 quilos de agressividade masculina que atuam na linha de defesa da minha virtude, um deles descobre e mata o sujeito de susto, espantando-o.

Não estou brincando. Quando eu estava no nono ano, meus irmãos espalharam que, se sua irmãzinha não chegasse virgem à formatura, eles iam proibir todas as pessoas da escola de comer na famosa pizzaria do meu pai. Qualquer pessoa em Chicago sabe que essa é uma das ameaças mais terríveis que você pode fazer.

Dá para acreditar que funcionou? Eles conseguiram fazer todos os *meus* amigos se certificarem de que minhas pernas continuariam fechadas, e os amigos deles também. O que é de fato uma droga, pois muitos daqueles caras eram realmente gatos. Eu lhe pergunto, de que vale ter irmãos mais velhos se você não tem o benefício de ter uma fonte interna de potenciais namorados?

Graças a Deus, passei um semestre da faculdade em um programa de intercâmbio na Universidade de Nova York, onde conheci Chuck. E Dave. Então... humm... Will. Cara, *aquele* ali tinha um belo fôlego!

Provavelmente fiquei conhecida como a aluna mais fácil a passar pela Universidade de Nova York, mas eu sabia que estava potencialmente repondo uma vida inteira sem sexo durante aqueles três meses. O caramba que eu não ia transar com a maioria deles!

Claro que, do que aprendi sobre sexo desde aquela época, eu sei que não cheguei nem aos pés de tudo que *pode* ser feito. Grande suspiro aqui.

Não, eu não aprendi muito sobre sexo. Mas voltar para casa na condição de maníaca sexual, e então ser obrigada a espiar avidamente por sobre os ombros dos meus irmãos imensos para conseguir vislumbrar um pedacinho de um bumbum masculino lindo, e nunca conseguir ver *nadinha*, me deixou um pouco frustrada. Frustrada o suficiente para fazer justiça com as próprias mãos. Literalmente. E, como a minha imaginação só foi até aí,

praticamente o arroz e feijão da escala sexual, eu fazendo o papel do arroz, eu tive que fazer um pouco de pesquisa.

Eu gosto de pesquisar. E sou boa nisso. O suficiente para adotar essa como a atividade que paga minhas contas enquanto finalizo meu mestrado em Jornalismo.

Resolver quebra-cabeças e meter o nariz em histórias alheias é algo em que sou boa desde pequena, quando costumava espionar meus irmãos e suas namoradas. O que posso dizer? Adoro conhecer as coisas. Não explorar segredos, e eu nunca recorri à chantagem. Bom, tudo bem, de vez em quando, quando Mark ou Nick decapitavam um dos meus bichos de pelúcia ou amarravam minhas Barbies nas linhas de seus trens de brinquedo, pode ser que eu tenha usado meus conhecimentos em benefício próprio. Mas isso não era frequente.

Na maioria das vezes, eu nem fazia nada com as coisas que descobria. Só gostava do processo de seguir os passos até chegar a uma conclusão. Ver se as coisas que eu *pensava* que tinham acontecido de fato tinham acontecido.

Para alguém com uma imaginação fértil como eu, chegar a tal conclusão podia ser uma viagem e tanto. Meu irmão mais velho, Tony, uma vez comentou que se eu encontrasse uma moeda na calçada, eu inventaria todo um cenário de um assalto a banco no qual os ladrões deixaram a moeda cair, em vez de simplesmente recolhê-la do chão e comprar um monte de doces, como qualquer criança normal faria.

Acho que ele estava certo. Em vez de avaliar o panorama geral, eu, às vezes, tendia a enxergar um cenário além.

Então, depois de obter um pequeno vislumbre do sexo, certamente eu ia compor todo um enredo na minha mente sobre o quão bom poderia ser. Daí a minha pesquisa sobre o assunto. Eu sempre fui muito detalhista. Deus me ajudasse se um dia mamãe fosse ao meu apartamento para “ajudar” enquanto eu estivesse fora da cidade e aí resolvesse limpar meu armário. Se ela visse meu estoque de brinquedos sexuais, ia ter um ataque do coração e achar que sou uma viciada em sexo.

Não sou. Sou apenas frustrada. Se você nunca tivesse sido tocada intimamente por alguém que não a costureira durante a prova do vestido de

madrinha de algum casamento, você também não seria?

Vestidos de madrinha de casamento. Devo dizer que estou montando uma coleção e tanto. Aproveitando o assunto, alguém aí sabe *por que* essas coisas sempre são extremamente feias?

Tudo bem, de volta ao toque íntimo. Você deve saber, essa coisa de fazer prova de vestido não é tão imprópria quanto parece. A costureira era uma de minhas cunhadas. E a única parte privada do meu corpo que ela tocou foi o sutiã, quando mediu meu busto.

De qualquer forma, sim, acredite no que digo, não é fácil navegar por um mar de testosterona e ficar tentando manter sua cabeça acima da água. Mas de algum modo eu consegui isso por 25 anos; daí percebi, alguns meses atrás, que, se eu não me afastasse um pouco, iria me afogar.

Eu provavelmente poderia ter conseguido um emprego em um jornal qualquer depois da formatura na faculdade, há dois anos. Mas alguma coisa me segurou. Talvez a constatação de que eu não estava farta da aprendizagem. Então, depois de economizar dinheiro trabalhando na pizzaria da família durante um ano, eu voltei à escola e à rotina de me perder em histórias intrincadas que eu, e somente eu, poderia decifrar.

Minha família não me entende. Quando voltei ao restaurante, papai achou que eu ia ficar lá em período integral, o que teria sido bem conveniente para ele. E mamãe só quer me ver casada e grávida.

Hum... não. Não vai acontecer. Não tão cedo, pelo menos.

É por isso que há muito tempo resolvi cair fora de Chicago em busca de um relaxamento mental muito necessário e, esperançosamente, um pouco de estímulo físico. Então aceitei a oferta do meu professor de psicologia para me tornar sua assistente de pesquisa em um trabalho fora da cidade. E é por isso que agora estou em meu carrinho, comprado com meu dinheiro, muito obrigada, subindo uma montanha na Pensilvânia em direção a um lugar chamado Casa Seaton.

E é por isso que estou prestes a fazer xixi nas calças.

Porque, para ser totalmente sincera, na primeira vez que vi as fotos do lugar, eu fiquei morrendo de medo. Senti um calafrio esquisito. Até mesmo me flagrei imitando minha avó Rosalita, fazendo o sinal da cruz

instintivamente, do jeito como ela fazia quando um de seus netos cometia o erro de falar palavrões na frente dela. Ou de criticar o Tony Bennett.

Eu nunca pensei que uma construção pudesse parecer tão ameaçadora. Soa melodramático, eu sei, mas é verdade.

Quando fui ler exatamente o que tinha acontecido na mansão, a qual fora transformada em um hotel em algum momento na década de 1930, o calafrio foi se espalhando por todo o meu corpo. Com sua história macabra, a Casa Seaton seria apavorante mesmo que se assemelhasse a um chalé da vovó no meio da floresta. Não é preciso nenhuma imaginação fértil no que diz respeito ao local, sua história real já é dramática o suficiente.

– É só uma casa – sussurrei, precisando ouvir alguma coisa para disfarçar o barulho dos trovões e da chuva que martelava o teto do carro.

Eu não liguei o rádio. Não precisava de distrações.

Por alguma razão, aquilo me fez pensar em como eu costumava rir do jeito como meu pai desligava o rádio automaticamente ao dirigir durante uma tempestade. Ele falava assim: “*Shhh, não consigo ver com todo esse barulho*”. Eu nunca entendi isso.

Agora entendo. Eu precisava de concentração para focar nas curvas inesperadas e nos acostamentos molhados, acho que eles nunca ouviram falar de placas de sinalização por aqui. Eu conseguia imaginar facilmente meu belo carrinho e meu belo corpinho voando pelo penhasco e pousando no rio a uns mil quilômetros abaixo.

– Está tudo bem – sussurrei de novo. – Quase lá, quase lá.

Depois de nove horas no carro, eu tinha que estar chegando. Aquele mapa inútil que cacei na internet previa algumas horas a menos na estrada. Claro, ele não tinha como prever aquela tempestade. Ou a montanha cuja estrada parecia em um ângulo de 90 graus.

Ou a visão do inferno que aguardava por mim no topo da montanha, o que provavelmente explicava por que meu pé estava tendendo a pisar no acelerador levemente.

– Não seja covarde – falei, pensando no quão humilhante seria se meus irmãos descobrissem que eu estava com medo de uma casa velha. Só porque ela parecia ter saído diretamente de um filme de terror. Bem, por isso... e

porque um serial killer condenado, Josef Zangara, tinha morado lá na década de 1930. Ao transformar sua mansão em um hotel exclusivo, ele e seu sócio foram muito bem-sucedidos. Mas isso não fora suficiente para Zangara, que começou a divertir-se *de verdade* sequestrando e assassinando vítimas inocentes da cidadezinha à sua volta.

Era uma surpresa que o hotel gerido não tivesse sido incendiado por uma multidão enfurecida quando os crimes de seu proprietário foram descobertos. Pelo que fiquei sabendo, seu sócio, que assumira a Casa Seaton inteiramente, comprando a parte da viúva depois do julgamento e execução de Zangara, chegara a contratar seguranças armados para cuidar do lugar nos primeiros anos após os crimes.

Que bom, porque, se ela tivesse sido destruída, eu não teria esse emprego. Meu professor estava me pagando para coletar informações para seu livro a respeito de assassinos em série menos conhecidos, aqueles que, de alguma forma, tinham escapado do radar da maioria dos textos históricos. E Zangara estava incluído aí.

A remuneração pareceu ótima, e ideia de sair de Chicago, melhor ainda, embora, sinceramente, eu estivesse feliz porque ia estar em casa no Dia das Bruxas. Eu com certeza não conseguia me enxergar passando *aquela* noite na Casa Seaton.

Na verdade, eu não conseguia me enxergar passando *qualquer* noite lá. Eu nunca me imaginaria subindo aquela montanha, morta de medo, bem depois do anoitecer e no meio de uma tempestade. Eu esperava chegar em uma tarde agradável de um outono ensolarado, assim eu poderia fingir que estava tudo bem. Por que foi mesmo que achei que essa coisa de assistente de pesquisa era uma boa ideia?

Eu não tive mais tempo para divagar porque, de repente, como se meu carro tivesse sido conduzido a uma outra dimensão, virei pela curva e vi a figura enorme do hotel diretamente na minha frente.

– Caramba – murmurei, sentindo meu coração batendo loucamente.

Freando com força e parando no estacionamento, fiquei ali estática. Espiei através do para-brisa salpicado pela chuva aquela casa sombria e imensa em contraste com o céu da noite tempestuosa. E engoli em seco.

A Casa Seaton tinha três andares, mais de quatro mil metros quadrados de área construída e era uma mansão em estilo gótico. A construção em forma de arco lembrava as basílicas da Itália, e as gárgulas pareciam ter saído da Catedral de Notre Dame.

Aquelas torres pontiagudas já eram ameaçadoras nas fotos tiradas durante o dia. À noite, e com todos aqueles relâmpagos, pareciam capazes de empalar as cabeças das mulheres assassinadas de Henrique VIII.

– Chega – rebati em voz alta, tentando frear minha imaginação. – Apenas admire a casa.

Então eu o fiz. Permaneci sentada lá e fiquei observando o lugar.

Comecei a achar misterioso aquele hotel, e não mais assustador.

Meu coração parou de martelar e minhas mãos pararam de tremer. Era apenas uma construção, um estabelecimento comercial.

Só uma antiga casa que havia sido transformada em hotel.

Eu queria suspirar de alívio. Ajeitei o carro na vaga e me aproximei mais um pouco, avaliando o lugar o tempo todo.

Obviamente, o milionário que o havia construído tivera todos os delírios de grandeza. A apresentação da casa dizia tanto sobre seu construtor quanto seu projeto dramático. De sua varanda imensa ele podia observar tudo e sentir-se um rei.

Mas seus delírios não foram o suficiente para salvá-lo, algumas décadas mais tarde. Seu canto do cisne supostamente fora um salto do próprio penhasco, em 1929, depois de perder todo o seu dinheiro durante a grande queda da bolsa.

Foi quando Zangara entrou em cena. Ele era um imigrante italiano, supostamente o filho de um monarca. E imediatamente se tornou conhecido por seu interesse pelas belas jovens que viviam na cidade no sopé de sua montanha. E boa quantidade delas acabara por desaparecer durante o tempo em que ele vivera ali.

– Zangara – murmurei, imaginando instantaneamente uma fotografia que eu tinha visto do sujeito. Era moreno e bonito, com um rosto juvenil, cabelo preto grosso e espesso, olhos castanhos impressionantes. Parecia qualquer coisa, exceto um ser cruel. Na verdade, tirando seu bigode guidão, ele era

um gato. Eu não fazia ideia de como uma jovem da cidade de Trouble podia ter sido capaz de resistir caso ele meneasse um dedinho para ela.

E provavelmente foi por isso que ele conseguiu se safar durante tanto tempo. O sujeito era encantador e belo, um príncipe. Fora cobiçado por todas as mulheres da cidade, muito embora fosse casado. E, ao trazer um sócio e transformar seu palácio em um hotel público, provendo empregos para um monte de gente carente da cidade, tornou-se um salvador.

Quem teria desconfiado de que ele estava por trás do desaparecimento de uma enorme quantidade de camareiras e balconistas durante a Grande Depressão?

Zangara obviamente era o motivo para eu estar ali, a pedido do professor Tyler. Depois de ter sido julgado e condenado pela morte de 15 mulheres, e suspeito de ter matado muitas mais, ele tornou-se surpreendentemente desconhecido. Nunca foi nem mencionado nos anais dos assassinos mais terríveis dos séculos XIX e XX.

Tyler queria saber o motivo. E não eram apenas minhas ambições no jornalismo investigativo as culpadas por eu também querer conhecer o motivo. Para ser franca, eu estava fascinada por aquela história.

Eu estava pronta. Sentia-me calma e serena. Zangara estava morto há tempos, eletrocutado e enterrado. Tudo ficaria *bem*.

No entanto, não pude evitar notar, e me preocupar, com o quão vazio o lugar parecia. Estava escuro, exceto por algumas janelas no térreo. Não havia iluminação alguma nos andares superiores, com exceção de uma leve oscilação de luz na janela mais alta no lado norte.

Bem, talvez os hóspedes dormissem cedo. O que poderia ser bom... depois de nove horas no carro, meu cabelo devia estar um horror. Assim, a privacidade era uma coisa boa. Com sorte eu poderia simplesmente fazer o check-in e escapulir para o meu quarto, ter uma boa noite de sono e então, no dia seguinte de manhã, me encontrar com Roger Denton, o atual proprietário da Casa Seaton.

Esse era o plano, de qualquer forma.

Então, respirando fundo e pegando minha pequena bolsa de viagem, eu abri a porta.

E fiquei encharcada imediatamente. A chuva me lavou inteira assim que enfiei a cabeça para fora.

– Mas que inferno – murmurei, enquanto saía do carro, minhas botas de couro pretas ficando ensopadas.

Sem parar para trancar o carro, corri para a frente do hotel. Derrapando e deslizando no cascalho molhado, mantive a cabeça abaixada para proteger o rosto e subi pela escadaria da varanda. Sacudindo meu cabelo molhado, gemi, imaginando como devia estar minha aparência agora, com os cachos grossos e escuros grudados nas bochechas e aderindo aos cílios.

Nem o Zangara em pessoa ia me querer agora.

Enquanto estava de pé na varanda, olhei para fora, em direção ao meu carro no estacionamento, pegando meu chaveiro para trancá-lo a distância. Meus irmãos eram tão preocupados comigo que tinham instalado um sistema antifurto todo chique, com todos os alarmes e sinetas a que se tem direito.

E, assim que apertei o botão e vi os faróis piscarem em reação ao meu gesto, de repente me dei conta de uma coisa estranha. Uma da qual eu devia ter me tocado assim que cheguei.

Meu lindo carrinho amarelo estava sozinho lá fora, no estacionamento. Não havia nenhum outro carro à vista. Em *lugar algum*.

– Você está sendo boba – murmurei, ajeitando o cabelo molhado para trás e andando até a porta da frente. Meu caminhar não estava sendo lá muito seguro, mas fiz o melhor que pude, apenas no caso de alguém estar olhando pela janela.

Agarrando a maçaneta, eu a retorci e... percebi que estava trancada. Que estranho. Eu nunca tinha ouvido falar de um hotel público que trancava suas portas quando estava à espera de hóspedes. Principalmente considerando que ainda eram 21 horas.

Suspirando, levantei a minha mão e agarrei a aldrava ornada em bronze. Batendo-a com força contra a porta, esperei. E esperei. E esperei um pouco mais.

– Vamos lá, está um frio dos diabos aqui fora – resmunguei, enquanto batia novamente.

Um pouco mais de espera.

Ficando realmente irritada, ergui a argola usando as duas mãos e bati com força contra a placa de bronze, golpeando algumas vezes, do mesmo jeito que eu costumava fazer com a cabeça dos meus irmãos e uma raquete de pingue-pongue quando eles pegavam no meu pé.

Dessa vez, alguém atendeu. Só que eu estava em riste para bater mais uma vez, e a porta foi aberta tão depressa, quase com violência, que eu tombei para frente. Tropeçando em minhas botas molhadas e escorregadias, derrapei, deixando minha bolsa cair no piso escorregadio durante o processo.

Mas não me esborrachei no chão. Aterrissei em algo duro. Algo *realmente* duro. E grande. E quente.

Algo que tinha um cheiro absolutamente pecaminoso, almiscarado, forte e masculino.

Cerrei os dedos quando percebi que tinha caído diretamente nos braços de um homem desconhecido, cuja figura deliciosa e cheirosa era a única força que me mantinha de pé.

Uma pessoa normal iria se afastar e começar a gaguejar um pedido de desculpas, certo?

Fechei os olhos e permaneci onde estava.

Como não o fazer? Ele era a personificação do calor, e eu estava congelando. E ele tinha um perfume... ai, Deus, *incrível*. Era como se eu estivesse flutuando na essência dele a cada inalar.

– Hum – gemi, abrindo meus olhos novamente. Embora a luz estivesse fraca, dava para distinguir facilmente os músculos filamentosos do pescoço dele. Dava para notar a pulsação na garganta, a meros centímetros da minha boca.

Meus dedos estavam cravados no tecido branco e macio da camisa dele, a qual não escondia muito aquele peito firme.

*Coloque suas mãos no alto e afaste-se do gostosão.*

Mas eu não conseguia me afastar. Sequer olhar para cima. Porque, assim que eu o fizesse, assim que visse a confusão ou diversão no rosto daquele desconhecido, aquele momento inebriante e surreal acabaria.

Ele seria apenas mais um sujeito qualquer. Assim, depois de uma breve espiada satisfeita na mandíbula forte, quadrada e delineada por uma camada escura de barba por fazer, eu olhei para baixo.

A camisa de botão do desconhecido estava aberta quase até a metade, revelando um redemoinho de pelos escuros e cacheados e de ondulações de músculos flexionados. Logo abaixo da clavícula, notei a borda enrugada de uma cicatriz recente, que desaparecia sob o tecido. Por algum motivo maluco, eu quis levantar a mão e roçar meus dedos ali. Para aliviar a vermelhidão. Para estremecer enquanto imaginava como ele havia se machucado.

*Lottie, acorde!*

Não. Ainda não. Eu não *queria*.

Minhas pernas molhadas, cobertas pelo jeans, estavam quase entrelaçadas às do sujeito, e mesmo através do tecido encharcado, e da própria calça escura dele, eu conseguia sentir o calor poderoso daquelas coxas. Nossa posição era quase sexual, com uma de suas pernas presa entre as minhas, então não fiquei nem um pouco surpresa quando meu corpo reagiu de uma forma típica.

O tremor em minhas coxas agora não tinha nada a ver com meu tropeço ou com minhas botas molhadas. Meus mamilos endureceram de encontro ao meu suéter fino. E eu sentia um fluxo de umidade entre as pernas enquanto meu sexo inflava contra a costura da calça jeans.

– Você está bem? – perguntou ele, a voz baixa e densa. A maneira como ele pronunciou o “está”, com o sotaque meio arrastado, dava uma pequena pista de que ele era do Sul.

Eu pensei na pergunta. Eu estava bem? Não mesmo. Estava ávida e com tesão, mesmo molhada e congelando. Eu estava excitada por causa de um completo desconhecido, cujo rosto eu ainda não tinha visto e que permanecia cingido nas sombras enquanto a chuva ainda batia lá fora e um vento forte de outubro soprava pela porta da frente aberta.

– Você está consciente? – perguntou ele.

Aquela voz penetrou a névoa nebulosa de consciência sensual que vinha preenchendo minha cabeça. Piscando rapidamente, pigarreei e, devagar, me

afastei. Lamentei pela perda do calor dele no momento em que o ar fresco noturno se pôs entre nossos corpos.

– Eu estou bem – consegui sussurrar.

Então olhei para cima e vi o rosto dele. E meu coração parou. Sob a luz sombria de um cômodo próximo, dava para distinguir a cicatriz fininha que maculava a perfeição da testa dele. Prendi a respiração e me dei conta de que seu cabelo era da cor do azeviche. Assim como o de Josef Zangara. Os olhos... também eram quase negros. Tais quais os de Zangara.

Ele parecia feroz. Parecia proibitivo. E parecia um serial killer.

Eu definitivamente *não* estava bem.

– Ai, meu Deus – sussurrei, já recuando em direção à porta.

Balançando a cabeça, rapidamente escolhi a tempestade em detrimento dos fantasmas do lugar. Quando meus pés atingiram o limiar da soleira, eles não pararam mais, indo cada vez mais longe.

Ele me acompanhou, aqueles olhos escuros intensos se estreitando quando deu um passo lento em minha direção, como uma espécie de gato gracioso, porém mortal, perseguindo sua presa.

Gracioso. Mortal.

Sim. Isso o resumia muito bem. Porque, embora meu cérebro dissesse que era impossível, que eu não acreditava em fantasmas, eu não conseguia deter o medo que corria dentro de mim. Já mencionei que minha imaginação costuma fazer hora extra em algumas situações? Bem, agora ela era merecedora do triplo da remuneração por isso.

– Não se aproxime – sussurrei.

– Quem é você? – perguntou ele. – O que você quer?

Simplesmente não ser abatida por um fantasma assassino ou pela reencarnação de um serial killer. Era só isso que eu queria. Voltar ao meu carro, pisar fundo e acelerar montanha abaixo.

## Capítulo 2

*Simon*

SIMON AINDA estava dispersando a tensão e o trauma pelo que tinha visto na tela de seu laptop quando as batidas à porta da frente finalmente irromperam em sua consciência. Ele não estava acostumado a receber visitantes. Apenas uma faxineira de uma empresa de limpeza local, um carteiro e, às vezes, um entregador da mercearia. De vez em quando, o velho sr. Potts, que recentemente havia adquirido a maior parte da cidade de Trouble, também dava uma passadinha. Fora isso, ele vivia na mais completa solidão.

Exatamente como desejava.

Sendo assim, ele não fazia ideia de quem estaria batendo à sua porta durante uma noite de tempestade violenta. Só sabia que não gostava da intromissão, não agora, não quando ainda estava tão preocupado com o que havia acabado de acontecer. Duvidar da própria sanidade já era algo difícil o suficiente de fazer. Diante de visitantes inesperados, e indesejados, era mais do que ruim.

Quando ele abriu a porta, pronto para avisar à pessoa do outro lado para interromper as batidas incessantes antes que sua cabeça explodisse, certamente não esperava que uma mulher caísse em seus braços. Ou que permanecesse neles.

Ou que fosse tão linda.

Durante longos momentos, ele ficou imóvel, absorvendo o prazer surpreendente pelo contato físico. Fazia tempo que não experimentava algo assim, e, até aquela desconhecida de cabelo escuro pousar em seu abraço, ele realmente não tinha se dado conta do quanto sentira falta daquilo.

O corpo macio cheio de curvas e a pele de cheiro adocicado o fizeram se lembrar de que fazia longos e celibatários quatro meses que ele não tocava em uma mulher. Considerando o quanto *gostava* de tocar nas mulheres, era uma surpresa que não tivesse explodido de pura frustração sexual até então.

Como um escritor itinerante de guias de viagem e colunista de jornal, Simon ganhava muito bem. E, como alguém que havia nascido cheio de confiança e capacidade de contornar as defesas de praticamente qualquer mulher sensual e desinteressada, ele nunca ficava sem companhia feminina.

Mas não era mais aquele homem. Uma voz interior de raiva e pesar, que podia ser sua consciência ou apenas seu lado sábio, estava sempre presente agora, lembrando-o a respeito de Charleston. E isso sempre o deixava ciente do quanto podia ser ruim ceder ao seu apreço pelas mulheres. Sair de um bar com uma desconhecida já parecia arriscado apenas no sentido sexual da coisa toda, e nunca, nem em seus sonhos mais loucos, ele poderia imaginar como aquela noite acabaria. Sangrenta.

E fatal.

Qualquer homem iria querer distância de belas desconhecidas depois que a mulher que ele conhecera num bar acabara por se revelar armada e violenta. A lourinha em Charleston, e seu cúmplice, que seguira ambos até o quarto de hotel de Simon naquela noite, não roubara apenas seu dinheiro. Também roubara sua fé na honestidade de desconhecidos. Sendo assim, ele deveria ter se mostrado muito mais cauteloso com a morena que pousara em seus braços essa noite.

Mas, por algum motivo, ele ignorou sua cautela. Algo havia despertado dentro dele. Seu lado sensual há muito inativo, imaginava Simon. Fosse o que fosse, ele tinha gostado de sentir aquela estranha de encontro ao seu corpo. E ela também gostara, dava para notar pelos pequenos suspiros

emanados, pela entrega suave de seu corpo contra o dele e pelo cheiro quente e feminino que exalava.

Mas algo tinha mudado. Porque a mulher agora estava se afastando dele, com horror nos olhos.

Um rugido começou a crescer na cabeça de Simon e todo o seu corpo ficou tenso quando outra imagem substituiu aquela à sua frente. Outra mulher, outro pátio. Um grito. Um mergulho.

– Por favor, pare – disse ele, forçando as palavras a saírem enquanto afastava as lembranças e se concentrava no momento presente.

Ela recuou um pouco mais, até os saltos das botas pousarem perigosamente na borda dos degraus. Embora fossem apenas alguns metros até o chão, e não onze andares, tal como ocorrera em junho, quando ele testemunhara uma mulher caindo, Simon simplesmente não podia deixar aquilo acontecer. Não dessa vez. Então, sem aviso, ele saltou e agarrou o braço da morena, apertando seu pulso com muita força.

Ela lutou, tentando se desvencilhar.

– Solte-me.

A própria luta para se soltar a colocou na iminência da queda, e Simon passou um braço em volta de sua cintura, a fim de afastá-la da beirada.

– Você está quase caindo. – Então ele a segurou com uma firmeza delicada, esperando que ela se acalmasse. E rejeitou o prazer que sentiu por tê-la em seus braços novamente, lutando contra o impulso perverso de abarcar seu bumbum para impedi-la de se mexer. Ou para mantê-la exatamente onde estava.

– Será que dá para relaxar e me dizer quem é você e o que deseja?

Ela finalmente parou de se contorcer, o que era uma coisa boa. Devido às suas formas curvilíneas, ainda era bom demais sentir aquele corpo pressionado contra o dele.

Uma vez que Simon teve certeza de que a moça havia relaxado, ele a soltou e deu um passo para trás, erguendo as mãos para demonstrar que não havia ameaça. A chuva ainda caía forte e um relâmpago intenso explodiu no céu, iluminando tudo ao redor durante alguns segundos antes de mergulhá-los de volta na quase total escuridão. Mas aquele lampejo breve, juntamente

à visão que ele tivera de seu decote quando ela estivera em seus braços, convencera de uma coisa.

Aquela mulher era esplêndida.

Toda aquela cabeleira escura e densa, caindo em volta do rosto molhado feito uma cortina, só fazia enfatizar a maciez da pele, a maneira exótica como aqueles olhos escuros se inclinavam ligeiramente nos cantos. Os lábios dela eram carnudos e tremiam, de nervosismo ou de frio. As maçãs do rosto eram proeminentes, o queixo, esbelto. E o pescoço, gracioso, delicado. Linda.

Porém assustada.

Agora, entretanto, ela parecia mais calma. Durante o relâmpago, ela o fitara com intensidade equivalente; e, o que quer que tivesse visto, servira para aquietá-la.

– Sim – sussurrou ela. – Acho que recuperei minha sanidade.

– O que a assustou? – perguntou ele, tentando manter a voz baixa. – Tem alguém perseguindo você?

Ela balançou a cabeça.

– A tempestade?

Ela negou com a cabeça outra vez. Então sussurrou:

– Desculpe, por um segundo, tive medo de *you*.

Enrijecendo, Simon percebeu que já devia ter imaginado. Toda aquela porcaria de cidade já não tinha medo dele? Pelo menos medo do homem sobre quem tanto cochichavam, o único que não tinha muita semelhança com o verdadeiro Simon. Os fofoqueiros haviam interpretado tudo errado.

Bem, *praticamente* tudo. Os rumores de que ele tinha matado alguém eram mais precisos do que ele gostaria de admitir.

– Eu não tinha enxergado você direito até o momento em que o relâmpago iluminou tudo – acrescentou ela.

Eram dois, então. Embora ela tivesse lhe parecido perfeitamente disposta a *apalpá-lo* para conhecê-lo. Não que Simon a culpasse por isso, já que havia sentido exatamente essa mesma vontade.

– Você não é... Puxa, isso vai soar tão estúpido, mas eu pensei que você fosse... outra pessoa. Eu só vi o cabelo e os olhos escuros, daí exagerei. – Ela

riu suavemente, e, mesmo estando a alguns passos de distância, Simon reagiu àquele som rouco. – Claro, você não tem aquele bigode guidão horroroso.

Ele deu uma gargalhada.

– Hum, não, definitivamente não.

– E você é mais desarrumado, tem um visual mais bruto.

Ele não sabia se devia sentir-se ofendido ou não. Mas imaginava que ela estivesse certa. Ele *estava* desarrumado. Já não se barbeava há alguns dias e ajeitara o cabelo somente com as mãos naquela manhã, depois do banho. Também tinha perdido peso durante sua recuperação, de modo que as roupas estavam largas.

Seus amigos e colegas em Baton Rouge não o reconheceriam. Definitivamente, a imprensa também não. Presente em jornais de todo o país e figurando com alguns títulos na lista dos livros mais vendidos, ele não podia ser chamado exatamente de celebridade... mas as pessoas sabiam o nome dele. Os jornais de sua cidade natal, pelo menos, tinham se acostumado a rotulá-lo como um playboy viajante, que arranjava uma mulher em cada cidade que visitava.

E as notícias provavelmente haviam chegado a Charleston. Simon apostava que os comentários sobre o episódio *Atração Fatal* tinham se espalhado.

Ah, eles estavam *tão* errados!

– Obrigado – disse ele finalmente. – Eu acho.

Ela riu novamente.

– Bem, quero dizer, é uma coisa boa. Você não se parece com ele, e com certeza está bem vivo.

Simon pensou e percebeu que aquilo não estava longe de ser verdade. O encontro entre eles o havia afetado mais do que ele imaginara.

Pigarreando nervosamente, ela acrescentou:

– Quero dizer, você não se parecia com um fantasma ou qualquer coisa assim. Estúpido, eu sei, mas fiquei com medo.

Um fantasma. Hum. Três meses atrás, sim, isso teria soado incrivelmente estúpido para ele. Mas não tanto agora, porém. Não depois das coisas que

tinha visto e sentido desde que se mudara para lá. Espectros pareciam uma explicação tão provável quanto qualquer outra para as coisas loucas que vinham acontecendo desde que ele tinha se realocado àquele cantinho na Pensilvânia, num esforço para fugir de seu passado.

Todas as vezes que ia visitar seu tio Roger na Casa Seaton, antes de sua trágica morte prematura, em junho do ano anterior, Simon sempre adorara a aura misteriosa do antigo hotel. Seu tio costumava relatar sobre o passado sombrio e secreto da Casa Seaton, e tinha prometido um dia lhe contar sobre como o imóvel adentrara na família, algumas gerações antes, por meio do bisavô de Simon.

Simon nunca sonhara que esse *um dia* não fosse chegar. Que seu tio seria levado de maneira tão chocante poucas semanas antes de seu próprio mundo virar um inferno.

Mas Simon sempre ridicularizara a ideia de que havia algo sobrenatural acontecendo naquele lugar. Mesmo sendo dono de uma casa perto de Nova Orleans, região altamente supersticiosa, Simon nunca acreditara nessa coisa de ocultismo. Mas morando ali na Casa Seaton há três meses... bem, ele desejava que aquela conversa com seu tio tivesse acontecido.

A morena estava observando-o, hesitante após sua única confissão meio brincalhona de que o havia confundido com um fantasma. E ele não ia estimular a imaginação dela. Não abriria a boca para falar a respeito de um assunto tolo como aquele.

– Bem, eu não sou um fantasma – disse ele, começando a endurecer e a se afastar emocionalmente, do mesmo jeito que vinha fazendo nos últimos meses. Agora que a moça havia se acalmado e se afastado da beiradinha da varanda, e *dele*, Simon se voltava para a dúvida mais urgente: – Então me diga, o que você está fazendo aqui?

Um novo relâmpago fez Simon perceber que a mulher havia se aproximado da porta e, de fato, buscava a maçaneta.

– Não me lembro de tê-la convidado para entrar. – Aquilo não pareceu perturbá-la. Ela abriu a porta assim mesmo e entrou na casa como se morasse ali.

Mas não morava. E ele queria ficar sozinho. Afinal, ele ainda não estava se recuperando das feridas da última vez em que deixara isso acontecer?

Um aborrecimento real começou a se enveredar dentro dele.

– Você já ouviu falar de respeito à propriedade privada? – questionou ele enquanto a acompanhava pelo saguão mal iluminado.

– Não existe luz neste lugar?

– Estamos sem energia.

Pegando sua bolsa do chão, a mulher caminhou em direção ao escritório. Seus sapatos faziam um som engraçado, como se esguichassem água.

– Então, de onde está vindo *aquela* luz ali?

– Bem, sim, é claro, sinta-se em casa – murmurou ele, sem qualquer tentativa de esconder seu sarcasmo.

Incapaz de acreditar que estava seguindo uma completa desconhecida pela própria casa, Simon a ultrapassou. Daí entrou em seu escritório, posicionando-se sob o vão da porta para bloquear a passagem.

– Tenho algumas lanternas. Agora, você se importaria de responder às minhas perguntas? Quem é você e o que pensa que está fazendo se intrometendo na minha casa?

– Sua *casa*? – Uma das sobrancelhas se ergueu em surpresa. Ali, mais perto da luz da lanterna, Simon tinha uma visão mais nítida do rosto da morena, do rubor em suas bochechas e do tremor nos lábios que lhe informavam que ela estava com frio.

– Sim, minha casa – murmurou ele, enquanto liberava o caminho a contragosto e gesticulava para que ela entrasse.

– Esta é a Casa Seaton, não é?

Ele assentiu. A mulher abriu a boca para continuar, mas, antes que pudesse fazê-lo, soltou alguns espirros curtos. Simon apontou para a lareira.

– Vá para lá. Você parece prestes a rachar de frio.

Ela não hesitou, correndo em direção ao fogo. Então estendeu as mãos, e Simon percebeu que elas estavam tremendo.

Que beleza. Uma pária molhada e congelada havia aterrissado à sua porta, intrometendo-se em sua solidão. Ele finalmente estava voltando ao trabalho, retornando à escrita depois de um longo hiato durante sua recuperação. Na

verdade, antes de aquela imagem estranha aparecer na tela de seu computador nessa noite, ou a imagem que ele *pensava* ter aparecido, Simon de fato conseguira produzir oito páginas do guia de viagens que havia sido contratado para escrever.

Ele precisava finalizar o livro. Era o primeiro passo para voltar a recuperar sua vida. Retornar ao seu lugar no mundo, por mais diferente que ele pudesse estar.

E, para obter êxito, precisava ficar sozinho. Sem distrações. Sem lembretes do quanto havia sido um idiota ao permitir que o desejo físico tomasse o lugar do bom senso.

Ele quase pagara por isso com a vida. E, em seus momentos mais obscuros, desconfiava ter pagado *de fato* com a própria alma.

Mas ele não estava completamente alheio às sutilezas sociais. Sair empurrando a mulher de volta ao carro não lhe parecia um gesto lá muito cavalheiresco.

Não que ele tivesse sido acusado de ser um cavalheiro. Pelo menos não recentemente. “Animal mal-humorado” fora, acreditava ele, o epíteto dito por uma de suas visitantes indesejadas da cidade há mais ou menos uma semana, enquanto ela saía expulsa da propriedade.

Ainda assim, ele simplesmente não conseguia se enxergar obrigando a desconhecida a pegar a estrada novamente durante aquela tempestade. Ela iria embora no instante em que a chuva parasse. No *exato* minuto em que parasse.

Tremendo em frente ao fogo, a mulher tirou seu casaco, jogou-o diante da lareira e absorveu o calor ao máximo.

Hum... Talvez não no *exato* minuto.

Porque, diabos, a morena tinha as formas de uma garota de revista. Já era ruim o suficiente que fosse dona daqueles olhos grandes e escuros e daquele rosto bonito. Ela precisava mesmo ter aquelas curvas de dar água na boca também? Mesmo a vários metros de distância, Simon reagiu, um fluxo quente de desejo familiar tomando-o e pulsando em sua virilha.

*Não, de novo não. Você é um homem diferente.*

E ela era uma mulher diferente. Não era uma loura fácil usando saia curta e apertada e lhe lançando olhares sensuais num bar lotado em uma noite quente de junho.

Espiando seu copo de bebida meio vazio na mesinha de centro, ao lado do laptop, Simon foi até lá e tomou o uísque puro, lentamente. O álcool só fez aumentar o calor, e não ajudou em nada para acalmá-lo.

Ele não conseguia parar de olhar para ela. A calça jeans preta estava grudada nos quadris generosos e nas pernas. A barra desaparecia dentro de botas pretas de salto alto.

O suéter vermelho delineava a cintura delgada e se agarrava aos seios generosos.

Correção. Mais. Do. Que. Generosos.

A mulher estava *realmente* em forma. Ele cerrou os dedos ao se imaginar abarcando aqueles seios, roçando os dedos nos mamilos contraídos, tão sensuais e convidativos contra o suéter.

Ela virou-se, então seu bumbum cheio de curvas ficou bem diante das chamas. Sorrindo, quase ronronando de prazer, ela fechou os olhos. Obviamente ansiando por mais, ela separou os pés um pouco, confessando silenciosamente que desejava que as ondas de calor deslizassem entre as coxas úmidas.

Simon enrijeceu. Mas não tirou os olhos de cima dela.

Ela sorvia o calor. Entregava-se a ele. E então sorriu e suspirou de prazer com aquela sensação.

Enquanto estava parado ali, observando, o desejo lânguido de Simon de repente se transformou numa avidez furiosa. Foi repentino. Chocante. Avassalador.

Ela não era apenas linda, mas sensual e misteriosa, e parecia querer ser tocada por muito mais do que uma lufada de ar quente.

E ele sabia *muito bem* disso. Desconfiara no momento em que ela não se afastara dele depois de cair em seus braços.

Simon gostaria muito de ver aquela mulher retirar as roupas molhadas, peça por peça, e ficar ali, coberta apenas pelo brilho dourado das chamas e pelo próprio cabelo denso e castanho.

Baixando o copo sobre a mesinha, ele se aproximou. Gostaria de ver mais. Muito mais. Queria ver como ela capturaria o lábio entre os dentes quando um gemido lhe escapasse da boca no momento em que estivesse sendo acariciada. Queria ver como aqueles pequenos arrepios remanescentes no pescoço dela desapareceriam sob o calor de seu toque.

Queria ver aqueles olhos escuros se dilatando e o corpo dela se arqueando quando ele a penetrasse.

*Não.*

Ele já havia baixado a guarda perto de uma bela desconhecida uma vez. Nunca mais faria isso.

Pigarreando, Simon perguntou:

– Sente-se melhor?

Ela abriu os olhos e disse:

– Definitivamente. Meus neurônios voltaram a funcionar.

O restante dela parecia em plena forma também.

– Acho que um pouco daquela chuva fria se infiltrou na minha cabeça e me fez agir como idiota quando você abriu a porta.

– Sim, é uma boa explicação – respondeu ele baixinho, escondendo um sorriso quando viu as sobrancelhas dela se arquearem de indignação.

Ela deve ter notado uma leve pista de humor brilhando naqueles olhos.

– Espertinho. Eu estava tentando pedir desculpas por ter sido tão idiota.

– Idiota? – Ele não tinha certeza se era uma referência ao modo como ela havia se aninhado em seus braços ou ao modo como se desvencilhara deles repentinamente. Um lado dele, o lado sexual, mulherengo, preferia a última opção.

– Por achar que você fosse um fantasma ou algo assim. Você realmente não se parece com... ele.

– Ele? Por favor, me diga que você não está se referindo ao Gasparzinho – murmurou ele. – Se sou um fantasma, pelo menos quero achar que sou assustador.

Ela riu baixinho e Simon relaxou um pouco ao ouvir aquele som. Ele não estava habituado a conversar com desconhecidos. Nem a conversas e flertes

despretensiosos. Muito menos a baixar a guarda e rir. Mas agora ele se lembrava de por que, em outras épocas, gostava tanto dessas coisas.

Deus, o que havia acontecido ao homem que ele fora um dia?

Agora as bochechas pálidas da desconhecida estavam coradas, embora ele não soubesse dizer se era por causa do fogo ou do constrangimento.

– Não, claro que não. Foi uma bobagem. Culpa do longo dia dirigindo. – Contorcendo-se, ela se virou novamente para encará-lo e aquecer o lado esquerdo do corpo. Daí puxou um pouco as roupas, e o tecido molhado grudou de volta contra a pele, o jeans ainda agarrado firmemente. E o suéter... que os céus o ajudassem, o tecido macio e vermelho estava quase colado àqueles seios empinados, fartos, e aos mamilos tensos, contraídos logo abaixo.

Ele precisava de mais uma bebida.

– Passei a última hora pensando no quanto este lugar seria assustador, e em como eu pude ser convencida a vir até aqui. – Ela riu suavemente. – Mas, quanto mais o clima piorava, mais minhas pálpebras pesavam, e mais eu desejava desesperadamente apenas chegar aqui para poder ir para a cama.

Simon tossiu, feliz por não estar bebericando um gole de uísque naquele momento.

– Ir para a *cama*?

– Claro. Essa é a única coisa que me fez prosseguir, saber que haveria uma cama imensa, quente e agradável ao fim da minha viagem. – Ela deu de ombros. – Falando nisso... talvez eu devesse ir para lá e tirar estas roupas.

Simon ficou parado por um instante, tentando juntar as peças. Aí ele finalmente compreendeu. A mulher que tinha aterrissado à sua porta tinha sido *mandada* para lá. Ela havia pousado em seus braços. E havia requebrado aquele bumbum lindo, oferecendo aquele sorriso sedutor e deixando-o excitado no meio da sala só pela forma como se deleitava com um pouco do calor.

Ela, obviamente, era boa no que fazia. Muito boa. E de repente ele começou a desconfiar de que sabia o que era aquilo tudo.

– Quem mandou você? – perguntou ele. – Foi Adam? Meu agente?

Ela levantou uma sobrancelha interrogativa.

– Não, eu não conheço ninguém chamado Adam.

– Olhe, isso não importa – rebateu Simon com raiva. Aqueles seus amigos intrometidos desgraçados! Não importava de fato quem tinha feito aquilo; todos eles eram igualmente insistentes e intrusivos.

Simon não tinha dúvidas de que finalmente havia descoberto o segredo daquela mulher sensual e misteriosa. Alguém a havia *contratado* para ir até ali e animá-lo um pouco. Trazê-lo de volta à ativa, de um jeito ou de outro. E todas as opções envolviam a moça sendo despida por ele.

Qualquer homem normal, provavelmente, ficaria muito animado com a ideia de levar aquela mulher incrível para a cama. E, se ela tivesse aparecido à sua porta quatro meses antes, ele teria feito exatamente isso.

No entanto, Simon não era mais aquele sujeito, e não sabia se um dia voltaria a ser. Assim, embora uma parte dele, uma parte imensa, estivesse tentada a ajudar a mulher a tirar as roupas molhadas, ali, naquele minuto, e possuí-la sobre o carpete grosso e fofo bem diante da lareira, ele simplesmente não seria capaz de fazê-lo.

– Receio que houve um mal-entendido – murmurou ele. – Seus... *serviços*... não são necessários.

Ela inclinou a cabeça em confusão.

– Meus serviços?

Por que ela precisava ser tão adorável, e tão linda? Simon não conseguia afastar aquela reação primitiva que tinha a ela. Ele disse:

– Sim, seus serviços. Tenho certeza de que, quem quer que tenha contratado você, pensou que estivesse me fazendo um favor. Mas eu simplesmente não estou disponível. – Embora no fundo uma vozinha protestasse contra a mentira, ele acrescentou: – Você não é aquilo de que necessito.

– Não...

– Então, assim que você se secar, pode pegar seu carro e dirigir de volta para o lugar de onde veio. Porque você não vai dividir minha cama comigo esta noite.

Ela ficou boquiaberta.

– Sua cama?

– Isso. Você é linda, não vou negar, mas eu simplesmente não estou no clima para encarar uma prostituta.

## Capítulo 3

*Lottie*

**D**Ê-ME UMA licencinha enquanto caio no chão e tenho um ataque de riso. Eu, Lottie Santori, intocada durante quase três anos, a ponto de meu hímen provavelmente ter se regenerado de volta, estava sendo chamado de prostituta.

A ironia não me escapou.

Engraçado, nas raras ocasiões em que me imaginei sendo insultada por um homem, pensei que fosse acabar com a raça dele. Quero dizer, com a cara dele. Mas meu primeiro instinto não foi lhe dar um tapa. Foi uivar de rir. Rir até minha barriga doer.

Incapaz de parar, fiquei rindo diante da possibilidade de que eu poderia usar o sexo para ganhar a vida. Que diabo, eu não conseguia fazer sexo nem mesmo por lazer!

Mas, ao olhar para o homem que me observava a poucos metros de distância, eu estava começando a questionar isso. Porque, ah, como eu gostaria de fazer sexo recreativo com o sujeito que me fazia sentir tão incrivelmente excitada.

Eu não conseguia me lembrar de um único momento na vida em que me sentira tão sensual do que quando eu caíra nos braços daquele sujeito. Aquele instante despertara algo mais em mim.

Pena que meus próprios medos tolos me fizeram cambalear para longe. Embora eu merecesse um desconto. Porque sob a penumbra, com minha imaginação louca, ele realmente se parecia um pouco com Josef Zangara. Mas agora, depois de olhá-lo melhor, eu sabia que não era. O cabelo e os olhos eram escuros, mais negros do que castanhos, mas a semelhança entre eles terminava aí. Seu rosto não era delicado e sonhador, mas todo anguloso e rude. Projetado e forte, e não delineado e suave. Seus olhos profundos tinham uma expressão ainda mais dramática por causa da cicatriz fina que brotava do couro cabeludo, passando pela testa até o cantinho do olho direito.

As cicatrizes da maioria das pessoas pareciam antigas, insinuando feridas do passado, traumas de infância há muito esquecidos. Mas aquela ali parecia recente. Embora fina, a linha branca e enrugada ficava ainda mais dramática por causa de pele rosada recentemente curada ao redor. Essa cicatriz, e uma outra no peito, sugeriam algum tipo de história por trás. Uma que eu estava morrendo de vontade de descobrir.

Mesmo com ele achando *mesmo* que eu era uma prostituta.

Achei melhor resolver isso logo de cara.

– Desculpe estragar as coisas para você – falei finalmente, controlando minha gargalhada com uma risadinha derradeira –, mas não sou uma garota de programa. Mas, bem, obrigada por achar que eu poderia ser.

Ele simplesmente ficou me encarando, a expressão séria.

Eu estava gaguejando, mas não conseguia parar.

– Quer dizer, creio que você achar que eu era uma prostituta não é tão mau quanto eu achar que você era um serial killer.

As sobrancelhas contraíram-se, enfatizando a cicatriz e as profundezas insondáveis de seus olhos negros. Deus, o sujeito era hipnotizante!

– Olhe, sr. Denton, sou Lottie Santori. Assistente do professor Tyler...

Ele levantou a cabeça num tranco. Finalmente eu tinha conseguido algum tipo de reação.

– Meu nome não é Denton – respondeu ele.

Confusa, inclinei minha cabeça, voltando o bumbum um pouco mais em direção à lareira, uma vez que o fundilho da minha calça jeans finalmente

parecia estar secando.

– Sinto muito, pensei que você tivesse dito que morava aqui. Pensei que fosse Roger Denton, o proprietário do hotel. Ele está aqui?

Ele virou-se, cruzando os braços fortes.

– A Casa Seaton não é mais um hotel. O negócio foi desativado depois que Roger Denton, meu tio, faleceu, há quatro meses.

Não consegui evitar arfar de surpresa.

– Faleceu... oh, Deus, eu sinto muito, não fazia ideia.

– Obrigado – murmurou ele. – Agora, já que meu tio não está aqui e você obviamente está... secando... talvez você deva pegar a estrada novamente, antes que fique muito tarde.

– Olhe, senhor...

– Lebeaux.

Hum. Soava francês. Soava sexy. O que fazia sentido, porque o sujeito era pura gostosura.

– Senhor Lebeaux, eu não tenho outro lugar para ir.

Ele ficou me olhando, como se perguntasse silenciosamente qual era meu objetivo com aquilo.

– Foram tomadas todas as providências para que eu ficasse aqui. Lamento muito mesmo sobre a morte do seu tio. Mas, sério, o tempo está horrível, e eu dirigi nove horas para chegar até aqui, e já são quase 22 horas. Para onde você sugere que eu vá?

Ele apoiou o ombro contra uma parede, os braços ainda cruzados sobre o peito imenso. Seus olhos cintilaram quando ele disse:

– Você poderia voltar ao local de onde veio. Se sair agora, vai estar em casa antes do amanhecer.

No começo eu pensei que ele estivesse brincando. Desde que cheguei, percebi algumas vezes que ele era dotado de um tipo de senso de humor cáustico, sereno, embora fizesse um bom trabalho ao escondê-lo por trás de um sorriso ranzinza de escárnio. Mas dessa vez ele parecia muito sério.

Meu queixo caiu. Eu não conseguia acreditar no quanto o sujeito estava sendo rude. Apesar de lamentar pela morte de seu tio, eu estava realmente ficando brava.

Isso não significava, é claro, que eu tinha desistido de pular em cima dele e de lambê-lo como se ele fosse uma montanha de algodão-doce. Ele podia ser grosseiro, mas ainda era simplesmente o homem mais sexy que eu já tinha visto.

O estrondo de um trovão soou e me encolhi um pouco.

– Você não espera que eu vá sair assim. Isto aqui é um hotel...

– *Era* um hotel. Eu o fechei imediatamente depois de herdá-lo, após a morte do meu tio.

– E você mora aqui sozinho? – perguntei, incapaz de afastar o ceticismo da voz. Porque, sério, quem gostaria de morar sozinho num lugar tão grande assim... e que já tinha abrigado um assassino e os cadáveres de suas vítimas?

– Sim. – Ele inclinou a cabeça, como se estivesse escutando alguma coisa, então murmurou: – Você devia ir embora. Acho que a chuva já amenizou.

– Você só pode estar brincando comigo. Isto aqui era um hotel há apenas poucos meses – discuti, nem um pouco disposta a sair. – Tem que haver um lugar onde eu possa dormir. Pelo amor de Deus, você provavelmente tem uns 40 quartos de hóspedes.

Ele deu de ombros.

– Eu gosto de me espalhar.

Busquei uma centelha de humor naqueles olhos negros, mas não encontrei. Mas que droga, não dava para decifrá-lo!

Eu não conseguia entender aquele homem. Eu *queria* entender aquele homem. Logo, eu tinha que ficar.

– Você está sendo irracional. Não pode esperar realmente que eu volte nesse clima.

De alguma forma, eu sabia que estava discutindo não só por causa do meu trabalho, o projeto de pesquisa, mas também porque eu não estava pronta para me afastar do desconhecido de olhos escuros, cujos braços musculosos se arqueavam contra o tecido da camisa e cujo rosto impressionante só fazia ficar mais destacado por aquela cicatriz. O mesmo sujeito que havia me espiado algumas vezes quando achava que eu não estava olhando.

Não estava olhando? Que inferno, eu não tinha conseguido desviar os olhos do deus de cabelo negro desde que havíamos entrado na sala!

Eu gostava do fato de ele estar olhando. Porque aquilo me dizia que, apesar de sua postura bruta e fria, ele não estava totalmente indiferente a mim. Mesmo que fosse uma simples atração, ele sentia *alguma coisa*. Assim como eu.

– Meia hora atrás, você achava que eu era um assassino. Agora você quer dormir aqui?

Falei, despreocupadamente:

– Eu lhe disse, foi exagero meu. – Tentando parecer cansada acrescentei: – Provavelmente pela exaustão e fadiga, depois de dirigir nessas condições horríveis durante tantas horas.

– *Você não pode* ficar aqui.

Pegando minha bolsa, cacei um pedaço de papel úmido dobrado lá dentro.

– Eu tenho uma reserva. Tenho um quarto garantido aqui até 31 de outubro. – Sacudi o papel para ele como se fosse uma bandeira, quase o desafiando a se aproximar o suficiente para arrancá-lo de mim.

E ele se aproximou mesmo. E de repente meu bumbum não era a única coisa esquentando ali. A cada passo que ele dava, a temperatura na sala subia um grau. Ou dez. Minha respiração ficou pesada e tive que fazer um esforço danado para obrigá-la a abandonar meus pulmões, pois o ar estava muito denso e carregado com o cheiro almiscarado, masculino. Com a presença dele.

Ele continuou, chegando cada vez mais perto, até que as pontas de seus pés tocaram a base da lareira. Eu estava de pé bem em cima dela, o que me rendeu alguns centímetros de altura, até nós dois ficarmos praticamente olho no olho.

Ah, aquele rosto... deveria estar na capa das revistas.

– Você não pode esperar que eu honre uma reserva quando este lugar não está funcionando – disse ele, puxando o papel da minha mão e dando-lhe uma olhada superficial. – Além disso, este aqui nem é o seu nome.

Arranquei o papel dos dedos dele.

– É o nome do meu professor. Ele fez a reserva há seis meses, quando organizou com seu tio para que eu viesse fazer uma pesquisa sobre a Casa Seaton.

Ele levantou uma sobrancelha incrédula.

– E você entrou no carro e dirigiu durante nove horas sem verificar a validade de uma reserva feita há seis meses?

Ele estava certo. É claro que eu pretendia checar, sinceramente. Mas, com todas as coisas que eu precisava fazer para poder viajar... bem, eu simplesmente esqueci.

– Estava tudo acertado – murmurei, sabendo que não tinha soado muito convincente.

– Entre esse tal professor e meu tio.

Assenti e disse:

– Eu tenho cópias da correspondência entre eles. Seu tio disse que eu poderia ter pleno acesso à casa, bem como a quaisquer registros, livros e correspondência que eu pudesse encontrar na biblioteca e nos depósitos.

Ele olhou as cartas, estremeceu e então fechou os olhos por alguns instantes diante da visão da caligrafia fina e angulosa em um dos envelopes volumosos que peguei. Aparentemente era a letra de seu tio, e de repente eu me senti muito cruel.

– Desculpe, sei que estou sendo incrivelmente insistente – falei, enfiando as cartas de volta à bolsa.

– Sim, está.

Deixando cair os braços, senti meus ombros se encolhendo.

– É só que eu *realmente* não queria voltar para o carro e dirigir durante a tempestade outra vez. – Engolindo em seco, acrescentei calmamente: – Por favor.

Eu não continuei. Simplesmente permiti que ele visse meu cansaço e preocupação genuínos a respeito da tentativa de descer a montanha numa noite tão arriscada.

Ele não disse nada, só ficou me encarando. Sustentei o olhar dele, sentindo-me um pouco tonta conforme eu me perdia naqueles olhos. Eles

eram tão penetrantes... tão profundos e reservados. Furiosos. Tempestuosos. Intensos.

Por que então eu não estava com medo dele? Mas eu não estava mesmo. Na verdade, aquela fachada de raiva mais me atraía do que repelia.

Porque ele era incrivelmente sexy. Talvez devido à forma como aquele corpo pressionara o meu mais cedo. Por causa da aura de emoção que jorrava de todos os poros dele. Por causa das cicatrizes em seu corpo, que contavam uma história. Por causa das notas de humor seco que tinham saído de sua boca.

Porque ele estava ali, naquela casa, sozinho e bastante isolado, lidando com algo que o deixara furioso e magoado, e parecia determinado a manter as coisas desse jeito.

Tão determinado quanto eu estava para ficar. Pelo menos essa noite. E depois dessa noite... bem, aí a gente veria.

Ele interrompeu o olhar primeiro.

– Tudo bem – disse finalmente. – Você pode ficar por *uma* noite. Mas vai embora amanhã bem cedo. Entendido?

UMA HORA mais tarde, enfiando meu corpo frio entre lençóis frios num quartinho frio no terceiro andar, eu estava começando a me arrepender por ter sido tão persistente. Eu já contei como estava frio?

– A culpa é unicamente sua – sussurrei, enquanto puxava a colcha antiga e os cobertores gastos e finos sob o queixo.

Sim, era minha culpa. Não só por insistir em ficar, mas também por não ter aceitado a oferta resmungona do meu anfitrião pouco gentil de tentar acender o que ele chamava de “antigo” gerador nos fundos da garagem. Eu estava tentando ser uma hóspede indesejada *acessível*, na esperança de que, se eu não causasse problemas, ele repensasse e me deixasse permanecer no dia seguinte.

Grande erro. Bastava enfiar um palito de madeira gigante entre as minhas pernas e você teria um picolé humano.

– Você pediu por isso – resmunguei.

Eu estava tão feliz por ele ter concordado em me deixar ficar que não manifestei um único protesto quando ele me levou até o sombrio terceiro andar.

Ele me guiara até o quarto, iluminando o caminho com uma lanterna. Então abriu a porta para um quarto que cheirava a mofo e velhice. Oferecendo no máximo um boa-noite, o sr. Lebeaux colocou a lanterna sobre a cômoda, virou-se e saiu do quarto.

Senhor Lebeaux. Deus, eu nem mesmo sabia seu primeiro nome. Mas não me importava. No fundo, parte de mim rezava para que ele se perdesse na escuridão e retornasse acidentalmente durante a madrugada, confundindo nossos quartos. E então rastejasse para a minha cama.

Eu estava me sentindo predatória, incapaz de apagar as imagens cálidas da minha mente. Francamente, três anos sem sexo provavelmente me fariam reagir até a um palhaço de circo careca de meia-idade. Encarar um homem perigoso, sensual e arrebatadoramente lindo como Lebeaux era praticamente mais do que eu era capaz de suportar.

Apesar do frio, meu corpo queria se livrar do peso das cobertas. Contorcer-se na cama, retorcer as pernas, abri-las, qualquer coisa para aliviar a ânsia de desejo que havia se tornado tão familiar, que era quase parte de mim agora. Embora meu cabelo e corpo tivessem secado, eu ainda estava úmida entre as coxas, querendo sexo. Querendo muito. E era por isso que eu estava usando uma camisola furtiva completamente inadequada para o clima, apenas para o caso de o sujeito retornar.

– Ele não vai voltar – sussurrei, tentada a me levantar e a vestir meu suéter e minhas meias. E meu casaco.

Mas mesmo o frio não conseguia manter minha mente longe dos pensamentos cálidos e íntimos durante muito tempo. Não agora que um desconhecido de fala rabugenta e olhos negros tinha incitado o meu desejo sexual a sair do esconderijo.

De alguma forma, porém, eu sabia que não era apenas a avidez sexual desesperada que estava me mantendo acordada. Ele tinha sido rude, bronco, sim, mas estava praticamente envolto numa aura de tristeza ferida, golpeando o mundo, mas apenas machucando a si mesmo.

Eu sabia que ele precisava de mãos quentes e suaves para curá-lo. Assim como eu sabia que eu precisava de mãos fortes e quentes para *me* curar.

Éramos exatamente o que cada um de nós necessitava.

– Ai, Deus – sussurrei. – Eu não posso ir embora daqui amanhã.

Se eu soubesse onde ficava o quarto do meu anfitrião, poderia arriscar correr até ele usando minha camisola sexy para avisar que vi um rato ou coisa assim. Brega, eu sei. Mas momentos de desespero pediam medidas desesperadas.

Infelizmente, eu não sabia onde o sujeito estava. E nessa casa imensa com 42 quartos, segundo ele mesmo me informara, não havia lá grandes chances de eu dar de cara com ele.

De repente, ouvindo um rangido no corredor, preendi a respiração, convencida de que o sr. Lebeaux estava prestes a bater à minha porta e me perguntar se eu queria que ele me mantivesse aquecida com seu corpo grande e quente. Tive a impressão de que o som, passos, calou-se bem em frente à minha porta, e preendi a respiração pelo tempo mais longo de todos.

A porta nunca chegou a ser aberta. Os passos não se afastaram. Daí supus que minha imaginação hiperativa estivesse me consumindo novamente.

Ele não estava voltando. Sendo assim, eu precisava ficar para além dessa noite, precisava convencê-lo a me *deixar* ficar... para o nosso bem.

Pensei em algumas situações. Telefonar para meu professor e pedir a ele para suplicar ao sujeito provavelmente não iria ajudar. Lebeaux não me pareceu ser do tipo prestativo, como seu tio tinha sido. Assim, ele provavelmente não iria incentivar ninguém a bisbilhotar sua casa e desenterrar segredos de seu passado.

Talvez os segredos da casa fossem suficientes, no entanto. Porque meu anfitrião mal piscara, mostrando não saber a respeito de quem eu estava falando quando o chamara de serial killer. Talvez ele sequer soubesse a respeito dos segredos sangrentos escondidos naquelas paredes.

– Então eu mesma vou revelá-los a ele – murmurei. – Vou contar a ele, e ele vai ficar tão fascinado que vai me deixar circular livremente pelo local.

Incluindo seu quarto. Devaneio, eu sei. Mas não consigo evitar.

Já mencionei que estou morrendo de tesão?

Não era só o fato de eu estar precisando muito tirar o atraso que estava me fazendo tramar uma bela noite na cama. Eu estava sexualmente atraída pelo sujeito de uma forma tal que eu nunca havia experimentado antes com ninguém. Por que ele estava se escondendo, sozinho nesse lugar velho e misterioso? Por que ele era tão reservado, tão ressentido?

E havia as cicatrizes.

Ah, pode apostar que minha imaginação havia passado dos limites com elas. Será que ele tinha sido atacado por um animal?

Não. Não havia ranhuras suficientes para denotar marcas de garras.

Um acidente de carro?

Os ferimentos pareciam muito precisos e limitados.

*Baleado. Ou esfaqueado.*

Por mais que eu odiasse admitir, acreditava que essa poderia ser a resposta. A cicatriz no rosto era fina e perversa, como se uma lâmina tivesse traçado um rumo ligeiro do couro cabeludo até o canto do olho. E aquela marca no peito não era tão longa e parecia mais cirúrgica, como se tivesse sido necessário cortá-lo para remover alguma coisa. Tipo uma bala?

Bem, não havia nenhuma cicatriz de cirurgia de apendicite, a menos que o apêndice do sujeito tivesse resolvido fixar residência perto do coração dele. E as trevas em seus olhos não eram de alguém que havia passado por uma cirurgiazinha.

Ele tinha sido ferido. Física e emocionalmente. Eu sabia disso do mesmo jeito que conhecia cada palavra no cardápio do restaurante dos meus pais.

Mas eu não sabia o suficiente e queria saber mais. *Precisava* saber mais. Estava muito curiosa e cheia de desejo.

E eu não iria embora até que ambos estivessem satisfeitos.

Esperançosa de que o homem não ia me expulsar ao amanhecer, antes de eu ter qualquer chance de desgastar suas defesas com minhas belas habilidades para narrar a história do serial killer, ou com meu decote... Ei, eu estava desesperada, e de repente pensei em outra tática para uma escapatória. Ele não ia poder me *obrigar* a sair se eu estivesse incapacitada de me dirigir a qualquer lugar que fosse.

Saltando da cama, estremei quando meus pés tocaram o piso frio. Acho que os antigos hóspedes do hotel gostavam dessa coisa de bangalô rústico autêntico. Pessoalmente, em qualquer dia eu aceitaria um tapete bem espesso em vez de pés gelados num piso lascado.

Pegando minha bolsa, fuzei até encontrar minhas chaves. Tentando andar na ponta dos pés para o caso de o quarto do meu anfitrião ficar diretamente abaixo do meu e de ele estar em sua cama, todo rijo, musculoso e nu, *pare com isso*, segui até a janela. Dava vista para o estacionamento da frente, onde meu lindo carrinho estava postado.

Isso provavelmente não ia funcionar. Mas valia a pena tentar.

A janela era do tipo antiga, mas, soprando um pouco da poeira, encontrei o trinco rapidamente e o destranquei.

Uma rajada forte e gélida de vento úmido irrompeu no quarto, sacudindo as cortinas. E meu cabelo também.

Tremendo, eu me inclinei pela janela, rezando para a distância até o veículo não ser longa demais. O sistema de segurança que meus irmãos tinham instalado não se limitava a bloquear e desbloquear meu carro remotamente. Ele também tinha um dispositivo para evitar roubos. O motor podia ser desabilitado ao toque de um botão.

Sendo assim, fiz um pedido de desculpas silencioso por estar sendo tão desonesta. Torci para funcionar. E apertei o botão no chaveiro.

Nada aconteceu. Porcaria nenhuma. Eu estava muito longe do carro.

Resmungando um monte de palavrões, fiquei pensando no que fazer. Aquilo poderia ser um sinal dos céus, de que eu simplesmente não devia fazer algo tão desonesto. Alguém lá em cima estava me dizendo isso.

Alguém aqui embaixo, no entanto, estava dizendo que eu só precisava chegar mais perto do carro. Acho que era o meu lado diabinha falando.

Sem pensar mais para não perder a coragem, corri para a porta e a abri, xingando por causa do rangido. O corredor estava escuro, então acendi baixinho a lanterna que Lebeaux tinha deixado para mim.

Felizmente, eu estava a poucos passos de distância das escadas, então desci o primeiro lance rapidamente. Fazendo uma pausa no patamar, olhei

por cima da grade, para o saguão de entrada abaixo, a fim de garantir que a barra estava limpa.

Não vi nada. Eu precisava descer pelo segundo lance, sair pela porta da frente, apertar um botão, em seguida correr de volta para cima e pular na cama antes de morrer congelada.

Falando em congelar, eu realmente devia ter colocado minhas roupas novamente antes de sair nessa incursão da meia-noite. Ainda estava vestindo apenas minha camisola de seda branca, com suas alças finas e o decote.

Ei, eu fui para a cama esperançosa de que Lebeaux iria subitamente se lembrar de que tinha algo para me dizer, lembra-se? Eu precisava estar preparada. Eu só não estava preparada para ter o impulso maníaco de inabilitar meu próprio carro para poder ter a chance de permanecer lá por mais tempo.

Prossegui, um passo silencioso de cada vez. Na pontinha dos pés, finalmente cheguei à porta e a destranquei. Rezei para a dobradiça não ranger; depois, lentamente, abri a porta.

Sem rangidos. Graças a Deus.

– E eles dizem que Chicago é um lugar frio – sussurrei, quando uma rajada de ar frio e úmido me atingiu.

Trêmula, segui porta afora. Quando apertei o botão no chaveiro, um único clarão dos faróis do meu carro me informou que tinha funcionado. Eu simplesmente estava grata porque a buzina não tinha tocado do jeito que sempre acontecia quando o carro era bloqueado remotamente.

Não que isso fosse fazer diferença. A tempestade com certeza estava mais branda, mas trovões continuavam a se agitar no céu e relâmpagos silenciosos surgiam aqui e ali para iluminar a noite.

Mas já era tarde; eu estava congelando e precisava dormir. O dia seguinte seria um grande dia, quando eu teria de apresentar todas as minhas habilidades para convencer meu anfitrião a me deixar ficar na casa. O truque do carro ia me garantir mais um tempo. O restante era por minha conta.

Virando-me para voltar para dentro, contive um grito quando vi uma porta se abrindo um pouco além da varanda, um cômodo depois do que eu sabia ser o escritório. As cortinas brancas penduradas na porta francesa

dançavam ao vento, criando uma estranha névoa de tecido. E, em meio a esse nevoeiro de tecido, surgiu uma silhueta escura.

Eu não podia me mexer. Nem um centímetro. Então fiquei ali fora, diante da porta da frente, observando a figura surgir a distância. Foi só depois que ele se desvencilhou das cortinas que eu percebi que era meu anfitrião.

Ele estava usando a mesma roupa de antes, mas a camisa branca de mangas compridas estava completamente desabotoada e o tecido esvoaçava atrás dele, exatamente como faziam as cortinas. Ele não estremeceu, não esboçou qualquer gesto diante do ar gelado. Simplesmente caminhou até o parapeito e olhou para o céu.

No início, pensei que ele tivesse me ouvido, ou visto o lampejo dos faróis, mas ele sequer olhou em minha direção. Permaneci bem quietinha, com medo de me mexer e assim atrair sua atenção e ter de explicar o que eu estava fazendo do lado de fora.

Mas, sem querer, pigarreei. Ele virou a cabeça, notou minha presença e simplesmente me encarou. Eu tinha esperanças de que o vento e minha camisola furtiva estivessem fazendo um belo trabalho para destacar meu bumbum e meus quadris.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que comecei a me perguntar se estaria tendo uma crise de sonambulismo. Inventei uma explicação rápida para minha presença:

– Desculpe – sussurrei, minha voz embargada. Pigarreando de novo, falei: – Espero que eu não tenha acordado você. Eu só... me lembrei de que não tinha trancado o carro.

– Lottie? – disse ele, chegando mais perto.

A hesitação em seu tom me dizia que ele estava confuso, como se tivesse pensado que eu era outra pessoa.

– Sim. Sou eu. Sinto muito se acordei você.

Ele continuou caminhando em minha direção, mas não esboçou nenhuma reação ao clima, a camisa continuando a esvoaçar ao redor do corpo, bem como o cabelo denso.

O sujeito parecia perigoso. Mas, de alguma forma, eu não me importava. Como poderia, quando aquele homem maravilhoso estava olhando para

mim como um lobo sedutor?

Postando-se ao meu lado, ele finalmente murmurou:

– Você não deveria estar aqui fora.

– Nem você.

Ele examinou meu corpo de forma minuciosa, obviamente conseguindo enxergar meus seios naquele decote profundo. A peça me caía bem, com um corpete de apoio que colocava minhas curvas já mais do que generosas e comprimia meus seios.

E eu pensei que Lebeaux saberia exatamente como me tocar para provocar sentimentos de prazer e puro erotismo.

Eu queria isso. Eu queria que aquele desconhecido moreno e sensual me acariciasse, corresse as pontas dos dedos pelo meu decote, e então capturasse meus mamilos entre os dedos e os apertasse levemente. Estremeci, sentindo as pontas dos meus seios enrijecendo contra a seda, então não consegui pensar em mais nada, só no quanto seria incrível se ele me lambesse ali, sugando com força ao mesmo tempo em que pousava uma das mãos entre minhas pernas.

– O que você está fazendo aqui de fato? – questionou ele.

– Eu já lhe disse.

– Você desceu vestida desse jeito só para fazer alguma coisa no carro?

Finalmente uma pergunta à qual eu poderia responder honestamente.

– Sim, juro, foi isso. Eu não tinha a intenção de ficar aqui fora e já estava voltando para o calor do... para minha cama. Mas aí você apareceu.

– E você resolveu... ficar? – Sem aguardar por uma resposta, ele levantou a mão e passou as costas dos dedos pelo meu ombro. – Você está congelando.

Congelando? Ah, não. Eu estava com muito, *muito* calor.

Cheguei mais perto dele, usando seu corpo para bloquear o vento, sentindo o cheiro do perfume quente e másculo de sua pele. A camisa continuava a chicotear em volta, e agora dava para ver mais da cicatriz logo abaixo da clavícula. Isso sem mencionar as ondulações de músculos e os cachos de pelos escuros.

Não resisti. Erguendo a mão, eu a pousei bem aberta no peito dele, sentindo a batida de seu coração. E seu calor.

Ele não disse nada. Simplesmente agiu. Sem aviso, pôs as mãos no meu cabelo, segurando minha cabeça e me puxando para a frente. Qualquer arfar de surpresa que eu pudesse ter soltado foi abafado pelo meu próprio coração, que martelou feito louco quando o sr. Lebeaux baixou a boca para a minha.

E então nossos lábios se encontraram. Abriram-se. Provaram-se. Um trovão ribombou... ou talvez fosse apenas o rugido baixo de prazer percorrendo meu corpo.

A chuva ganhou força novamente e relâmpagos cintilaram em algum lugar nas proximidades. Eu não estava ciente de nada disso. Eu não conseguia me concentrar em mais nada, exceto nos lábios quentes e na língua macia que estavam me dando tanto prazer.

Já fui beijada nessa vida. Muito.

Mas aquilo não era beijar. Era sexo bucal.

Gemendo, fiquei na ponta dos pés, amando o jeito forte e estável como ele segurava minha cabeça, acariciando meu cabelo enquanto sua língua mergulhava fundo. Eu saboreava, lambia e sugava, compartilhando cada respiração com ele, certa de que nunca tinha experimentado nada mais excitante em toda a minha vida.

E então acabou. Ele interrompeu o beijo, recuou as mãos e as pousou nos meus ombros. Girando-me, literalmente me empurrou pela porta, para dentro da casa. Murmurando: “Vá para a cama antes que você congele”, ele deu meia-volta e passou pela porta aberta, onde as cortinas brancas ainda chicoteavam furiosamente sob o vento noturno.

Com um último olhar cálido em minha direção, ele desapareceu dentro da casa.

## Capítulo 4

*Simon*

ELA NÃO havia mentido. A porcaria do carro não estava funcionando.

Quando aquela hóspede indesejada lhe informara que havia algo de errado com seu carro com aparência de novinho em folha, Simon desconfiara de que ela estivesse mentindo. A mulher estava muito determinada a ficar na casa e desenterrar quaisquer que fossem os segredos que seu professor a havia incumbido de encontrar. Ela já havia começado a se queixar disso enquanto ele bebericava o café que aceitara dividir a contragosto antes de acompanhá-la porta a fora.

Simon ignorou a sugestão de Lottie para ficar e lhe contar mais sobre a casa que ele havia herdado do tio.

Mas ele estava mais tentado a abordar o assunto do que gostaria de admitir, principalmente por causa das sensações estranhas que vinha experimentado recentemente. Porém, uma noite insone, durante a qual ele fora atormentado pelo sabor maravilhoso de Lottie, depois de se render àquele impulso maluco e beijá-la, terminara por convencê-lo de que não valia a pena o risco. Tê-la sob seu teto seria tortura da pior espécie, uma vez que nos últimos tempos ele simplesmente não estava podendo confiar na própria capacidade de julgamento.

Ele desejava Lottie. Desejava-a desde o minuto em que a vira. E, depois de senti-la em seus braços, só conseguia desejá-la ainda mais.

Além de seus atrativos físicos, ele também queria um pouco daquele brilho, da luz e da vida, que parecia envolvê-la feito uma aura.

Mas não confiava nela. Não confiava em ninguém.

Além disso, ele não tinha direito algum sobre aquela mulher. Ele não a *merecia*.

Então, naquela manhã, se convencera de que era melhor deixá-la ir embora. De que ele não precisava saber nada além do que já sabia sobre a Casa Seaton. Afinal, aquele não era seu lar, mas apenas um abrigo. Um refúgio contra a tempestade na qual sua vida havia se transformado desde que ele havia recebido alta do hospital em julho.

Ela já o havia distraído muito na noite anterior. Mas, quanto a isso, ele supunha lhe dever um agradecimento. Pela primeira vez não tinha ido dormir ao som de gritos ecoando em sua cabeça ou com a lembrança do sangue gotejando lentamente de seu rosto, com o gosto dele nos lábios. Com a dor da faca. Ou da bala.

Não. Ele se deitara tarde da noite, imaginando a silhueta *dela* contra o fogo, o cabelo ganhando um brilho dourado sob as chamas. Os lábios num beicinho enquanto ela baixava os olhos de longos cílios para saborear o calor. O suéter vermelho mergulhado entre os seios fartos e as longas pernas destacadas pelo jeans apertado. E, depois, vestindo aquela camisola esvoaçada pelo vento, que se moldava firmemente contra cada centímetro do corpo, mal escondendo aquelas curvas de seus olhos famintos.

Claro, nos sonhos dele, Lottie não estava usando *nenhuma* roupa. Estavam ambos nus, enquanto exploravam cada pedacinho um do outro. Aqueles sonhos eróticos intensos fizeram Simon acordar no meio da noite com uma ereção que impossibilitou totalmente seu sono. Então ele passeou pela casa um pouco, como sempre fazia, escutando os rangidos e gemidos, e nenhum daqueles sons era capaz de expulsar a voz em sua cabeça que gritava *assassino*.

Depois, ele finalmente se obrigou a voltar para a cama, conseguindo encontrar algumas horas de sono inquieto que, mais uma vez, foram

estreladas por sua hóspede e, mais uma vez, se revelaram proibidas para menores.

Uma noite ruim servira para convencê-lo de que ele não precisava ter Lottie por perto, distraíndo-o. Só que ela não estava mentindo quando dissera que seu carro estava com problemas.

Sem acreditar nas alegações dela, Simon pegara a chave do carro e fora verificar por conta própria. E descobrira que era verdade.

– Droga – murmurou ele. – Tem certeza de que abasteceu? – perguntou.

Ela assentiu.

– Positivo. Eu enchi o tanque a menos de 150 quilômetros daqui na noite passada.

– Você tem algum serviço de mecânico que pode acionar? – Ele quis saber, obrigando-se a se concentrar no objetivo: fazê-la ir embora, e não naquele rosto suave e delicado e nos fartos lábios vermelhos.

– Tenho.

– Excelente.

– Mas não tenho como ligar para eles.

– Por que não? – retrucou ele.

Ela ergueu um pequeno telefone celular.

– Sem sinal.

Não era de estranhar. Seria de imaginar que uma localidade no topo de uma montanha daria acesso a algum tipo de sinal de celular, mas o próprio telefone de Simon raramente funcionava.

– Use o telefone do meu escritório.

Ela mordeu o lábio inferior e disse:

– Acho que a tempestade acabou com seu telefone também. Eu já tentei.

Porcaria. Duas vezes porcaria.

Sem acreditar nela, Simon entrou no escritório e tirou o aparelho do gancho. Nada.

Batendo-o de volta, ele passou as mãos pelo cabelo com raiva, estremecendo quando a ponta do dedo indicador raspou na cicatriz. O calafrio não foi de dor, mas de surpresa, que ele sempre sentia quando se lembrava de seu encontro iminente com a morte.

O hospital até havia oferecido um cirurgião plástico para melhorar a aparência das cicatrizes, mas Simon recusara.

Lottie obviamente percebera a reação dele. Aproximando-se de imediato, ela ergueu a mão suavemente e afastou o cabelo dele da testa.

O toque foi incendiário, apesar de seus dedos estarem frios.

– Como isso aconteceu? – perguntou ela em voz baixa. Lottie não precisou dizer mais nada para Simon saber que ela estava se referindo às suas cicatrizes.

– Não é da porcaria da sua conta.

Ela estalou a língua num “tsc”, nem um pouco ofendida pela grosseria.

– Você é sempre tão hostil? Não é um traço de personalidade lá muito bom para um dono de hotel. Até mesmo Norman Bates era amigável.

– Eu *não* sou dono de hotel. – Franzindo a testa, ele acrescentou: – Além disso, ninguém chegou a uma conclusão sobre Norman Bates, não é?

– Sei lá, eu sobrevivi até agora.

– O dia mal começou.

Ela riu. A mulher era durona para diabo.

– Que bom que você não vai ficar muito tempo no ramo – disse ela, com um sorriso alegre. – Porque os hotéis valorizam essa coisa de se ter uma atitude positiva, e eu não creio que você consiga ser assim.

Como se ele quisesse ser.

– Ah, estou arrasado.

Ela continuou como se ele não tivesse falado:

– Eu já devia saber. Minha família é do ramo de restaurantes... o Santori's, na Taylor Avenue, em Chicago. É a minha segunda casa... se não estou no meu apartamento, estou no restaurante.

Ele presumia que ela tivesse um objetivo com aquele papo.

– Bem, de uma coisa eu sei, você precisa passar certa impressão para se dar bem nesse ramo.

– Impressão? – perguntou ele, sentindo-se tonto com tanta tagarelice.

– Sim, você sabe, aquela que diz que você sabe como sorrir.

Simon ameaçou sorrir. Mas daí, rapidamente, recuperou sua carranca.

– Você nunca cala a boca?

– Eu sou a sexta filha. Não. Aprendi desde cedo que, se eu quiser ser ouvida, tenho que continuar falando.

– Bem, você com certeza é perita no assunto.

Dando de ombros, ela perguntou:

– Qual é o seu nome?

A mudança repentina de assunto o assustou o suficiente para que ele finalmente conseguisse se afastar dela.

– O quê?

– Seu nome – repetiu ela, enquanto se acomodava no braço do sofá de couro. – Seu primeiro nome.

– É Simon.

– Bem, Simon – disse ela –, parece que nós temos um problema.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– *Nós?*

– *Eu* tenho um problema com o carro e *você* tem um problema com uma hóspede.

– Tudo bem. *Nós*. – Vendo-se sem saída, ele resmungou: – Pegue suas coisas. Vou levá-la à cidade no meu carro. Você pode ligar para uma oficina de lá.

– E depois o quê...? Vamos ficar durante horas passeando por Trouble, essa cidadezinha da Pensilvânia de nome maluco que significa “encrenca” em inglês, esperando que meu carro seja rebocado e consertado? – Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: – E o nome da cidade é esse mesmo? Não foi erro de impressão no mapa ou coisa assim?

– Sim. Sim. E não.

Obviamente se concentrando na resposta da qual não havia gostado naquela réplica sucinta, Lottie olhou feio para ele.

– Não existe nenhum motivo plausível para eu não esperar aqui. Não vou perturbá-lo. Você nem mesmo vai notar minha presença.

Ah, como se isso fosse possível.

– Pode esquecer.

Continuando como se ele não tivesse falado, Lottie acrescentou:

– E, quando você estiver dirigindo comigo montanha abaixo, o telefone provavelmente já vai estar funcionando, então não tem necessidade disso. Vamos esperar um pouquinho.

A mulher simplesmente não conseguia aceitar um não como resposta.

– Você tem problemas de audição?

– Não. Só estou acostumada a ser teimosa para conseguir o que *quero*.

O jeito como ela enfatizou a palavra *quero* deixou Simon curioso sobre o que exatamente ela queria. Ele resolveu perguntar:

– Então, o que você quer, srta. Santori?

Ela entreabriu os lábios. E, quando os umedeceu com a língua, Simon notou um leve toque de cor subindo naquelas bochechas macias.

– Eu *não* quero ser um problema.

– Tarde demais.

– Mas, se eu tiver que aguardar durante algumas horas, prefiro que seja aqui... onde talvez eu possa fazer um pouco do trabalho para o qual viajei isso tudo para fazer... em vez de ficar numa oficina nojenta e cheia de graxa lá na cidade.

Fazia sentido. Para *ela*. Não para ele.

Como se notando que ele estava prestes a recusar, ela acrescentou depressa:

– Eu vim de tão longe, e se eu voltar de mãos vazias, não só terei o prejuízo do custo da viagem, mas também não vou receber o pagamento.

– Que tipo de chefe é esse seu professor? Era responsabilidade dele certificar-se de que estava tudo confirmado.

Ela suspirou.

– Eu sei. Mas é um projeto particular. Ele é velho e não tem muito dinheiro. Eu certamente não posso pedir a ele para me pagar por um trabalho que eu não fiz.

Ela parecia surpreendentemente sincera. E aquele olhar esperançoso deixou Simon curioso o suficiente para perguntar:

– E o que você acha que pode fazer aqui em poucas horas?

O rubor no rosto dela aumentou um pouco mais e seu olhar mudou.

Se ele já não soubesse, desconfiaria que a srta. Santori queria inspecionar algo além da história da casa. E, quando ela olhou fixamente para ele, cheia de coragem, Simon desconfiou que aquele algo era *ele*.

Ridículo. Ele era um sujeito grosseiro, amargurado e cheio de cicatrizes, conforme ela parecia gostar de apontar. E ela era uma jovem estudante espertinha e cheia de frescor. Ela só retribuía o beijo na noite anterior porque ele a surpreendera, só isso, ou então por gratidão por ele ter lhe permitido ficar durante a noite.

Ela finalmente pigarreou.

– Estou aqui para aprender mais sobre Josef Zangara.

– Quem?

Ela pareceu surpresa.

– Ele era dono desta casa e, juntamente com um sócio chamado Robert Stubbs, transformou-a num hotel durante a década de 1930.

Por fim, um nome que ele reconhecia.

– Stubbs era avô da minha mãe.

A surpresa de Lottie se transformou em choque.

– Ai, Deus, eu não fazia ideia! A casa pertence à sua família há tanto tempo assim?

– Acho que sim. Cresci na região Oeste e nunca visitei o lugar, só depois que minha mãe morreu. Na época, resolvi que queria tentar conhecer melhor o único irmão dela. Meu tio Roger mencionou que a casa tinha sido herança do avô.

Lottie deslizou do braço do sofá para o assento, parecendo perdida em pensamentos.

– Fascinante. Então você tem uma ligação de verdade com Stubbs. Eu não fui muito longe nisso, já que Zangara é o foco do livro. – Ela olhou para cima, a expressão animada. – Você pode ser capaz de ajudar mais do que eu pensava. Stubbs conhecia Zangara melhor do que ninguém.

Ficando interessado, apesar da própria resistência, Simon murmurou:

– Quem era mesmo esse tal Zangara?

Lottie sequer olhou para cima.

– Um serial killer que matou 15 mulheres e as enterrou no terreno desta propriedade.

Ah. Era isso.

– Você está brincando?!

Ela balançou a cabeça. Simon sentou-se ao lado dela no sofá.

– Você está falando sério? Esta casa era de propriedade de um serial killer? Por que eu nunca ouvi falar dele?

Ela virou-se para encará-lo.

– Esse é o assunto do livro do meu professor. Serial killers do século XX que de alguma forma não entraram nos livros de história. Houve tanto interesse no caso H. H. Holmes por causa da Feira Internacional do Livro no ano passado, que ele achou que agora seria um bom momento para prosseguir com o projeto, o qual ele tem pensado em tocar há anos.

Histórias sobre assassinos e seus crimes não estavam no topo da lista de leitura de Simon, então ele não tinha ideia sobre qual livro ela estava falando. Nem podia gastar muita energia pensando nisso, não quando Lottie estava tão animada, inclinando-se para a frente até o ponto de ele sentir o perfume floral de seu cabelo e a doçura intensa de sua pele. A perna dobrada dela quase roçava nele, o joelho a míseros centímetros da coxa dele, e Simon teve que resistir à vontade de botar a mão ali. De agarrar aquela perna, de puxá-la sobre seu colo e colocar Lottie montada nele.

Se um dia ele fizesse amor com aquela mulher, ia querer que fosse exatamente daquele jeito. Com ela nua, cavalgando-o, o cabelo solto e selvagem ao redor do rosto e os mamilos perto o suficiente para que ele pudesse se banquetear neles.

Ele balançou a cabeça, obrigando-se a se concentrar em seu trabalho, em vez de focar nas fantasias loucas que *nunca* iriam acontecer.

– O que você acha que pode encontrar aqui?

Ela olhou ao redor do escritório, que já tinha sido a biblioteca da mansão. As prateleiras ainda estavam abarrotadas com volumes empoeirados de capa dura, romances, periódicos de pesquisa, livros e revistas. Ela não precisou dizer uma palavra. Ele entendeu instantaneamente.

– Você realmente acha que pode encontrar algo útil? – perguntou ele, flagrando-se um pouco contagiado pela empolgação.

Ela assentiu, inclinando-se mais perto, os olhos brilhando.

– Acho. Zangara tem sido um mistério real. Sabemos que ele cometeu os crimes... os corpos foram encontrados enterrados nestas terras, ao longo dos precipícios, e ele foi condenado pelos assassinatos. Mas ninguém nunca soube o *porquê*. E ele foi executado sem nem mesmo confessar sua culpa.

Simon permaneceu calado, sem saber como reagir àquela revelação inesperada.

– Mesmo o parceiro dele, seu bisavô – disse ela –, nunca pôde oferecer qualquer explicação para as motivações de Zangara fazer o que fez. Ele foi uma das testemunhas no julgamento, pois tinha encontrado uma das vítimas de sequestro de Zangara, a qual conseguira escapar, encolhida em seu escritório.

– Então você acha que vai encontrar o diário secreto do tal Zangara, no qual ele revela todos os seus pensamentos sombrios e deturpados?

Lottie sorriu.

– Isso seria bom. – Dando de ombros, ela acrescentou: – Mas não, eu não espero por algo assim. As cartas do seu tio diziam que havia caixas e caixas de correspondência, jornais, registros de hóspedes e álbuns de recortes velhos por aqui. Eu não tenho ideia do que poderia encontrar nelas, mas gostaria de dar uma olhada.

Simon não disse nada por um momento, pensando no pedido. Ele tinha trabalho a fazer, sua editora vinha sendo incrivelmente paciente em sua espera para ver um trecho do seu mais novo *Guia de cidades do Sul*. Mas eles não iam esperar para sempre. E ele precisava concluir o projeto, não só por sua carreira, mas também porque precisava abandonar Charleston em *todos* os sentidos. Fisicamente, ele estava praticamente recuperado; agora, devia tratar de se recompor mentalmente, e retornar ao trabalho era parte importante do processo. Ter Lottie ali, mesmo que por uma hora a mais, seria uma distração completa.

Ele se preparou para dizer exatamente isso. Mas, de alguma forma, outra coisa bem diferente saiu de sua boca.

– Tudo bem, Lottie.

O sorriso dela se alargou. E ele imediatamente se arrependeu de ter dito aquilo.

Tentando rapidamente controlar os danos, ele continuou:

– Eu vou lhe dar algumas horas para vasculhar as caixas de documentos no depósito, e você pode levar o que precisar. Mas, assim que os telefones voltarem a funcionar, você vai ligar para a oficina. – Sabendo que estava prestes a arrancar aquele sorrisinho do rosto dela, ele acrescentou: – E, se os telefones não voltarem a funcionar logo, pode vir até uma enchente que mesmo assim vou levá-la de volta à cidade hoje à tarde.

OS TELEFONES voltaram a funcionar ao meio-dia. Quando foi contar a Lottie, Simon a encontrou no depósito do porão, mesmo local onde a havia deixado de manhã. Ela estava sentada no piso, cercada por caixas e papéis espalhados pelo chão.

Ela ficou tão decepcionada quando ele lhe disse que ela podia telefonar para chamar um reboque, que Simon quase se arrependeu por obrigá-la a ir embora. Mas ele silenciou o arrependimento rapidamente. Permitir que ela ficasse seria um erro colossal, não só porque ele precisava trabalhar, mas também porque ela era uma enorme tentação.

Ele simplesmente não conseguia lidar com alguém como ela. Não agora. Ainda não.

Simon tinha aprendido uma lição extrema ao se deixar ser tentado e cegado por sua atração por uma mulher bonita. Ao mesmo tempo que não vislumbrava Lottie puxando uma faca ou uma arma para ele como a louca em Charleston, ele não estava pronto para se permitir um teste. Tão cedo não se colocaria numa posição vulnerável de novo, para ninguém.

Lá no fundo, ele reconhecia a razão pela qual não queria deixar Lottie ficar. Porque parte dele *queria* que ela ficasse. E ele não merecia ganhar o que desejava.

Simon tinha sangue nas mãos. Uma mulher havia sido morta por causa dele.

Não. Ele não merecia o tipo de leveza que Lottie Santori traria para seu mundo.

Depois de guiar Lottie até o telefone na pequena cozinha particular, ele retornou ao seu escritório.

A luz do dia que penetrava as cortinas de veludo era fraca, banhando o escritório em sombras que nem mesmo a lâmpada mais forte seria capaz de banir. Como a energia já havia se estabelecido pela manhã, Simon não se dera ao trabalho de acender a lareira; então, agora, não havia iluminação.

– Não importa – murmurou ele, quando se sentou à mesa e abriu seu laptop. – Não há nada aqui – sussurrou ele, rindo um pouco do quanto fora ridículo na noite anterior, pensando que realmente tinha visto a imagem que *pensara* ter visto em seu computador.

Mas, assim que respirou profundamente de alívio, sentiu um cheiro forte, estranho, picante. Reconhecendo aquele odor pungente de laranja, o qual ele já havia sentido, sua pulsação começou a latejar na têmpora. A ideia de uma enxaqueca repentina, muitas vezes assinalada por cheiros estranhos, o fez querer socar a tela do computador e uivar.

Ele nunca havia sofrido dores de cabeça severas em sua vida antes de Charleston. Mas também nunca tinha sido cortado no rosto com uma faca e nem baleado no peito.

– Hoje não – murmurou ele, lembrando-se de como praticamente havia afastado um ataque na noite anterior.

Fechou o laptop, não querendo nenhuma surpresa quando abrisse os olhos. Em seguida, recostou-se na cadeira e esfregou as têmporas, desejando que o latejar passasse.

Aguardou durante uns bons instantes, concentrando-se na respiração. Então, erguendo a cabeça vagarosamente, abriu os olhos. A dor havia diminuído. O computador estava exatamente como ele o havia deixado. Tudo estava normal.

Exceto...

– Que diabos? – murmurou ele, levantando-se da cadeira rapidamente. Sentindo-se um pouco tonto, pousou a mão no tampo da mesa para se

firmar. Então olhou para a janela novamente, perguntando-se se sua mente estava brincando com ele.

Sem tirar os olhos do vidro entre as cortinas pesadas, Simon caminhou até a janela. Pensava ter visto...

– Não. Foi só uma ilusão causada pela luz.

Não havia ninguém lá. Ele ainda podia ouvir Lottie ao telefone no cômodo ao lado. Ele não tinha visto uma mulher passando pela janela, movimentando-se lentamente pela varanda.

– Simon?

Girando rapidamente, ele retirou a mão da mesa, quase perdendo o equilíbrio. Antes mesmo de ele voltar a se ajeitar, Lottie já havia atravessado o escritório e passado um braço ao redor de sua cintura, a fim de firmá-lo.

– Você está bem?

– Sim – disse ele. – Só lutando contra uma dor de cabeça. Levantei um pouco rápido.

Ela poderia tê-lo soltado. Ele estava firme e era perfeitamente capaz de ficar de pé por conta própria. Mas não o fez. Permaneceu ali, uma das mãos espalmadas em suas costas, a outra em sua barriga, as pontas dos dedos perigosamente perto do cós da calça.

A respiração dele ficou ofegante outra vez, embora não por causa de quaisquer fantasmas nas janelas ou de odores estranhos. Era totalmente por causa *dela*, por causa do calor do corpo dela contra o dele, do roçar do cabelo dela em seu rosto.

Mais uma vez, a proximidade fez Simon se lembrar do quanto ele sentia falta de contato humano. De erotismo.

Ele queria arrancar o suéter dela, bem como a própria camisa. Deitar Lottie sobre a mesa e explorar cada centímetro de seu corpo, banqueteadando-se naqueles seios magníficos, enterrando o rosto em sua barriga. E mais embaixo.

– Você está muito magro – murmurou ela, seus dedos fazendo desenhos no quadril dele. – Duro como uma rocha, mas parece que esteve doente.

Ele não disse nada, tentando reunir forças para informar que estava bem e que ela podia soltá-lo.

Ou simplesmente agarrar a mão dela e levá-la à boca para beijar-lhe e morder as pontas dos dedos.

– Qual é o problema? Você *está* doente?

Sabendo que ela estava perguntando sobre mais do que seu mero desequilíbrio, Simon permaneceu em silêncio. Ele não ia enfiar aquela linda mulher no inferno de sua realidade. Era melhor fazê-la achar que ele havia estado em algum tipo de acidente do que ela saber a verdade a seu respeito.

– Eu estou bem.

– Tudo bem, pode guardar seus segredos – murmurou ela. Então se afastou. – Mas, se você *está* tonto, talvez seja por causa do incenso que andou queimando por aqui.

Embora estivesse prestes a afastar-se dela, de repente Simon não conseguia se mexer. Com o corpo inteiro enrijecendo, ele perguntou:

– O que você disse?

– Bem, *acho* que era incenso. Havia um cheiro esquisito aqui.

Ele agarrou o pulso dela, segurando com força.

– Você sentiu?

Assentindo, Lottie não se desvencilhou, não olhou para Simon como se ele estivesse louco ou machucando-a, coisa que ele sabia que poderia estar fazendo.

Ele soltou o pulso dela.

– Desculpe.

– Está tudo bem. – Então ela virou-se e olhou em volta do cômodo, fungando novamente. – Acabou. Mas eu podia jurar que senti um cheiro doce, enjoativo, como fruta madura, quando entrei aqui.

– Laranjas – disse ele, mantendo a voz baixa e estável, sem revelar o quanto as palavras dela significavam para ele.

– Sim, é isso. Como flores de laranjeira.

Simon não sabia o que dizer, então simplesmente ficou olhando para ela.

Durante três meses, ele vinha associando os cheiros estranhos às suas enxaquecas, imaginando que eram fruto da sua imaginação.

Essa era a explicação mais fácil. A outra era que ele estava simplesmente perdendo a cabeça, ficando louco de tanta culpa e raiva. Sentindo o cheiro

de coisas que não estavam lá, do mesmo jeito que vinha enxergando e ouvindo coisas que não estavam lá.

Mas agora aquela linda mulher de cabelo escuro estava lhe dizendo que também havia sentido o cheiro. Ele não havia imaginado, não era uma invenção do seu cérebro. O que estava acontecendo com aquela casa?

– Lottie – murmurou ele, sem pensar no que dizia. – Por que não fica mais um tempo aqui?

## Capítulo 5

*Lottie*

**E**U IA ficar.

Muito embora não imaginasse por que Simon tinha mudado de ideia, eu não ia discutir diante da sugestão de permanecer na casa. Principalmente depois do que tinha acontecido no escritório, quando percebi o quanto ele se encontrava instável.

Fiquei morrendo de tesão pelo sujeito desde o minuto em que pousei em seus braços quando cheguei. Agora, porém, eu estava sentindo algo mais por ele. Preocupação, senso de proteção, acho. Engraçado, considerando que ele fez o que pôde para projetar sua personalidade grandiosa, raivosa e resmungona. Mas, de algum modo, eu sabia que ele estava com problemas.

Com cinco irmãos mais velhos e um monte de primos, eu sabia como os homens reagiam quando ficavam doentes. Eles odiavam a posição de impotência e geralmente davam uma de machões em meio a febres ou acidentes, até desabarem e se revelarem inúteis para qualquer pessoa, incluindo eles mesmos.

Algo me dizia que era isso que Simon Lebeaux vinha fazendo. Eu não estava brincando quando dissera que ele estava muito magro. Ah, mas a estrutura corporal dele era incrível, eu consegui sentir os músculos ondulados da barriga quando pus a mão lá.

Minha nossa, como foi tentador deslizar a mão mais para baixo. Talvez fingir que foi um acidente. Só para ver se ele era tão fantástico da cintura para baixo quanto era da cintura para cima.

Mas, tirando sua virilidade, eu realmente *havia* notado sua magreza. Não restava dúvida de que ele estava se recuperando de algum tipo de acidente, como os que eu tinha imaginado em meu quarto na noite anterior. E, muito embora eu tivesse perguntado se ele estava doente, eu sabia, por causa das cicatrizes, que ele tinha sido ferido, *esfaqueado ou baleado*.

Por que ele escolhera se trancar nessa casa velha assustadora para se recuperar totalmente sozinho eu não fazia ideia. Mas ele não ia mais ficar sozinho.

– Funcionou. Eu vou ficar – sussurrei, enquanto seguia para a cozinha.

Eu provavelmente deveria ter sentido muita culpa católica com relação à coisa toda da sabotagem do carro, mas de alguma forma, eu não conseguia.

– É para o bem dele também – falei, tentando me convencer de que minhas mentiras eram justificadas.

Nenhuma mentira era, eu sabia disso. Mas minha presença ia ajudá-lo, não prejudicá-lo. Gostando ele ou não, eu pelo menos ia me certificar de que o sujeito faria algumas refeições adequadas e cuidaria de si durante alguns dias.

Talvez, se o ajudasse a se cuidar, ele se dispusesse a se abrir sobre o que estava acontecendo em sua cabeça. Eu sei, devaneio. Os homens não são desse jeito. Mas eu sempre poderia ter esperança. Porque uma coisa era certa: ele estava carregando um peso grande sobre os ombros, e não tinha só a ver com sua saúde. Quando mencionei o tal cheiro de incenso, ele pareceu prestes a cair de joelhos e me pedir em casamento, como se achasse que eu não deveria ter notado o odor, mas estivesse empolgado porque isso aconteceu.

Eu não me importaria de ter aquele homem de joelhos na minha frente. Propondo algo pecaminoso. E em seguida *fazendo-o*.

Eu me recostei à porta da cozinha e deixei minha cabeça ser tomada pelas possibilidades. Eu estava hospedada num local isolado, privado, junto a um

moreno sensual. Um homem diferente de todos que já conheci e que eu desejava com cada molécula do meu corpo.

Eu só precisava convencê-lo a me desejar também. Na noite anterior, quando me beijou, ele me desejou. Ah, ele definitivamente me desejou.

Mas, à luz do dia, Simon Lebeaux era muito mais controlado.

– Lottie? Está tudo bem?

Aprumando-me, girei o corpo e o vi parado do outro lado da cozinha.

– Por onde você entrou? – perguntei, querendo saber como diabos ele poderia ter passado por mim, já que eu estava bloqueando a porcaria da porta. E pensando no quanto meu rosto devia estar corado, considerando que eu tinha acabado de imaginar aquele homem nu e amarrado à minha cama. Ou *me* amarrando à minha cama.

Conforme já disse, eu só tinha experimentado o arroz com feijão do sexo. O mais próximo que já cheguei do sexo mais safadinho foi quando meu primeiro amante ficou ansioso demais com suas penetrações chatas e repetitivas, errou o alvo e quase entrou pela porta dos fundos. *Opa*.

Simon pigarreou. E meu rosto provavelmente passou do rosa ao vermelho flamejante quando me perguntei o que ele diria caso eu verbalizasse aquilo em que havia acabado de pensar.

Ele apontou para o que eu tinha imaginado ser apenas uma despensa.

– Uma porta secreta com acesso ao escritório. Meu tio costumava utilizá-la, uma vez que esta era uma área privativa da casa e ele gostava de ficar longe das áreas comuns sempre que possível.

– Passagens secretas. Este lugar é como um tabuleiro do jogo *Detetive*.

– Não tem nenhum conservatório – murmurou ele, completamente sério, embora sua voz ostentasse aquela mesma pitada de humor irônico que eu tinha flagrado uma ou duas vezes.

Não consegui evitar sorrir.

– E espero que não haja castiçais.

– Só lanternas – respondeu ele. – Embora eu lamente informar que carrego uma corda no meu bolso de trás.

*E um cilindro de chumbo no bolso da frente?* Agora eu sabia que ele estava brincando, porque, quando ri alto, ele se juntou a mim. Ele gargalhou

mesmo.

Ai, Senhor, se o sujeito já era lindo todo sério, era absolutamente incrível quando ria. Embora ele ainda não tivesse se barbeado e aquela camada de penugem no queixo tivesse engrossado um pouco mais, ainda dava para ver um par de covinhas em suas bochechas.

Covinhas. No rosto *daquele* homem.

Era como estar vendo-o pela primeira vez, e, lá no fundo, senti algo se revirar e se desenrolar em meu estômago. Não, não era luxúria, não dessa vez, de qualquer forma. Mas um apreço para com o sujeito que eu tinha acabado de conhecer por baixo da fachada grosseira.

O homem que eu queria conhecer melhor.

– Bem, com certeza vou tomar cuidado com a sua... corda, então – falei, dando uma piscadela atrevida.

Os olhos dele brilharam e por um segundo pensei que ele fosse responder com um comentário divertido. Mas ele se enrijeceu rapidamente e o lampejo de humor desapareceu, como se ele tivesse acabado de se lembrar de quem era e de onde estava.

Eu não queria que ele recuasse para dentro de si de novo tão depressa.

– Então... alguma advertência sobre os locais onde eu deveria circular para evitar tropeçar nos cadáveres?

– Tenho certeza de que você não tem nada com que se preocupar. Não foram cometidos crimes aqui, pelo menos não desde que o seu sr. Zangara esteve na residência.

A voz dele era tão suave, às vezes ostentando uma pitada de sotaque, mas na maioria das vezes apenas soava sexy e autoconfiante. Muito erudita. Culta.

– De onde você é, afinal? – perguntei.

Ele desviou o olhar e caminhou até a geladeira, pegando uma garrafa de água.

– Eu cresci na Califórnia. Agora moro... mais *recentemente* eu morava... em Baton Rouge.

*Então por que você está aqui?* Essa era a pergunta seguinte, mas eu não ia fazê-la. Eu já tinha percebido que ele estava se fechando, então recuei

rapidamente, querendo que ele relaxasse. Que ficasse aberto e feliz.

Se ficasse nu também não seria nada mau. Mas eu chegaria a isso mais tarde.

– Você disse que sua mãe era neta de Robert Stubbs. Eu sabia que ele e Zangara tinham filhos mais ou menos da mesma idade. Eu só não acompanhei a árvore genealógica da família Stubbs. Sua mãe nunca mencionou qualquer lembrança dele da infância?

– Não. – Ele abriu a garrafa de água e a levou à boca. Enquanto bebericava, eu observava o movimento de sua garganta, admirava cada engolida, via a forma como os tendões do pescoço se flexionavam sob a pele. Minhas pernas vacilaram um pouco.

Quando terminou, ele acrescentou:

– Ela odiava esta casa. Uma vez ela me disse que desejava que o lugar todo tivesse sido destruído pelas chamas quando grande parte do terceiro andar foi consumida num incêndio; ela ainda era adolescente. Nunca mais voltou aqui depois de se casar com meu pai e de se mudar para a região Oeste.

– Talvez porque ela conhecesse a história do lugar.

– Provavelmente. Não eram exatamente historinhas de ninar. E as poucas vezes que meu tio falou sobre sua família foi para dizer que seu avô era um filho da mãe mesquinho e detestável.

Hum. Pelo que eu tinha descoberto até então, isso soava *exatamente* como o parceiro de Zangara, que tinha vindo da minha cidade natal, Chicago.

– Então, o que aconteceu com a família de Zangara? – perguntou ele, parecendo interessado, apesar da própria resistência.

– Depois que seu bisavô comprou a parte deles na propriedade, a esposa e o filho se mudaram para algum lugar no Sul, para começar uma vida nova. Eu consegui rastrear os passos do rapaz até a década de 1970, em Atlanta, mas, depois disso, não descobri mais nada.

Amassando a garrafa de plástico, ele perguntou:

– Como você faz isso, afinal? Rastreia as pessoas?

– Não é tão difícil, principalmente na era do Google. Se você souber a data de nascimento ou morte da pessoa, fica mais fácil.

– E se você não tiver isso?

– Dificulta um pouco mais as coisas, mas se você sabe aproximadamente quando e onde a pessoa nasceu, e for paciente, jornais velhos, papelada de transferências de propriedade, licenças de casamento... tudo entra na brincadeira.

Ele assentiu distraidamente, então esfregou o queixo.

– Se você não encontrar o que precisa no depósito do porão, verifique o sótão. Há uma porta de acesso na extremidade norte do corredor do terceiro andar.

– Um sótão velho assustador?

Com um olhar irônico, ele admitiu:

– Complete com teias de aranha, velhos manequins de costura e troncos de madeira grandes o suficiente para segurar um daqueles corpos com os quais você tanto se preocupa.

Dei um sorriso.

– Legal.

– Você é meio mórbida, não é?

– Não. Eu só gosto de mistérios. Adoraria escavar o passado e ver o que posso descobrir. Eu adorava enigmas quando era criança.

– E o jogo *Detetive*. – Abrindo a porta da geladeira de novo, ele fuçou um pouco, em seguida a fechou, sem pegar nada.

Percebendo que ele estava com fome, mas que não ia preparar nada com os alimentos saudáveis da geladeira, revirei os olhos. O típico homem. Se não houvesse qualquer sobra de pizza fria, ele não se daria ao trabalho de comer. Hum, pizza. Eu já estava sentindo falta da torta de pizza do papai. E, embora eu estivesse animada por estar passando um período longe deles, já sentia um pouco de saudade da minha família. Até mesmo dos meus irmãos bobalhões.

Resolvendo me certificar de que Simon teria ao menos uma refeição decente naquele dia, passei por ele.

– Vá se sentar.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Vou fazer o almoço. É o mínimo, já que você está permitindo que eu fique aqui.

Como ele não se mexeu em direção à mesa, coloquei a mão em seu peito e o empurrei, do mesmo jeito que eu teria feito com um dos meus irmãos. Só que, assim como meus irmãos, Simon era um sujeito grande. E, tendo perdido peso ou não, ele ainda era um naco sólido de músculos. Assim, ele não se mexeu.

Mas nem por isso recolhi minha mão. Não, eu meio que a deixei ali, espalmada no peito largo, sentindo seu coração contra as pontas dos meus dedos. Sob a camisa larga e fina, dava para sentir a pele protuberante de mais uma cicatriz misteriosa, e algo me fez mover o dedo indicador para cima e para baixo, como se eu pudesse aliviar quaisquer vestígios de dor.

Simon não disse nada, não mexeu nenhum músculo. Simplesmente ficou olhando para mim, sua respiração lenta e constante, a qual fazia seu peito subir e descer sob meu toque. Aqueles olhos negros-de-tão-escuros arderam quando encararam meu rosto. Ele parecia pronto para destruir minha mão por eu me atrever a colocá-la em cima dele.

Ou rasgar minhas roupas e me apoiar contra a geladeira.

Engoli em seco, usando de toda minha determinação para permanecer completamente imóvel, sabendo que um movimento errado ia destruir a intensidade do momento. Ele provavelmente ia recuar, sair da cozinha num rompante ou simplesmente retornar a uma conversa casual.

E eu não queria isso. Eu queria que ele avançasse, não recuasse.

Finalmente, ele se aproximou. Só quando senti os sapatos dele tocando os meus foi que entendi por que minha perna estava tão quente de repente. Era porque a perna dele estava muito perto da minha, seu corpo irradiando calor. Assim que o peito dele roçou em meu suéter, meus mamilos se enrijeceram e meus seios ficaram pesados.

Ao longo dos anos, eu sempre me queixei muitas vezes de ter herdado o busto mais do que generoso das mulheres Santori, e os problemas de coluna que vinham junto. Mas agora eu enxergava os benefícios. Porque, mesmo que Simon ainda não houvesse me tomado nos braços, nossos corpos já estavam se tocando, ainda que tão delicadamente. Aquele leve roçar da camisa nas pontas dos meus mamilos foi mais sensual do que qualquer carícia que jamais experimentei. Só fez aumentar a expectativa. E a tensão.

Ele ergueu o braço lentamente. Só que não ficou descontrolado diante da ideia de colocar as mãos nos meus seios, do mesmo jeito que meus ex-amantes, aqueles carinhas da faculdade, costumavam fazer. Em vez disso, ele cobriu minha mão com a dele e a afastou do seu peito.

Uma pontada de decepção me atingiu no baixo-ventre. Mas logo desapareceu, quando percebi que ele não estava me rejeitando. Na verdade, ele entrelaçou os dedos aos meus e posicionou meu braço junto às minhas costas, até que nós dois estivéssemos tocando minha traseira. Em seguida, ele pegou a outra mão e fez a mesma coisa, até me imobilizar totalmente. Eu não conseguia mexer meus braços. Não conseguia recuar porque o balcão bloqueava meu caminho. Não podia fazer nada, senão permanecer ali, sorvendo-o.

*Ai, graças aos céus.*

– Você é sempre tão mandona? – rosnou ele.

De algum modo, encontrei forças para assentir uma vez.

– Alguém já tomou alguma providência a respeito?

Lambendo os lábios, balancei a cabeça e consegui sussurrar:

– Não.

– Talvez seja hora de alguém fazer isso.

Eu tinha alguém realmente bom em mente.

Amedrontada, excitada, eu simplesmente fiquei parada ali, à espera. Então Simon me puxou, até que meu corpo foi esmagado contra o dele, e não houve como não notar o cume da excitação pressionado contra minha virilha. Deus, ele era grande. Rijo. E eu mal conseguia permanecer de pé.

Simon baixou a cabeça. Morrendo por um beijo, eu inclinei minha cabeça também, fechando os olhos e entreabrindo os lábios.

Quando ele me beijou, porém, não foi o encontro ávido, profundo e apaixonado da noite anterior. Em vez disso, ele fez algo completamente chocante.

Ele capturou meu lábio inferior entre os dele, sugou e mordiscou. Levemente. Porém deliberadamente.

Eu quase gozei naquela hora mesmo. Ondas quentes de prazer irradiaram dentro de mim, subindo num frenesi para então latejar entre as minhas

pernas, que já estavam muito fracas. Como se soubesse disso, ele me puxou para mais perto, seus dedos apertando meu bumbum enquanto ele me içava, até eu estar praticamente montada naquela ereção imensa.

Ele lambeu o local onde havia me mordido, como se para aliviar uma dor inexistente.

Sua língua era absolutamente deliciosa, deslizando sobre meu lábio. Tentei me retorcer para ficar mais perto, para capturar sua boca com a minha para ganhar aquele tipo de beijo lento e inebriante que eu sabia que ele poderia proporcionar. Mas Simon, infelizmente, parecia ter concluído o que quer que estivesse desejando fazer. Porque, de repente, ele soltou minhas mãos e deu um passo atrás.

Seus olhos estavam tempestuosos, sua carranca, feroz, como se *eu* tivesse sido a agressora e roubado um abraço *dele*.

– Você não deveria estar aqui – murmurou ele.

– Eu não vou a lugar algum. Você disse que eu podia ficar.

Percebi aquela notinha de beligerância na minha voz, aquela que sempre me servia bem quando eu lidava com meus irmãos. Claro que, com meus irmãos, eu sempre podia recorrer à ameaça de que contaria aos meus pais sobre *algo* que eles tinham feito, para me servir de apoio.

Com esse homem, eu não tinha nada. Nada além de uma postura desafiadora e pura força de vontade.

Nós estávamos num momento xeque-mate e eu preendi a respiração, à espera de sua próxima jogada. Quando ele a fez, eu quis chorar de alívio. Porque, felizmente, a força de vontade pareceu o suficiente. Embora estivesse contraindo um músculo do rosto, projetando a mandíbula, Simon finalmente assentiu.

– Tudo bem. Mas só por um dia ou dois. Pegue o que você precisa e então volte para o lugar de onde veio.

Afastando-se, ele caminhou em direção à porta. Antes de sair, porém, olhou para mim.

– E fique fora do meu caminho, porque vou fazer o melhor possível para fingir que você não está aqui.

NO FIM da tarde, depois de espirrar umas vinte vezes seguidas devido ao ar rançoso que permeava o porão, resolvi tentar uma mudança de cenário. Eu havia vasculhado um grupo de caixas velhas mofadas que continham muita papelada do hotel. Registros de hóspedes, anúncios, notas fiscais de suprimentos e mantimentos. Aparentemente, tudo datava das últimas duas décadas, quando o tio de Simon era o administrador do lugar. As datas iam até junho passado, e cheguei mesmo a encontrar o nome do meu professor em uma folha de reservas do hotel.

Eu precisava voltar mais no tempo. Então, lembrando-me das palavras de Simon, fui até o terceiro andar, comecei a testar portas e encontrei uma que dava no sótão. Subi os degraus com cuidado.

Que bom que o trabalho me interessava tanto, pois estava sendo um inferno fazer o que Simon Lebeaux tinha me pedido para fazer. Ficar longe dele? Como diabos eu poderia fazer isso, quando tudo que eu *queria* fazer era tocar aquele sujeito, curar suas cicatrizes, deixá-lo saber que ele não estava sozinho?

Isso ou jogar meus braços em volta do pescoço dele, minhas pernas ao redor da cintura e implorar para me possuir.

– Não é uma boa jogada – sussurrei, enquanto abanava o rosto, já no sótão empoeirado e cheio de teias de aranha. Se eu fizesse qualquer movimento muito brusco, o sujeito me expulsaria. Era necessário sutileza. Embora sutileza não fosse o meu forte.

O que posso dizer? Sou uma mulher moderna. Eu tenho opiniões. O fato de elas geralmente estarem corretas e de outras pessoas frequentemente estarem erradas não é *minha* culpa.

Como o sótão havia se revelado bem cavernoso, cobrindo toda a extensão da casa, optei por explorá-lo por partes. As lâmpadas do teto não estavam fornecendo muita luz. Mas um pouco do sol da tarde finalmente estava espiando por trás das nuvens, e um pouco dele entrava pelo lado oeste da casa.

Foi por ali que comecei. Mantive minha atenção nas velhas caixas fechadas e empilhadas ao longo de uma parede áspera e cravejada de pregos, sem olhar para as sombras que ocupavam o restante do espaço imenso.

Eu já havia superado meu ataque inicial de calafrios em relação à Casa Seaton, mas havia algo um pouco assustador no fato de estar sozinha num cômodo enorme cheio de poeira, cheirando a naftalina e repleto de histórias secretas. Simon tinha mencionado os manequins de costura, então eles não me assustaram tanto quando os vi parados numa sentinela silenciosa do ambiente. Mas havia outras coisas estranhas, como um velho cavalo de balanço imenso, feito em madeira, com apenas um olho e uma sela de couro rachada.

Algo que parecia saído de uma câmara de tortura, mas que se provou ser uma daquelas velhas máquinas com cinta para queimar pneuzinhos da barriga, do tipo que eu só tinha visto nos filmes, bloqueava parte do corredor. Então eu ainda não tinha retornado muito no tempo. Mas, mesmo a uns cinco metros da porta, eu via uma quantidade interminável de objetos cobertos com lençóis, de diferentes formatos e tamanhos.

Eu sabia que a maior parte dos lençóis envelhecidos não estava cobrindo nada senão mobiliário antigo. Ainda assim, não pude evitar pensar que pudesse haver alguém escondido sob uma daquelas coisas, pronto para sair e me matar de susto.

*Deixe de ser boba*, resmunguei, já que meu nervosismo era tão impróprio. Eu sempre fui imaginativa, mas nunca fui covarde.

Lottie, a durona, essa era eu.

Minha imaginação podia ser um pouco maluca, mas sempre era baseada na realidade. Nada de coisas sobrenaturais. Por isso era surpreendente o fato de eu ter transformado meu lapso da noite anterior num chlique aterrorizado. Ainda assim, eu precisava me dar um desconto. Estava cansada, com os olhos turvos, a mente cheia de imagens sobre as coisas terríveis que tinham ocorrido naquela casa. Então eu tinha confundido um sujeito gostosão com um serial killer fantasmagórico. Processe-me.

Querendo aproveitar a luz restante do dia, comecei a trabalhar. Embora eu estivesse esperando encontrar mais das mesmas coisas chatas do porão, para minha surpresa, me deparei com alguns papéis mais antigos na primeira caixa que abri. Os projetos e desenhos da planta baixa da casa

estavam cuidadosamente dobrados dentro dela, juntamente a notas de carpintaria, notas fiscais e recibos de pagamento preenchidos com esmero.

– Estamos nos aproximando – sussurrei.

Fiquei tão envolvida nas minúcias da vida no início dos anos 1900, que praticamente não notei o tempo passar. Só quando eu já estava semicerrando os olhos para aprimorar a visão e segurando uma carta antiga bem perto do nariz para decifrar sua caligrafia elegante e cuidadosa foi que notei que já estava escuro. A luz externa agora já não existia mais, e só me restava a iluminação amarelada das lâmpadas acima.

Tudo bem. Isso já era o suficiente para um dia. Eu tinha encontrado algumas informações interessantes, embora não fosse exatamente o que eu estivesse buscando, e tinha certeza de que estava no lugar certo agora. Além disso, eu tinha ficado fora da vista de Simon durante toda a tarde, por isso estava esperançosa de que, com isso, ele poderia concluir que eu não estava atrapalhando e, portanto, me permitiria ficar na casa. Pelo menos por tempo suficiente para concluir meu trabalho e, esperançosamente, ajudá-lo de alguma forma.

E talvez fazer um belo sexo também.

Com esse pensamento agradável em mente, fechei a caixa e saí do labirinto na ponta dos pés, em direção à porta. Segurei no corrimão com firmeza durante a descida pelas escadas, percebendo que a luz que vinha lá de cima não iluminava absolutamente mais nada aqui embaixo. Eu não tinha notado isso quando entrei, mas a luminária na base da escadaria estava sem lâmpada.

Feliz por estar saindo do sótão, estendi a mão para a maçaneta e a torci. Só que ela permaneceu completamente imóvel.

– Ah, que ótimo – murmurei. – Porcaria de trava!

Comecei a torcer e a sacudir a maçaneta, colocando meu peso contra a porta enquanto o fazia. Ela não cedeu.

– Isso não pode estar acontecendo. – Parei o que estava fazendo e pensei no assunto. Quando subi, algumas horas atrás, a porta se abriu com facilidade, nem mesmo rangendo em suas dobradiças velhas. A maçaneta também girara facilmente sob minha mão.

*Se a porta está emperrada... a maçaneta não deveria se mexer?*, questionou uma voz em minha cabeça.

Sim. Eu tinha certeza de que deveria. O que significava apenas uma coisa. A porta não estava emperrada. Alguém a havia trancado.

## Capítulo 6

*Simon*

EM SEU escritório, naquela tarde, Simon obrigou-se a se concentrar no trabalho, no livro que tinha sido contratado para escrever, o qual já estava três meses atrasado.

E a não se concentrar na mulher em seu porão. A mulher cuja boca ele havia provado mais uma vez no início da tarde.

A mulher por quem estava louco.

– Inferno – murmurou ele naquele início de noite, percebendo que tinha acabado de digitar a mesma frase duas vezes.

Sabendo que era inútil, que seu cérebro estava esgotado e que o pouco de imaginação criativa que lhe restava ia se ocupar visualizando Lottie Santori de pé em sua cozinha, *nua*, ele desistiu. E cedeu, pelo menos um pouco, às imagens mentais que tinham passado a tarde inteira tentando inundar sua cabeça.

Ele não conseguia parar de imaginar o olhar dela, a forma como o lábio rosado ficara vermelho e inchado enquanto ele a saboreava. A maneira como Lottie havia entreaberto aqueles lábios, praticamente implorando-lhe para lambe o interior de sua linda boca.

Com uma sacudida de cabeça, Simon afastou tais pensamentos outra vez, sabendo que não precisaria encarar Lottie naquela noite se não o quisesse. Já

ia ser complicado o suficiente fitá-la nos olhos, sabendo que ele provavelmente deveria pedir desculpas pelo que havia feito.

Seria pior do que tentar esconder o fato de que ele desejava fazê-lo novamente.

Olhando para o relógio e percebendo que já eram 19h30, Simon franziu a testa. Ele tinha perdido completamente a noção do tempo enquanto revisava as anotações feitas durante as duas semanas em Charleston e adiantava o trabalho. Felizmente, ele só fora ferido na última noite lá, então tinha conseguido reunir um monte de informações úteis até então.

Porque Deus sabia que ele nunca mais voltaria a Charleston. Pelo menos não até o julgamento. E ele ainda estava esperançoso por um acordo judicial, para que o julgamento em si nunca acontecesse.

Desligando o computador, Simon deixou o escritório e seguiu para a cozinha, meio que esperando ver Lottie por lá, preparando o jantar. Ele não chegara a comer o almoço oferecido por ela mais cedo. Eles acabaram muito *distráidos* imediatamente depois que ela sugerira a refeição.

Mas a cozinha estava vazia. Silenciosa, exceto pelo zumbido baixo da geladeira. As luzes estavam apagadas, ali e em qualquer outro lugar no primeiro andar, exceto pelo escritório, fato que o surpreendeu.

Imaginando se ela estaria entretida com o que quer que tivesse encontrado no porão, Simon desceu até lá, mas o local também estava escuro e deserto.

– Onde ela está? – sussurrou ele.

Um pensamento repentino e perturbador o fez correr de volta lá para cima. Depois do que havia acontecido de manhã, será que ele a havia assustado? Será que Lottie havia concluído que não estava em segurança na casa do assassino maluco da colina, arrumado suas malas e ido embora sem dizer uma palavra?

Mas o carro dela ainda estava estacionado lá fora. Além disso, ninguém tinha vindo arrumá-lo, então aquele temor não só era irracional, mas também estúpido.

Mas Simon ainda estava incrivelmente aliviado por Lottie não ter ido embora. Ele não parou para analisar o motivo, além de reconhecer que não

deveria estar tão feliz por ela ainda estar por perto. Ele mal a conhecia, e vinha desejando que ela fosse embora desde o minuto em que chegara.

*Mentiroso.*

Talvez no início ele tivesse desejado, sim, que ela fosse embora. Mas, de alguma forma, durante o único dia dela ali, ele se lembrou de que costumava ser uma pessoa sociável. Simon costumava gostar de pessoas. E gostava particularmente de mulheres.

De mulheres erradas, em alguns casos.

Indo para a varanda, na frente da casa, ele não conseguiu evitar olhar para os limites do gramado, sentindo um novo temor crescendo dentro de si. Fazia apenas quatro meses desde que seu tio, que havia morado a vida toda ali, tinha dado um passo em falso na beira de um dos penhascos. E algo lhe dizia que Lottie estava metida em alguma encrenca. Podia chamar de intuição reforçada por três meses de solidão quase total, mas, fosse qual fosse o caso, Simon não estava disposto a aguardar que ela retornasse.

Descendo três degraus por vez, ele correu pelo gramado ainda molhado, o céu enluarado e estrelado fornecendo alguma iluminação. Assim que chegou bem perto do declive, no entanto, percebeu que deveria ter levado uma lanterna.

– Estúpido – murmurou.

No entanto, ele olhou para baixo, além da escuridão rochosa, onde a montanha dava para o vale, e a cidade, lá embaixo.

Era inútil, sem mais iluminação.

– Lottie! – berrou ele, e então chamou mais duas vezes. Se ela estivesse ferida ou presa, poderia, ao menos, gritar e sinalizar sua localização.

Nada. A noite estava silenciosa, exceto por uma leve brisa farfalhando através das folhas secas sob os carvalhos e os bordos maciços que marcavam os limites do gramado. Tio Roger os havia plantado ali décadas atrás, na esperança de manter os hóspedes curiosos longe dos precipícios.

Se ao menos as árvores tivessem feito com que *ele* se mantivesse longe dali...

A preocupação de Simon agora o agarrava com tanta força que seu peito doía; ele caminhou em direção à casa, sabendo que precisava de mais

iluminação. Mas, antes de chegar à varanda, ouviu o que parecia uma voz.

Parando de repente, gritou:

– Lottie?

– Aqui em cima. *Estou aqui em cima.*

Ele olhou para cima, e não viu nada senão o céu noturno, então notou um lampejo de luz sob o beiral do telhado, na parte superior da casa.

– O sótão – murmurou.

Tudo bem, tinha sido ele quem sugerira a ela uma busca no sótão, portanto aquele deveria ter sido o primeiro lugar verificado. Mas, de alguma forma, depois de Charleston, Simon sempre se flagrava imediatamente temendo o pior, em vez de pensar logicamente, como costumava ser antes do evento.

A bala tinha arrancado um pedaço de seu otimismo, juntamente com um pedaço de seu peito.

– Simon, você está me ouvindo? – Veio o grito fraco.

– Você está no sótão?

– Sim! Estou trancada. Por favor, tire-me daqui.

Trancada. Seu alívio foi tão grande que ele teve vontade de rir por Lottie ter conseguido se trancar no último andar. Em seguida, desejou gritar com ela por ter lhe dado um susto tão grande.

– Por que diabos ela se importaria? – perguntou-se, enquanto corria de volta para a casa. Apressou o passo enquanto subia pelos dois longos lances de escada, tentando pensar que sua preocupação era infundada.

Simon precisava superar isso. Parar de exagerar nesse tipo de situação. Mesmo que ele explicasse isso a ela, sobre seu tio e sobre o que havia acontecido em Charleston, quando ele vira uma mulher encontrar a morte, ele não achava que ela fosse entender.

Como alguém poderia compreender? Nem o próprio Simon conseguia fazê-lo. Ele saíra de “meio acreditando que a casa era assombrada” para “temendo que sua bela e jovem hóspede estivesse em perigo”. Deixara de ser a mente criativa de um escritor analítico de não ficção para se transformar num aspirante a Stephen King.

Quando chegou ao corredor do terceiro andar, Simon ouviu Lottie batendo no outro extremo. Também ouviu uma linguagem bem rude saindo daquela boquinha linda, e não conseguiu evitar um meio sorriso. Aquela mulher havia trazido vida e luz àquela casa velha, sombria e misteriosa, e ele sabia que o lugar ficaria escuro e vazio quando ela fosse embora.

Ele gostava dela. Gostava da presença dela. Muito.

Se não *gostasse* dela, provavelmente as coisas teriam sido mais simples. Porque não havia dúvida de que ele estava atraído por ela. E, se ele só estivesse sentindo mera atração, poderia simplesmente tê-la levado para a cama e pronto.

Todo mundo ficava dizendo que ele precisava voltar à ativa. Que não podia deixar que os acontecimentos de seu último encontro com uma mulher o fizessem rejeitar sexo para sempre.

Ele não estava pronto para rejeitar sexo para sempre, que inferno, não! Mas nunca mais iria fazer algo tão estúpido quanto pegar uma desconhecida num bar e levá-la para o seu quarto.

Simon não sabia se tudo que ele já havia vivenciado até então poderia tê-lo preparado para aquilo, para uma bela mulher praticamente se enroscando nele num local público, implorando para ele levá-la para o andar de cima. Então, quando Simon o fez, ela conduziu um comparsa para segui-los.

Quando ambos sacaram as armas e exigiram seu dinheiro, ele entregou.

E a história devia ter acabado assim. Mas não acabou.

*Por que as coisas tiveram que ficar tão sanguinárias?*

Simon tinha aprendido uma lição. Uma lição valiosa, que o fez questionar novamente a decisão de deixar Lottie permanecer na casa. Ela não era exatamente uma desconhecida, a papelada e as cartas de seu tio provavam sua identidade e sua missão ali, pelo menos. Mas também não era exatamente alguém que ele conhecia.

– No entanto, ela ainda está dormindo debaixo do meu teto – resmungou ele.

No entanto, agora não havia mais tempo para pensar no assunto. Chegando à porta do sótão, buscou o chaveiro antiquado no bolso. Não

tinha ideia de como Lottie tinha conseguido entrar e trancar a porta sem usar uma chave.

– Espere, eu estou aqui. Você vai sair num segundo.

– Graças a Deus – exclamou ela.

Ele agarrou a maçaneta para manter a porta estável enquanto inseria a chave. Mas, estranhamente, a maçaneta girou em sua mão. A porta se abriu, e Lottie Santori, furiosa e com o rosto vermelho, praticamente veio abaixo.

Ela aterrissou bem nos braços dele, algo que já estava se tornando um hábito.

– Obrigada, obrigada, obrigada – disse ela, dando beijos breves na bochecha de Simon, como se não conseguisse conter o impulso. O corpo dela estava pressionado ao dele e ele não conseguiu resistir, pousando então as mãos na cintura dela, abarcando-a e segurando-a ali.

A mulher definitivamente sabia como expressar seu apreço. Suas curvas delicadas se moldavam contra ele e seus braços lhe envolviam o pescoço. O cabelo denso e escuro roçava no rosto de Simon. E o alívio por saber que ela estava bem simplesmente tomou conta dele. Incapaz de resistir, ele se inclinou e cobriu a boca de Lottie com a sua.

Ela derreteu instantaneamente. Provando a língua delicada, Simon ouviu um gemidinho de prazer e o ecoou. Lottie era doce e picante. Explorando a boca macia languidamente, ele encontrou a língua dela em estocadas lentas, uma após a outra.

Ela inclinou a cabeça, erguendo os braços para envolver mais o pescoço dele, enredando os dedos em seu cabelo. Não houve frenesi nem loucura, como Simon achava que haveria após um período tão longo de celibato. Não. Foi suave e relaxado; não um prelúdio para algo mais, mas um prazer em si e por si só.

Ele gostava de beijar. E havia se esquecido disso.

E gostava principalmente de beijar *aquela* mulher ali.

Levantando a mão, Simon segurou o rosto de Lottie, percebendo como a pele dela estava fria. Gelada. Um belo contraste com a boca morna e o corpo quente, muito *quente*.

Lottie cambaleou para trás, puxando Simon consigo até se encostar na parede do corredor. Quando ela dobrou e ergueu a perna, raspando a coxa ao longo do quadril dele, ele gemeu diante da intimidade do gesto. Ela o estava puxando com força, ao mesmo tempo que inclinava a pélvis contra a dele. Ele podia sentir o calor entre as pernas de Lottie e o cheiro almiscarado quente e inconfundível de excitação feminina.

Seria fácil desabotoar a calça jeans dela e possuí-la bem ali, naquele momento. A julgar por seus gemidos e pela maneira quase frenética com que ela estava roçando o corpo no dele, aquilo era exatamente o que ela desejava. E a maneira como as línguas se emaranhavam só enfatizava isso.

*Não.* Isso não podia acontecer. A intenção de Lottie foi de lhe dar um beijo de agradecimento, pelo amor de Deus, porque ela *achava* que ele a havia salvado.

Simon não era nenhum herói. E, embora também não fosse nenhum santo, ele conseguiu interromper o beijo e levantar a cabeça.

Lottie ficou na pontinha dos pés, choramingando, sem nem mesmo abrir os olhos. Como se quisesse começar tudo de novo. Mas ele resistiu, respirando fundo e afastando-se alguns centímetros.

– Suas bochechas estão frias – disse ele, tentando afastar a aura de sexo e sensualidade.

Ela olhou para ele, os imensos olhos castanhos sonhadores e desfocados, as pálpebras semicerradas num convite lânguido, lascivo. Mas ele não estava aceitando aquele convite.

*Não* estava.

Finalmente, como se reconhecendo a determinação dele, Lottie balançou a cabeça.

– Sim, estava bem frio lá. Pelo menos uns cinco graus abaixo da geladeira na qual eu dormi ontem à noite.

Rindo, ele disse:

– Eu me ofereci para acionar o gerador.

– Você não me pareceu muito entusiasmado com isso.

Dando de ombros, ele admitiu:

– Ele não funciona muito bem.

Então, sabendo que a breve conversa tinha funcionado para arrefecê-los, ele perguntou:

– Então, você está bem?

Ela assentiu.

– Só congelada. E um pouco assustada. Acho que minha imaginação começou a fugir do controle. Eu estava vendo gente debaixo de cada um daqueles lençóis idiotas lá em cima.

De repente, ele se lembrou das palavras que Lottie gritara... ela dissera estar *trancada* no sótão.

– Lottie – disse ele, tomando as mãos dela nas suas, que também estavam frias. – Por que você acha que estava trancada?

Ela lançou a ele um olhar do tipo “dã”.

– Porque eu *estava*. No começo questionei se você estaria tentando me assustar para me fazer ir embora, pregando uma peça. Acredite, se você tivesse me resgatado uma hora atrás, eu teria saído distribuindo tapas.

Que sorte a dele. Simon com certeza preferia os beijos.

– Mas daí concluí que você não faria isso, principalmente quando o ouvi me chamando lá fora. Estou feliz que você voltou para a casa e me ouviu gritando de volta. – Ela levantou as mãos, analisando-as, e só então Simon percebeu o quanto estavam vermelhas e arranhadas. – Acho que soquei a porta com muita força.

Franzindo a testa, Simon agarrou as mãos de Lottie e as virou para que pudesse avaliar melhor.

– Estão raladas. Você estava batendo na porta?

Ela assentiu.

– Gritando até não poder mais, batendo, chutando.

A voz de Lottie lhe dizia que ela não estava exagerando. Ela parecia um pouco rouca.

– Eu não ouvi nada – disse ele, se perguntando como ia contar a ela que nunca havia ficado trancada de fato.

– Esta casa é muito grande – disse ela, sem separar suas mãos das dele. Quando Simon roçou a pontinha de um dedo dela, Lottie estremeceu. – Ai.

Vendo pequenas bolhas vermelhas nas pontas de dois dedos e do polegar dela, ele perguntou:

– O que aconteceu aqui?

– Acho que me queimei – admitiu ela. – Não percebi isso até descer as escadas, mas não tem nenhuma lâmpada na luminária na escada. Eu não ia ficar empoleirada lá, socando a porta só com aquele tiquinho de luz que vinha lá de cima. Então tive que pegar uma lâmpada no sótão.

Balançando a cabeça, ele perguntou:

– Você não podia ter apagado as luzes e deixado que as lâmpadas esfriassem antes de tentar desenroscar uma?

Ela puxou a mão num tranco e franziu a testa.

– No caso de você não ter percebido isso, o único interruptor do seu sótão fedorento fica aqui perto da porta. E, se você acha que eu ia ficar passeando no escuro, *desligar* o interruptor e subir de volta para esse buraco negro da morte, tateando para achar uma lâmpada que funcionasse, você está louco.

Bem, colocando dessa forma...

– No início eu não consegui pensar direito – confessou ela a contragosto.

– Eu simplesmente toquei na lâmpada. Assim que percebi que estava quente, procurei um pano e a removi, aí depois eu a trouxe para baixo e fiquei tateando até conseguir enfiá-la no soquete.

Lottie deu uma sorte danada por não ter se eletrocutado no processo. Essa história estava piorando cada vez mais. E ele ainda não tinha encontrado um jeito de lhe dizer que a porta só devia estar emperrada, já que, certamente, não estava trancada.

– Você devia consertar esta porta, para que não trancasse assim. É perigoso.

Sabendo que precisava ser honesto com ela, ele caminhou até a porta e a fechou.

– Esta é uma das trancas originais da casa.

– Sim, bem, talvez você devesse substituí-la depois.

– Sim, eu deveria – murmurou ele. – Mas o que quero dizer é que este é um dispositivo antigo que só pode ser bloqueado ou desbloqueado com uma

chave. Não há botões ou interruptores. – Trancando e destrancando algumas vezes, ele acrescentou: – Não tem como trancar acidentalmente.

Lottie semicerrou os olhos quando começou a entender.

– Você está errado. Estava trancada.

– Provavelmente estava emperrada, Lottie.

A mandíbula forte se projetou e os olhos escuros dela brilharam.

– Simon, eu tentei girar a maçaneta várias vezes. Ela nem se mexeu.

Ele simplesmente a encarou, certo de que ela devia ter se enganado. Mas a mulher não ia recuar, não ia mudar nadinha de sua história.

– A porta estava trancada.

PESADELOS VÍVIDOS interferiram no sono de Simon. Não foram com Charleston, mas com seu tio Roger.

Naqueles meses residindo na Casa Seaton, Simon vinha ficando cada vez mais irritado com a forma como seu último parente falecera, caindo montanha abaixo numa manhã nebulosa.

Seu tio tivera uma morte horrível.

E, durante toda a noite, Simon ficara revivendo-a mentalmente sem parar, ouvindo os apelos por ajuda nunca ouvidos. Quando acordou, uma camada de suor cobria sua pele e uma umidade quente causava ardência no canto de seus olhos.

– Deus – sussurrou ele, na penumbra da madrugada. As cobertas estavam emboladas ao redor, como se ele tivesse se agitado durante a noite.

Sabendo que não seria capaz de voltar a dormir, Simon se levantou e saiu do quarto, decidido a caminhar para espantar a raiva e a tristeza. Como sempre fazia nas primeiras horas da manhã, ele se flagrou indo até a beirada dos penhascos.

A manhã tinha chegado cinzenta, mas não enevoadada, ao contrário daquela que fora a última da vida de seu tio. De pé no ponto mais distante do gramado, Simon conseguia enxergar a cidade de Trouble lá embaixo. Dava para distinguir facilmente a rua principal, os telhados da mercearia e da lanchonete. E sobre uma colina, um pouco depois do centro da cidade, a casa de seu único amigo na região: Mortimer Potts.

Simon teve de rir. Mortimer era um milionário de 80 anos de idade que gostava de vestir-se com roupas de xeiقة e acampar numa enorme tenda em seu quintal. Se isso não fosse uma declaração de como a vida de Simon havia mudado radicalmente, então ele não sabia o que mais poderia ser.

– Qual é a graça?

Assustado, ele virou a cabeça e viu Lottie de pé a poucos metros de distância. Ele não tinha percebido a aproximação dela na grama úmida.

Aparentemente uma madrugadora também, ela estava vestida com roupas de corrida, agasalho e tênis, o cabelo denso e escuro preso num rabo de cavalo no alto da cabeça. Ela estava ofegante, como se já tivesse corrido, mas eram apenas 7h30.

– Não corra perto dos penhascos – alertou ele, vociferando as primeiras palavras que lhe vieram à mente.

– Bem, bom dia para você também.

Ele pigarreou.

– Bom dia. – Em seguida, repetiu a advertência: – Os declives são irregulares ao longo da borda. Você não deve correr perto da borda, principalmente se estiver escuro lá fora.

Ela se aproximou, ainda arquejante. Aparentemente, já estava fora da casa há um tempinho. Simon imaginava se a noite dela tinha sido tão agitada quanto a dele. E no que os dois poderiam ter feito naquela noite inquieta caso estivessem dormindo no mesmo quarto.

– Simon?

Ao notá-la fitando-o com curiosidade, ele pigarreou. Ela obviamente tinha dito alguma coisa, mas suas imagens mentais o deixaram surdo ao que quer que fosse.

– Desculpe?

– Eu perguntei se você estava bem. Você não me parece bem. Já comeu hoje?

– Pelo visto você tem uma segunda carreira como enfermeira, não é?

– E pelo visto você tem uma segunda carreira como vampiro. Você é pálido o suficiente para isso – disse ela, o tom tão sarcástico quanto o dele.

Depois de dar uma olhada aguçada para o sol, que lançava alguns raios de luz na manhã, Simon se voltou para Lottie outra vez.

– Tudo bem, você obviamente não virou uma pilha de cinzas de vampiro à luz do sol – admitiu ela, parecendo mal-humorada. – Mas, se continuar a se privar de comida e a se enfiar naquele escritório, vai acabar ficando parecido com o Drácula.

– Pensei que você estivesse aqui para pesquisar a história da casa, não para me assediar até eu comer.

Ela bateu os punhos nos quadris.

– Assediar? Por favor. Você ainda não me viu assediando. Se quer saber o que é assédio de verdade, pergunte aos meus irmãos.

Lá estava ela sendo uma gracinha outra vez. Tão durona e mandona. Ele queria conhecê-la mais.

– Irmãos? Família grande?

Ela assentiu.

– Cinco. Todos mais velhos.

Ai. Cinco irmãos mais velhos. Se Simon já não soubesse que não era viável se envolver com aquela juvenzinha, isso o teria convencido.

– Felizmente, estão todos em Chicago, e não aqui observando cada movimento meu. E você, teve irmãos para atormentar sua infância?

Ele balançou a cabeça.

– Primos? Qualquer coisa?

– Não. Ninguém.

Ela franziu a testa.

– Uau, eu sempre desejei ter uns vinte ou trinta homens a menos mandando em mim, mas não consigo imaginar a vida sem *nenhum*.

– Vinte ou...

– Se contar os primos e primos em segundo grau, é isso mesmo. Meus pais vêm de famílias imensas e todos levaram um pouco a sério demais a premissa católica do “crescei e multiplicai-vos”.

Ele sorriu, gostando da franqueza dela. Como sempre.

– Meu pai era filho único, e o irmão da minha mãe... – Ele olhou montanha abaixo outra vez. – Tio Roger nunca se casou. Ele passou a vida

inteira aqui. – Abaixando a voz, falando quase para si, Simon murmurou: – E ele morreu aqui.

Lottie tocou o braço de Simon – de leve, oferecendo consolo, carinho.

– Sinto muito. Eu ainda me arrependo por ter confundido você com ele na outra noite. – Pigarreando, ela acrescentou: – Como ele morreu?

Simon permaneceu em silêncio por um momento. Ainda não era fácil falar a respeito daquilo.

Lottie, é claro, não teria como saber, no entanto. De alguma forma, parado ali tão perto de onde tudo havia acontecido, Simon sentia-se compelido a contar a ela.

– Aparentemente, tio Roger veio para cá para uma caminhada de manhã bem cedo, em junho, como sempre fazia. Mas então ele perdeu o equilíbrio. – Olhando fixamente para baixo da encosta, ele quase podia ver o idoso deitado lá. À espera da ajuda que nunca veio.

– Ele só foi encontrado um dia e meio depois, quando uma equipe de busca foi chamada pela polícia de Trouble. Mas aí já era tarde demais.

– Dois dias... – Lottie apertou o braço de Simon num reflexo. – Ninguém o escutou, ninguém percebeu?

– O hotel nunca foi muito movimentado e havia apenas um punhado de pessoas hospedadas aqui no momento. A equipe só se preocupou com seu desaparecimento à noite e só chamou a polícia na manhã seguinte.

Os lindos olhos castanhos de Lottie ficaram úmidos.

– Simon, eu lamento muito. Eu não queria trazer lembranças tão dolorosas.

– Você não trouxe. Eu estava parado aqui pensando nisso, de qualquer forma. – Sem saber por que estava confessando aquilo, ele acrescentou: – Eu sonhei com ele ontem à noite. Acho que suas histórias sobre esse tal Zangara me fizeram começar a me perguntar se essa casa é... amaldiçoada. Minha mãe certamente achava isso.

Ele estava prestes a dizer mal-assombrada, mas mudara de ideia rapidamente. A Srta. Durna Santori não precisava ouvir sobre suas fantasias malucas, mesmo depois de ela ter brincado sugestivamente na

noite anterior, durante o jantar na cozinha, dizendo que provavelmente um fantasma a trancara no sótão.

– Então – disse ele, tentando mudar de assunto –, com cinco irmãos mais velhos, dá para deduzir onde você conseguiu essa boquinha suja.

A expressão chocada de Lottie lhe informava que ele tinha conseguido redirecionar a conversa.

– Perdão?

– Diga-me – começou ele, como se ela não tivesse falado –, algum deles já deu umas palmadas em você para ensiná-la a se comportar?

Ela arregalou os olhos.

– *Palmadas?* Você está brincando?

– Aposto que você já precisou de palmadas algumas vezes em sua vida.

– Seria preciso um homem bem mais forte do que qualquer um dos meus irmãos para me dar palmadas.

Ele devia ter pensado melhor antes de provocá-la porque, de repente, Lottie lambeu os lábios.

– A menos que eu *queira* que ele dê.

Garota danadinha. Simon quase gargalhou, mas o calor nos olhos dela o fez mudar de ideia.

Sabendo que deveria mudar de assunto, voltar a um território neutro, ele tomou o caminho contrário e mordeu a isca jogada por ela, aumentando as apostas.

– É disso que você gosta? – Droga, fazia tempo que ele não brincava desse joguinho de flerte malicioso com uma mulher bonita. E alguma coisa o impedia de parar. – Prazeres perversos? Dor? Dominação?

Ela se aproximou dele.

– Era isso que você estava tentando descobrir quando me mordeu?

Ele ergueu a mão para o pescoço de Lottie, roçando as pontas dos dedos no ponto vulnerável, perto da base da garganta.

– Eu não mordi você.

Ela inclinou a cabeça para o lado lentamente, ao mesmo tempo que arqueava para o toque, implorando por ele.

– Do quê você chamaria aquilo, então?

– De uma provinha. – Incapaz de se conter, Simon se inclinou e pressionou a boca na pele quente da lateral do pescoço dela, bem na junção do ombro. – Só uma provinha. – Abrindo a boca, ele provou a pele dela, lambendo levemente e então mordiscando até Lottie sibilar e começar a tremer.

– Prove-me de novo, Simon – disse ela, a voz rouca e insistente. E, antes que ele pudesse responder, ela tomou o que queria, entrelaçando as mãos ao cabelo dele e puxando sua cabeça para que as bocas pudessem se encontrar.

Não foi um beijo doce e lânguido, um beijo de agradecimento como o da noite anterior. Lottie enfiou a língua na boca de Simon, explorando-o vorazmente, pressionando o corpo contra o dele o tempo todo. Ela era selvagem, determinada, e, quando afastou o casaco dos ombros dele e deslizou as mãos por baixo da camisa, ele foi incapaz de protestar.

Os dedos de Lottie estavam frios; o toque, ardente. Sem interromper o beijo, ela sugou o lábio inferior dele, cravando os dentes nele em retaliação ao dia anterior.

Simon teve a impressão de que os rochedos tremiam debaixo de seus pés, mas não conseguiu se concentrar o suficiente para ter certeza. Incapaz de resistir, ele pousou as mãos nos quadris dela, deslizando os dedos por baixo do agasalho pesado que ela usava para então acariciar a pele fina e suave da cintura. Mais uma vez, Lottie exigiu mais. Cobrindo a mão de Simon com a dela, ela a guiou até um polegar roçar a curva abaixo de um seio exuberante.

Ela se contorceu, enfiando a mão no próprio agasalho e obviamente desabotoando o sutiã, porque de repente o tecido apertado afrouxou e aquele monte tépido de carne pousou na palma da mão dele. Simon gemeu, saboreando a intimidade.

– Ah, Simon, assim – gemeu ela de encontro à boca dele, arqueando mais, como se implorando por um toque mais firme.

Aquilo deveria parar. Ele precisava parar. Mas não conseguia, não sem ir um pouco mais longe.

Encontrando um mamilo enrugado, ele o capturou entre os dedos e apertou levemente até Lottie soluçar no fundinho da garganta. Cada carícia causava um calafrio no corpo dela. Cada puxão suave a fazia gemer.

– Prove-me *bem aí* – sussurrou ela com a voz rouca, a boca mal se desgrudando da dele.

Deus, era tentador. *Ela* era tentadora. Mas a queda súbita de algumas pedrinhas montanha abaixo fizeram Simon voltar à realidade num piscar de olhos.

Às vezes, ele realmente odiava a realidade. Teria dado qualquer coisa para continuar. Depois de tocá-la, ele queria desesperadamente vê-la, cobrir aquele mamilo duro com os lábios e sugá-lo até fazê-la implorar.

Do mesmo jeito que ela estava praticamente fazendo agora.

Mas eles estavam do lado de fora da casa numa manhã fria de outono, parados à beira de uma montanha, não muito longe de um dos piores lugares que ele já tinha conhecido.

Isso, mais do que qualquer coisa, permitira a Simon recuperar o controle.

Soltando a mão de Lottie, ele ajeitou a camisa.

– Lottie – sussurrou. – Chega. Já chega.

– O diabo que já chega. – Ela agarrou os ombros dele, as unhas cravando nos músculos.

Ele segurou as mãos dela e obrigou-se a recuar.

– Essa foi uma péssima ideia.

– Nada que seja tão gostoso assim pode ser ruim.

Ela estava errada. Porque *ele* era ruim, ruim para ela, ruim para si mesmo. Tinha caído tão fundo que não sabia se um dia seria capaz de sair de seu poço emocional, e a última coisa que precisava fazer era arrastar Lottie consigo.

Assim, dando um último aperto melancólico na mão dela, Simon virou-se e caminhou em direção à casa.

## Capítulo 7

*Lottie*

CURIOSO, JÁ estou neste velho hotel sombrio e misterioso há alguns dias, mas minhas motivações para permanecer aqui foram se modificando lentamente. Eu pensei que estivesse aqui para trabalhar, para descobrir qualquer coisa possível sobre Josef Zangara e sua vida perversa, a fim de ajudar o professor com seu livro. E, nesse sentido, tive pouco sucesso. Uma nova visita ao sótão, com a chave enfiada no bolso e um banco apoiando a porta aberta, rendeu-me algumas informações interessantes nesta manhã. Informações que eu queria dividir com Simon.

Mas, se algo acontecesse e eu precisasse ir embora à noite, não seria o *trabalho* a parte mais difícil de se abandonar. E nem mesmo a atração sexual que eu sentia por Simon Lebeaux desde o momento em que tropecei em seus braços.

Seria o homem em si. Simon era a *verdadeira* razão para as coisas terem mudado. Ah, com certeza eu ainda o desejava mais do que nunca. Quando ele abriu a porta do sótão ontem à noite e me permitiu sair, uma parte de mim pensou em fazer muito mais do que apenas lhe dar um beijo de agradecimento. Um “possua-me” teria sido muito melhor.

E esta manhã, perto dos penhascos? Uau, mãe do céu, eu ainda fico balançada quando penso na coisa toda. Senti que o sujeito poderia tocar

meu corpo com muita habilidade.

No entanto, e esta é a parte irônica, algo mudou. Agora estou vivendo sob o mesmo teto com um moreno desconhecido, misterioso e sensual. E a luxúria que tenho experimentado desde, bem, sempre, meio que foi substituída por outra coisa.

Estou preocupada com ele.

Não gostei nada de ver a silhueta dele contra o céu do amanhecer de hoje, à beira do penhasco. E, *particularmente*, não gostei nadinha depois que eu soube que o tio dele tinha morrido bem ali.

Ele achou que eu tivesse saído para correr ou algo assim. Rá. Euzinha. Correndo. A única coisa que me faria correr seria se o supermercado estivesse a cinco minutos de fechar e eu estivesse sem sorvete em casa.

Na verdade, eu ouvi quando Simon saiu. Dormi muito mal, então eu estava bem acordada esta manhã quando ouvi a porta da frente sendo batida. Espreitando pela janela do quarto no terceiro andar, eu o vi caminhando pelo gramado e simplesmente tive o impulso de segui-lo. Eu já estava vestida, com o agasalho que eu havia usado para dormir, lembra-se? Tinha desistido totalmente da ideia de que ele bateria em meu quarto por engano; sendo assim, abandonei a camisola branca transparente em minha segunda noite no local. Então calcei meu tênis e, claro, coloquei um sutiã, o qual foi tirado pouco antes de Simon praticamente fugir para dentro de casa.

Como se algo ruim fosse acontecer com ele caso eu não chegasse lá depressa o suficiente.

O quão esquisito era isso? Agir de forma tão protetora para com um homem que, apesar de sua magreza, era musculoso o suficiente para conseguir me partir ao meio? Por que eu sentia essa vontade de abraçá-lo e de dizer que ele não estava sozinho, em vez de simplesmente arrancar minhas roupas e implorar para ele *fazer amor* comigo?

Bem, certo, eu ainda queria fazer isso também. Felizmente, uma coisa não exclui a outra. Nada dizia que eu não poderia ficar *nua* quando estivesse abraçada a ele dizendo que ele não estava sozinho, não é?

Mas agora eu não sabia o que eu desejava mais. Por mais que eu ansiasse por ele, também queria ajudá-lo.

Eu queria que ele se abrisse para mim. Queria que ele confiasse em mim. Queria que ele desabafasse comigo.

*E eu queria que ele fizesse amor comigo.*

– Isso não pode continuar assim – sussurrei naquela tarde, enquanto terminava de digitar algumas anotações no meu laptop. Eu tinha passado a manhã inteira trabalhando no sótão, mas toda hora indo até o topo das escadas para me certificar de que a porta ainda estava aberta. Porém, conforme fui ficando com fome, resolvi descer para o almoço, mas antes resolvi passar no meu quarto para fazer algumas anotações.

Enviei algumas de minhas conclusões ao professor Tyler. Quando percebi que a rede era completamente desprotegida, sem nenhum tipo de *firewall*, perturbei a paciência de Simon com isso.

Se considerássemos algumas das coisas estranhas que vinham acontecendo naquele lugar, pessoalmente eu achava que Simon deveria ser um pouco mais cuidadoso. Não, eu não tinha visto nenhum fantasma flutuando por aí, e também não tinha ficado trancada no sótão de novo. Ainda assim, em uma ou duas ocasiões, flagrei-me prestando atenção ao ambiente, certa de que havia escutado a risada de uma mulher, vindo de algum lugar no terceiro andar. E hoje, ao retornar ao meu quarto para fazer minhas anotações, encontrei minha cama arrumada. Perfeitamente arrumada. E eu tinha quase certeza de que não havia feito a cama nessa manhã.

Rindo enquanto eu dizia a mim mesma que o fantasma de uma ex-empregada do hotel devia ter arrumado tudo, ainda quis confirmar minha tese, trancando a porta antes de sair. Bobo, eu sei, mas eu precisava fazer isso. A casa era enorme, alguém poderia invadir e pegar o que bem quisesse. Meu laptop, por exemplo; e nem eu nem Simon seríamos capazes de notar a movimentação.

Ignorando minhas preocupações, resolvi descer, fazer uma boa refeição e arrancar Simon da porcaria do escritório e da porcaria do computador no qual ele vinha trabalhando constantemente. Escrevendo, dissera ele.

Era hora de chamar a atenção dele. Não ia rolar nada se eu continuasse calada e afastada dele. Não dava mais para ficar circulando pela casa na

pontinha dos pés, esperançosa de que ele não fosse me notar, para que só então eu pudesse me esgueirar sorratamente em sua vida. E eu não ia me trancar no sótão de novo e aguardar pelo resgate dele, ainda que isso pudesse render mais um daqueles beijos sensuais, quentes e loucos.

Engraçado. Ele havia me salvado, quando tudo que eu queria era que *ele* fosse salvo por mim.

Mas eu nunca conseguiria fazê-lo se Simon não permitisse uma aproximação.

– Então talvez eu precise fazer com que ele permita a aproximação. De um jeito dramático – murmurei.

Se eu não ia ser procurada, então eu precisava procurar. Antigamente, na minha época na Universidade de Nova York, eu não precisava fazer muito mais do que sorrir para um cara ou usar um suéter apertado e decotado para conseguir o que queria.

Simon... bem, ele não era um universitário em busca de aventuras. Era um homem forte, sério, com controle de seus desejos. Na maior parte do tempo. Pois houve alguns momentos em que eu conseguia notar um olhar faminto. E às vezes ele me observava, quando achava que eu não ia perceber. E a forma como ele havia me beijado dizia que ele não era indiferente a mim. Não mesmo.

Por isso talvez fosse hora de usar de todos os meus recursos, entrar no modo devoradora e tentar seduzi-lo. Seduzi-lo para conquistar sua confiança como um meio de levá-lo para a cama.

Puxa. Tarefa difícil.

– Estou pronta para o desafio – falei sorrindo enquanto desligava o laptop e descia as escadas, indo diretamente para a cozinha. Enquanto eu procurava macarrão e alguns legumes frescos para fazer o almoço, fiquei pensando no meu plano de sedução.

Provavelmente não era nada legal usar a fraqueza inata de um homem contra ele. Mas, considerando que eu era tão fraca quanto um homem quando o assunto era libido, não achava que Simon estivesse em plena desvantagem.

Minha mãe ficaria chocada. Não deveria, no entanto. Porque, ao passo que ela gostaria de pensar que sou uma dama, acho que até ela sabe que essa é uma causa perdida.

Deus sabe o quanto ela e minhas avós *tentaram* fazer de mim uma boa menina. As mulheres da minha família eram da idade das trevas. Mas, para ser sincera, elas só eram uma segunda geração de americanos muito antiquada. Nenhuma das mulheres mais velhas da família Santori usava calças, muito menos *jardineiras*, como mamãe costumava chamá-las. Acho que nunca vi minha mãe usando algo que não fosse um vestido.

Mas roupas não faziam uma menina, isso era certo. Apesar dos melhores esforços de todos, eu era osso duro de roer, e meus irmãos sabiam disso melhor do que ninguém. Uma vez, quando os gêmeos riram de mim por eu ter que usar um chapéu com babados no domingo de Páscoa, eu abri as caixinhas de bolinhas de chocolate das cestas que eles tinham ganhado e substituí por cocozinhos do nosso coelho de estimação.

Eu sou muito boa em dar o troco.

O que, acho, confirma que nunca fui uma dama. E sempre me dispus a jogar sujo para conseguir o que queria.

E eu queria Simon. Agora era hora de parar de brincar e conquistá-lo de vez.

– Você está fazendo comida de verdade? – perguntou uma voz. Simon entrou na cozinha enquanto eu estava ocupada planejando minha campanha de sedução, e eu nem ouvi quando ele se aproximou.

Ostentando um olhar sereno para esconder a emoção que eu sabia estar no meu rosto, assenti.

– Macarrão Primavera. Sente-se e coma antes que eu empurre essa comida por sua goela abaixo.

Parte de mim estava esperando que ele voltasse a ameaçar fazer algo a respeito da minha prepotência, do mesmo jeito que tinha feito no dia anterior.

Eu não era tão sortuda assim.

– Por que você está tão determinada a me fazer comer?

– Por que você está tão determinado a resistir? Caso você não tenha notado, essa sua aparência pálida saiu de moda na época de Lord Byron e Mary Shelley.

Ele não sorriu, mas seus olhos brilharam. Eu gostava das respostas rápidas dele. Eu gostava *dele*. E de jeito nenhum Simon era um magricela de aparência frágil. Era esbelto. E rijo.

Mas eu sou italiana. Minha família é dona de restaurante. E, se um homem não está comendo, eu encaro isso *muito* pessoalmente.

– Bem, Simon Lebeaux é um nome sexy demais para combinar com um poeta romântico trágico.

– Lottie Santori, por outro lado, combina muito bem com uma figura mandona, indelicada e boca suja.

Meu queixo caiu. Ele me chamou de indelicada. Além disso, o sujeito estava *sorrindo*.

– Com esse encanto todo, não é de admirar que haja uma fila de damas aqui para lhe fazer companhia.

– Quem precisa de damas quando eu tenho você?

– Uau, bingo – falei, incapaz de conter um sorriso, principalmente porque eu estava pensando a mesma coisa.

– Eu poderia dizer que os iguais se reconhecem, mas isso seria tão bobo...

Eu ri, apreciando esse lado dele. Simon estava relaxado, um ombro apoiado no batente da porta enquanto me observava finalizar o molho Alfredo e jogá-lo no macarrão com legumes.

Então ele sentou-se à mesa, observando enquanto eu trazia dois pratos e sentava-me em frente a ele.

– *Mangia, mangia* – falei, do mesmo jeito que ouvira minha mãe falar várias vezes ao dia durante toda a minha vida.

Ainda sorrindo, Simon serviu-se e comeu do jeito que um homem deve comer minha requintada culinária italiana. Eu havia aprendido a cozinhar divinamente, e, se Simon não tivesse devorado o prato imenso de massa que eu havia colocado diante dele, eu teria ficado altamente insultada.

Percebendo que seu humor acessível estava oferecendo uma oportunidade para eu saber mais a seu respeito, resolvi aproveitar para fazê-lo se abrir.

– Então, o que é que você está escrevendo?

– Um livro.

– Não me diga – comentei. – Uma história sobre um hotel assustador?

Ele sorriu com ironia.

– Não, definitivamente não. – Daí não entrou em detalhes até eu lhe lançar um olhar aguçado, e então ele explicou: – Escrevo guias de viagem para uma editora voltada para o ramo de turismo.

– Legal.

– Além disso, tenho uma coluna chamada “Contos do Viajante”.

Arquejei, surpresa.

– Ai, meu Deus, eu já li essa coluna! É publicada no *Tribune*.

Ele assentiu.

– Já faz um tempinho que não a vejo no jornal.

Voltando a atenção para seu prato, Simon espetou um bocado de massa e murmurou:

– Estou num período sabático.

Recuperando-se. Ele não precisou dizer a palavra, mas eu *sabia* disso.

Mas eu não ia pressionar; sendo assim, em vez disso, falei:

– Então você também faz pesquisas. Eis aí mais uma coisa que temos em comum.

– Além de nossas personalidades exuberantes? – Ele sequer abriu um sorriso, mas continuou a comer como se não tivesse exagerado em seu comentário.

– Sim. Claro. Certo. – Lembrando-me da papelada que achei num baú no sótão de manhã, eu disse: – Falando em personalidades exuberantes, seu bisavô era, aparentemente, uma grande figura.

Simon terminou seu almoço e recostou-se na cadeira. Resisti à vontade de sorrir quando percebi que ele olhava para a panela no fogão.

– Por que você diz isso?

Sem nem mesmo hesitar, e muito menos perguntar, eu me levantei, peguei o prato dele, fui até a panela e servi mais um pouco de comida.

– Achei uma papelada hoje que mostrava o controle acionário deste hotel. Havia algumas correspondências trocadas entre Zangara e o sócio.

– Mesmo? – Simon ficou interessado. Dava para notar em seus olhos enquanto ele aceitava o prato e recomeçava a comer.

– Zangara precisava de dinheiro para contratar um bom advogado. Aparentemente, ele queria hipotecar sua parte do hotel, para assim poder pedir um empréstimo em nome da Casa Seaton, só que ele não conseguiu compradores. Então pediu um empréstimo ao sócio, Robert Stubbs. Mas Stubbs recusou. E então o obrigou a lhe vender sua parte da propriedade a um preço baixíssimo.

Simon deu de ombros.

– Eu falei que minha mãe não suportava o sujeito, e meu tio Roger também nunca teve nada de bom para dizer a respeito dele.

Pegando seu copo de água, Simon bebeu um gole e então murmurou:

– Acho que a contratação de um advogado melhor não faria muita diferença para Zangara.

– Não, não mesmo. Os relatos dos jornais disseram que o júri chegou a um veredito em 37 minutos. Depois que ouviu a condenação, Zangara teve a única explosão emocional já testemunhada por alguém. Ele atacou a todos, principalmente Stubbs, a quem culpou por tirar proveito dele e deixar sua esposa e filho desabrigados. Ele jurou vingança, sabe... “vou amaldiçoar sua casa, vou assombrá-la até o último dia da sua vida”, coisas assim. – Rindo, acrescentei: – Talvez tenha sido Zangara o responsável por me trancar no sótão ontem.

O bom humor de Simon evaporou tão rapidamente que quase me perguntei se eu tinha imaginado todo aquele tom leve. No lugar dele, agora havia tensão. Ele parou de comer na metade do segundo prato.

– Isso é absolutamente ridículo. – Ele se levantou da cadeira, pegando o prato da mesa e levando-o até a pia.

Jogou fora um prato cheio de comida! Vovó Rosalita teria feito o sinal da cruz e recitado o rosário todinho.

– Superstição sem sentido – acrescentou.

Eu estava prestes a concordar, a dizer a ele que eu estava brincando, que é claro que eu não acreditava em fantasmas, apesar da minha imaginação ativa. Mas, antes que eu pudesse fazê-lo, Simon murmurou um

agradecimento pelo almoço e saiu da cozinha sem dizer mais nenhuma palavra.

E me deixando muito curiosa sobre o que exatamente o havia perturbado tanto.

CONSIDERANDO QUE Simon e eu estávamos a sós na casa há alguns dias, foi um choque descer os degraus da frente e me deparar com uma mulher agachada, limpando o piso de cerâmica do saguão. Era fim de tarde, e eu tinha passado as últimas horas sozinha, abrindo mais caixas, bem como gavetas de móveis antigos no sótão. Eu tinha me aventurado mais fundo no cômodo, mas ainda não havia explorado mais do que um terço dele.

Eu me perguntava como diabos eu ia conseguir averiguar tudo no tempo que me restava. Por mais que quisesse ficar, eu realmente teria que voltar a Chicago, e para a faculdade, em breve. Eu ainda estava pensando no assunto quando desci as escadas e vi a mulher corpulenta de meia-idade esfregando o chão.

Aparentemente, ouvindo minha chegada, ela olhou para cima. A expressão assustada dela foi quase cômica. Ela sobressaltou-se com tanta intensidade que perdeu o apoio de uma das mãos e quase caiu de cara em seu balde.

– Você está bem? – perguntei, correndo para ajudá-la, tentando evitar escorregar no piso molhado.

A mulher assentiu, me olhando com cautela enquanto oscilava para trás. Então ficou em pé.

– Quem é você?

Apresentei-me, notando a expressão amedrontada da mulher abrandar um pouco. Ela espiou ao redor, seu olhar se fixando na porta fechada do escritório de Simon, em seguida sussurrou:

– Você quer dizer que está ficando aqui? *Dormindo* aqui à noite?

Assenti.

– Sim. – Imaginando que a reputação da casa deixava a mulher tensa, acrescentei: – E, acredite ou não, eu não vi um único fantasma.

– Fantasmas – disse a mulher com um riso de escárnio. – Não é com os mortos que você tem que se preocupar. – Os olhos cinzentos leitosos se deslocaram em direção à porta novamente. – É com os vivos.

Ela se referia a Simon. Eu sabia disso e enrijei imediatamente.

– Se você está se referindo ao meu anfitrião, ele tem sido perfeitamente encantador e amável.

Meio que um exagero, mas a mulher tinha conseguido me irritar.

– Hum – resmungou ela, seu ceticismo jorrando. – Você está se enganando. Não deveria ficar aqui.

– Se está tão preocupada assim, o que *você* está fazendo aqui?

Dando de ombros, a mulher inclinou-se para seu balde outra vez, jogou seu pano dentro dele e então se endireitou.

– O salário é bom. Eu venho uma vez por semana para arrumar. – Ela meneou a cabeça para a porta do escritório de Simon. – Ele fica lá o tempo todo. Eu não seria capaz de concluir o meu trabalho se ele ficasse me observando com aqueles olhos frios sinistros.

Eu quis lhe estapear. E também senti vontade de rir. Porque os olhos de Simon eram cálidos e intensos, nem de longe frios, e certamente não sinistros.

– Você, obviamente, não o conhece muito bem.

– Eu limpo este lugar e trago mantimentos frescos toda semana desde que ele apareceu. Acho que eu o conheço tão bem quanto *você* – respondeu a mulher, enquanto abria a porta da frente e saía para a varanda. Fui atrás dela.

– A cidade inteira sabe tudo a respeito dele – disse a mulher, enquanto jogava a água suja do balde no gramado.

– Eu não acho que nenhum de vocês o conheça. Ninguém telefonou ou apareceu aqui durante a semana inteira. Ele poderia ter caído morto e ninguém jamais saberia.

– E é exatamente isso que ele deseja.

Ela estava certa, mas eu não ia admitir.

– Escute bem, moça. Se eu fosse você, sairia daqui imediatamente.

A mulher olhou em volta, erguendo-se na ponta dos pés para tentar espreitar além de mim, pelos recônditos sombrios da casa. Eu sabia que ela estava tentando se certificar de que Simon não estava por perto para ouvir. E eu também sabia que estava prestes a ouvir uma novidade sobre meu anfitrião:

– Ele é um assassino.

Ah, sim, definitivamente, eu estava certa. E certamente eu não estava gostando nada daquilo. Então, eu, hum, tipo, dei uma de Lottie com a mulher. Berrei um pouco, disse a ela para pegar seu esfregão, subir nele e voltar voando para o lugar de onde saíra. Ou enfiá-lo em algum lugar. Não me lembro exatamente de tudo que eu disse.

Só me lembro de uma coisa. Que, quando a mulher se foi, correndo para seu carro e arrancando no estacionamento com um rastro de fumaça, percebi que Simon estava de pé bem junto à porta.

Ele obviamente tinha ouvido cada palavra.

– Eu não preciso de você para me defender – disse ele, a voz suave, o tom equilibrado. Impossível de avaliar.

– Ela é uma idiota.

Ele não se mexeu.

– Repito, você não precisa me defender.

– Bem, você com certeza não está fazendo um trabalho muito bom nisso.

– Transferindo minha raiva para ele, caminhei de volta para a casa. – Sentado aí, trancado e olhando feio para as pessoas, você só faz alimentar a imaginação de gente de mente estreita que nem ela.

– Você acha que eu me importo?

Não. Eu imaginava que não. Mas *me* incomodava o fato de as pessoas pensarem tão mal dele.

Aquele homem podia ser mal-humorado e temperamental. Ele podia até mesmo possuir uma aura de perigo e mistério.

Mas um assassino? *Ridículo.*

Uma coisa era certa. Até Simon voltar à terra dos vivos, ele não ia fazer qualquer esforço para mudar a mentalidade das pessoas. Era um homem

emocionalmente morto, completa e totalmente sozinho e alheio ao restante do mundo.

Eu não ia suportar isso por muito tempo. Independentemente do que tivesse acontecido, eu iria ajudar Simon Lebeaux a superar sua dor.

Eu já estava ficando sem tempo em minha missão para fazer com que ele confiasse em mim como amigo, ao mesmo tempo que cobiçava meu corpo secretamente, então era hora de acelerar o passo. E só havia um jeito de fazê-lo. Sinceramente, eu não conseguia pensar num jeito melhor de ressuscitar as emoções de um homem do que despertando sua libido.

Era para o bem dele. Eu pretendia seduzir Simon, mesmo que esse fosse ser meu último gesto na vida.

## Capítulo 8

*Simon*

SIMON NÃO sabia dizer exatamente quando tinha percebido que Lottie estava tentando seduzi-lo, mas, no momento em que terminou o jantar, não teve dúvidas de que era o caso. A primeira pista estava nos pés dela, quando ela desceu para a refeição daquela noite.

Estava usando uma daquelas botas pretas sensuais com saltos altos e correntes de prata drapeadas sobre o pé. Obviamente elas já estavam secas e se ajustavam confortavelmente às panturrilhas. O que diabos havia nas tais botas de cano alto que faziam um homem pensar em sexo suado e em pecado instantaneamente?

Sim. As botas do modelo faça-amor-comigo tinham sido a pista número um. Ele ficara imaginando todo tipo de coisa enquanto ouvia os saltos pontiagudos estalando no piso da cozinha, enquanto ela ficava para lá e para cá bancando a governanta, tentando agir como se não houvesse nada de anormal enquanto eles comiam. De alguma forma, a maneira com que ela requebrava em sua calça jeans apertada, o belo bumbum curvilíneo rebolando a cada passo, deixava Simon disposto a devorar apenas uma coisa ali: *ela*.

E tentava se convencer de que ela não fora o motivo de ele ter se barbeado naquela tarde.

Mas isso era mentira.

Porque ele havia passado o dia inteiro ouvindo mentalmente a voz de Lottie, implorando sem parar para ele *prová-la*. Uma linda mulher com o corpo mais incrível que ele já tinha visto implorando para ter seus mamilos sugados, e ele fora embora. Não era de admirar que ele não tivesse sido capaz de pensar em mais nada durante todo o dia, senão no quanto queria beijar cada centímetro dela.

O jantar tornara tudo muito mais evidente. Lottie não estava mais sentada esperando que coisas acontecessem espontaneamente, com beijos de gratidão ou encontros sensuais sob céus tempestuosos.

Não.

A maneira como se inclinava sobre a mesa para encher seu copo ou passar o sal, fazendo com que a blusa rosa-choque se afastasse do peito, revelando um decote farto de dar água na boca, só fazia aumentar a certeza na mente de Simon. Ele estava sendo seduzido.

Não que fosse fraco. Diabo, de jeito nenhum. Simon precisou manter a cadeira bem perto da mesa durante o jantar só para Lottie não notar a protuberância em seu colo.

Qualquer que fosse o jogo dela, Lottie tinha marcado o primeiro ponto no placar. Porque ele ia ter dificuldade de se levantar depois do jantar sem deixá-la ciente de seu sucesso.

*Então faça. Possua essa mulher. Acabe com isso.*

Era tentador. Principalmente agora, quando, depois de alguns dias sob o mesmo teto, Simon já não tinha dúvidas de que podia confiar naquela mulher. Ela não havia tentado assassiná-lo em sua cama... na verdade, seu maior crime era ser um tanto exagerada naquela tentativa de cuidar dele.

Doçura. Carinho. Ele não teria esperado isso daquela jovem impetuosa, mas sabia que era verdade.

Deus, ele a desejava tanto que chegara a pensar em dar fim a todos os pretextos, agarrar o braço dela e puxá-la para seu lado da mesa, colocando-a em seu colo. Para o inferno com os pratos, as horas... ele faria amor com ela no chão da cozinha; estava desesperado a esse ponto.

Curioso, mas não foi a própria autoaversão que o impediu de fazê-lo. Foi a percepção de que ele devia mais a Lottie. Ela merecia saber quem era o homem com quem estaria dormindo. Principalmente depois de tê-lo defendido tão veementemente diante da faxineira velha, boba e fofoqueira naquela tarde.

O que, Simon se perguntava, Lottie diria se ele revelasse a ela que a mulher estava certa? Que ele era mesmo um assassino?

*Não um homicida.* Não. Mas um assassino, com certeza.

Ele até podia estar tentando salvar a própria vida ao reagir depois de ter sido cortado no rosto e de ter levado um tiro no peito de um casal de vermes empenhados num assalto.

Mas terminara aquela noite vivo. E a mulher acabara morta.

Ele *era* um assassino. Não importava o que Lottie Santori pensava.

– Preciso voltar ao trabalho – disse, afastando-se da mesa antes de terminar seu jantar, o qual tinha sido habilmente preparado por Lottie mais uma vez.

– O quê? – Ela piscou, fitando-o com descrença. – Puxa vida, Simon, são 19 horas. Você trabalhou o dia todo. Não consegue nem desfrutar de uma refeição decente?

– Obrigado – murmurou ele seriamente. – Você não precisava ter todo esse trabalho. Mas eu agradeço.

– Não me largue aqui – retrucou ela. – Você sempre reage a tudo fugindo?

– Eu não estou fugindo. – *Sou tão mentiroso.*

Ela saltou da cadeira e empurrou o próprio prato para ele.

– Quer saber? É a minha vez de sair num rompante. Agradeça por isso, amigo. Você pode lavar a droga dos pratos. Vou sair para uma caminhada.

E assim ela se foi, saindo pelos fundos, indignada.

Hum. Ali estava aquela jovem doce e carinhosa que ele estava imaginando? Simon não conseguiu evitar um sorriso enquanto colocava a louça suja na pia e começava a enxaguá-la. Ele gostava da Lottie raivosa e resoluta. Gostava da Lottie sensual e provocante. Gostava da Lottie carinhosa e cuidadosa.

Ele gostava de tudo nela. E isso era péssimo. A última coisa da qual ele precisava era se amarrar a uma mulher agora, quando finalmente estava começando a sair de seu buraco.

Mas Simon não queria que ela fosse embora. Não só porque sentiria falta dela, mas também porque, com ela na casa, tudo começara a parecer quase *normal*. Ele não tinha mais dores de cabeça, não sentia mais cheiros estranhos. Houve alguns episódios esquisitos, como o fato de ela ter ficado trancada no sótão, por exemplo. Mas a maior parte das coisas estava indo bem, pela primeira vez em meses. Tudo por causa dela.

Ele tinha se acostumado a tê-la ali. E já temia o momento em que ela iria embora.

Quando Simon terminou de lavar os pratos, algo o fez espiar pela janela acima da pia. Um movimento. Algo metálico refletia a luz na varanda dos fundos. Inclinando-se e olhando para a escuridão, ele tentou decifrar o que era.

Levou um instante, mas finalmente descobriu.

– Que diabos...? – murmurou, quando percebeu que o brilho que tinha visto era o reflexo das estruturas de metal de uma velha charrete que o tio Roger costumava expor no gramado dos fundos. A coisa estivera ali durante anos, e os turistas que se hospedavam no hotel gostavam de tirar fotos junto a ela. Seu tio ainda dizia que, vez ou outra, costumava emprestá-la para o povo da cidade, para que a engatassem a um cavalo e a utilizassem num desfile ou evento local.

Como era praticamente uma instalação do hotel, não havia absolutamente nenhuma razão para Simon ficar assustado com a charrete... exceto pelo fato de que ele *estava*. E ele levou um segundo para perceber o porquê.

Ela estava se movendo.

Embora os tijolos de madeira na base das quatro rodas a impedissem de sair do lugar, a coisa estava mesmo em movimento. E, se rolasse mais alguns metros, chegaria ao declive no quintal.

O gramado terminava nos penhascos.

Um pensamento súbito e horroroso brotou na mente de Simon e o coração dele martelou no peito. Derrubando o prato que estava secando,

mal ouviu quando a louça se despedaçou no chão. Então correu para a porta dos fundos, irrompendo lá para fora. Ele derrapou e escorregou quando desceu os degraus até o gramado molhado, mas não desacelerou.

– Lottie! – gritou, enquanto se dirigia até a charrete, sem procurar por ela. Não havia tempo para isso.

Ela não respondeu. Ele imaginava que ela estivesse em segurança perto da casa, rezando aos deuses automotivos para que fizessem seu carro funcionar, assim ela poderia ir embora. Para bem longe de um babaca temperamental como ele.

Mas ele não tinha como ter certeza disso.

Quando chegou à charrete, Simon agarrou uma barra de engate na traseira, tentando pará-la com força bruta. No entanto, seus pés não encontravam estabilidade no terreno, e a inércia do veículo o fez cair de joelhos, arrastando-o enquanto chegava à encosta.

– Simon? – Ele ouviu a voz de algum lugar à sua frente. À frente da charrete. Perto dos penhascos.

– Droga – resmungou ele, soltando a charrete, mas sabendo que era inútil. Então se pôs de pé, contornando o veículo assim que ele ganhou velocidade.

– Lottie, saia do caminho. Fique longe dos penhascos!

E ele finalmente a viu, de pé, perto de um pedregulho do tamanho de um homem, o qual tio Roger usava como um limite para alertar aos hóspedes sobre a proximidade dos precipícios. Logo depois dele, o jardim tombava para uma paisagem irregular de rocha e argila.

– Qual é o seu problema? – Ela obviamente não tinha notado a charrete escura indo em sua direção.

Simon não parou para explicar. Em vez disso, ele simplesmente a agarrou, varrendo-a para o lado e tombando-a ao chão, sabendo que eles estavam a menos de cinco passos do precipício. Mas o rochedo era imenso, e a charrete não representaria nenhum impacto ali, mesmo que o acertasse em cheio.

Pelo menos era o que Simon esperava.

Felizmente, a teoria não foi posta à prova. Porque uns cinco segundos depois de Simon e Lottie atingirem o chão a charrete velha passou por eles.

Acelerada, ela pegou ainda mais velocidade quando rolou montanha abaixo, errando o pedregulho por meros centímetros.

Chacoalhando ruidosamente, o veículo chegou ao limite do gramado e continuou rodando, passando exatamente por onde Lottie tinha estado.

E então caiu no penhasco.

– TEM CERTEZA de que está tudo bem? – perguntou Simon, enquanto ele e Lottie estavam sentados em frente à lareira em seu escritório, pouco tempo depois. Ela estava enrolada num cobertor no sofá, tremendo, embora ele soubesse que ela não estava com frio.

Ela estava apavorada.

– Aquilo podia ter me matado.

– Você está bem – murmurou ele.

– Aquela coisa teria me acertado e me levado com ela. Eu perceberia tarde demais e teria sido atropelada e morta.

Sabendo que precisava acalmá-la, Simon sentou-se no pufe diante dela, pousando os cotovelos nos joelhos e inclinando-se.

– Você teria percebido, Lottie. A coisa chacoalhava feito um trem de carga.

Ela apenas balançou a cabeça.

– Não teria. Eu estava muito ocupada xingando você baixinho, exatamente como minha tia-avó Carmela faz sempre que está com raiva de alguém. Eu não ouvi nada.

Era bom saber o que Lottie fazia quando ficava brava com alguém. Mas Simon não perdeu tempo pensando nisso. Ele só queria acalmá-la, tranquilizá-la de que ela estava bem.

Deus, ele *nunca* iria deixar que nada acontecesse a ela. Ainda estava absolutamente apavorado pelo quanto Lottie havia escapado por um triz.

– De onde diabos veio aquilo afinal? – Embora a voz dela tremesse, havia um pouco de tenacidade em sua expressão.

– Durante anos foi só uma decoração no quintal. E geralmente tem tijolos de madeira nas rodas para impedir que se desloque. Eu não faço ideia de como ela começou a se movimentar.

Ela o encarou por um longo momento, e Simon enxergou uma série de perguntas naqueles olhinhos escuros.

Uma coisa que ele não enxergou, no entanto, foi medo. Não medo dele, de qualquer forma.

Simon não conseguia sequer começar a agradecer a ela pela confiança. E nem conseguia começar a avaliar por que estava tão grato por isso, quando há meses vinha dizendo para si que não se importava com o que os outros pensavam dele.

– Juro para você – murmurou ele. – Eu nunca faria nada que a colocasse em risco.

Ela acenou, grunhindo.

– É claro que não. Eu não acho que você tentou me matar.

Simon não falou nada a princípio. Não, ele não tinha pensado nada disso... mas lhe ocorreu que, se a faxineira tivesse sido a pessoa a cair dos penhascos, isso seria exatamente o que Lottie teria pensado. O que a maioria das pessoas teria pensado.

Mas Lottie confiava nele. Fim da história. Deus, será que um dia ele fora como ela, tão disposto a confiar?

– Mas que droga, Simon, o que está *acontecendo* com você? – perguntou ela, parecendo chocada e consternada pelo silêncio dele. – Você realmente acha que eu desconfio de você? O que diabos aconteceu com você para ter essa visão terrível sobre si mesmo e sobre as outras pessoas?

Ele sabia que ela queria respostas. No entanto, não conseguia dá-las. Em vez disso, abrindo os dedos de Lottie com delicadeza para que pudesse olhar sua palma, ele falou:

– Suas mãos estão bem machucadas. É melhor limpar isto.

Suspirando de forma audível, ela balançou a cabeça, expressando sua decepção. Então virou a mão dele também.

– Idem. – Deixando cair o cobertor, ela se levantou e esfregou os braços como se para afastar um calafrio. – Eu gostaria que houvesse uma banheira aqui. Eu adoraria mergulhar em um monte de bolhas de sabão diante dessa lareira, em vez de ficar naquela geladeira no terceiro andar.

Ela havia mencionado o quarto frio algumas vezes, mas Simon não tivera a oportunidade de subir e verificar o aquecimento. Fora egoísta demais, egocêntrico demais para pensar no conforto dela.

Que idiota!

– Olhe, tem outro quarto aqui embaixo, na área privativa. Se você não se incomodar em ter um pouco menos de privacidade, é bem-vinda para usá-lo. Acho que seria mais confortável do que ficar no terceiro andar.

Ela arregalou os olhos e assentiu lentamente.

– Obrigada. Isso seria maravilhoso.

Maravilhoso? Não. Seria uma tortura tê-la tão perto. Mas ele superaria.

– Enquanto isso, pode usar o meu banheiro. Meu tio reformou a área privativa há alguns anos e há uma lareira a gás ao pé da banheira. – Mesmo quando fez a oferta, Simon se perguntou como iria lidar com a espera durante a hora seguinte, visualizando Lottie nua dentro da banheira.

Apenas o sorriso dela foi capaz de deter seu impulso instantâneo de retirar a oferta.

– Isso seria perfeito – disse ela com um suspiro sincero. Inclinando-se, ela pressionou a boca na têmpora dele, beijando-o ao lado da cicatriz, seu lembrete constante, sua penitência. – Obrigada. Por tudo. Acredite ou não, você salvou a minha vida.

Incapaz de resistir, Simon tomou a massa de cabelo cor de mogno nas mãos, enredando os dedos aos fios e puxando-a para mais perto. Ele precisava sentir a boca de Lottie, sorvê-la, mesmo que apenas para afastar o frio remanescente deixado pela quase morte dela.

Ela não hesitou, encontrando a boca de Simon com a sua, entreabrindo os lábios num doce suspiro de rendição. Nenhum deles aprofundou o beijo ou fez algo além do que aquilo que era... um agradecimento gentil, um acolhimento delicado. Um reconhecimento de que havia alguma coisa acontecendo entre eles.

E, por parte de Simon, uma confissão de que talvez algo mais fosse acontecer.

E então Lottie saiu do cômodo, subindo para pegar suas coisas. Simon saiu pela outra porta do escritório, a qual levava ao seu quarto.

Depois entrou no banheiro, acendeu a lareira a gás e abriu a água quente, deixando-a fluir na banheira. Deixou a iluminação mais fraca, querendo que Lottie tivesse exatamente o banho quente e relaxante tão necessário depois de sua experiência angustiante.

O que significava que Simon precisava sair dali. Porque não seria nada relaxante se ele continuasse presente, observando as roupas dela atingindo o chão antes de ela entrar na banheira.

Mas daí ele mal se virou e percebeu que não estava mais sozinho. Não tinha percebido que Lottie havia entrado no cômodo até ver a mão dela ao seu lado, despejando um líquido leitoso junto à água que jorrava da torneira. Bolhas espumantes surgiram imediatamente, com um cheiro forte de baunilha.

– Você viaja preparada – resmungou ele sem se virar.

– Eu só estava esperando por uma chance de colocar minhas mãos na sua... banheira.

A voz de Lottie era baixa, gutural, e Simon teve que fechar os olhos e respirar fundo para se fortalecer. Ele precisava sair. Agora. Antes que fizesse algo realmente estúpido.

– Pode usar o que precisar – disse ele, afastando-se dela e indo em direção ao armário. – As toalhas ficam aqui. – Agarrando uma, ele se virou, preparado para entregar a peça a Lottie.

Mas nada, Deus no céu, nada poderia tê-lo preparado para o que iria encontrar.

Lottie estava ali ao lado da banheira, o cabelo preso frouxamente no alto da cabeça, com alguns cachos longos caindo no rosto e roçando nos ombros.

Nos ombros nus.

Ela estava completamente nua, seu belo corpo curvilíneo perfeitamente iluminado pelo brilho da lareira. E estava perfeitamente em forma, desde o pescoço longo e gracioso, passando pela garganta delicada, até os ombros lisos. Aqueles seios inacreditáveis coroados por mamilos duros, rosados. A cintura era delgada, os quadris, generosos. Um pequeno tufo de cachos brotava entre as coxas macias, e a perfeição continuava diretamente até os dedos dos pés.

– Acho que preciso de alguém para esfregar minhas costas – murmurou ela, seu tom tão sensual, seu propósito tão claro, que o sangue de Simon se transformou em lava nas veias.

Ela ergueu a mão para ele.

– Você vai fazer isso?

– Lottie...

– Você não está mais sozinho. E eu também não quero mais ficar sozinha. Não quando podemos fazer tanto um pelo outro.

Lottie se inclinou e fechou a torneira, revelando mais daquele corpo perfeito: a delicadeza de sua cintura, a curva generosa de seu quadril. Erguendo-se de novo, ela sorriu e respirou fundo.

– Acho que meu banho está pronto.

Simon não conseguia dizer uma palavra.

Entrando com cuidado na banheira, ela assobiou baixinho diante do calor da água. Abaixando-se devagar, seu assobio se transformou num ronronar de prazer.

Olhou para ele com confiança, obviamente notando o suor pingando da testa dele conforme ficava cada vez mais impossível esconder seu desejo.

– Hum, quente – disse ela, esticando-se letargicamente. Daí afundou mais sob as bolhas de sabão, seus joelhos dobrados surgindo acima delas. Entreabertos.

A parte superior dos seios arredondados permanecia um pouco acima da superfície da água, algumas bolhas agarradas aos mamilos tesos, implorando para serem beijados.

– Sim, eu definitivamente vou precisar de alguém para me ajudar com minhas costas – sussurrou Lottie, lambendo os lábios e sem desviar o olhar de Simon. – Então me diga, Simon. Você vai ficar? – Levantando a mão, ela jogou um pouco da água com sabão em seu joelho levantado, erguendo então uma perna interminável e tonificada e apoiando um pé na lateral da banheira.

– Por favor, Simon. Fique.

## Capítulo 9

*Lottie*

JÁ FUI acusada de ser muitas coisas na minha vida, mandona, cabeça-dura, legal, boca suja e determinada, entre outras. Mas ninguém nunca me acusou de ser sutil.

Aquele momento certamente colocaria um ponto de exclamação na referida declaração.

Enquanto eu me sentava na água quente borbulhante, tentando disfarçar meu nervosismo, não conseguia evitar me perguntar sobre o que estava ocorrendo na mente de Simon. Ele estava chocado? Surpreso?

Eu não aceitei a oferta para usar seu banheiro com a intenção de me despir e praticamente implorar ao sujeito para fazer amor comigo. Na verdade, tal pensamento sequer me ocorrera até eu retornar do meu quarto, com meu roupão e produtos de higiene pessoal em mãos.

A visão dele ali, testando a temperatura da água, com seu cabelo denso e escuro num brilho fraco sob a luz baixa do ambiente, acabou por transformar a ideia vaga numa compulsão imperativa. Tirei minhas roupas como se estivesse em transe.

E agora eu estava à espera, exposta e vulnerável, ignorando os esforços para esconder qualquer coisa que eu estivesse sentindo.

Simon, para meu grande alívio, também não era lá muito bom em esconder o que estava sentindo. Ainda parado no sopé da banheira, ele olhou para mim, seu corpo inteirinho contraído.

– Pare de lutar – insisti, deixando meus dedos traçarem uma trilha lenta e letárgica pela minha coxa. Eu queria ser tocada por *ele*, não por mim mesma, mas eu não ia oferecer mais do que aquela imagem sensual para levá-lo a reconhecer que também me desejava. – Simon, por favor, pare de fingir que não sente a mesma coisa que eu.

– Eu não estou fingindo – confessou ele, seu tom abafado. – Eu só não sei se deveríamos fazer algo a respeito.

Deslizando até a ponta da banheira, mudei de posição até ficar de joelhos, meus braços apoiados na borda. Ele estava a apenas alguns centímetros de distância e, quando me ergui um pouco mais, meu cabelo roçou na mão dele. Minha boca ficou perto o suficiente para ele sentir minha respiração quente em sua barriga. Meus seios molhados brilhavam.

– Sim, Simon – murmurei, começando a desabotoar sua camisa lentamente, revelando seu peito musculoso centímetro a centímetro. – Devíamos fazer algo a respeito, sim.

Ele não protestou. Por um longo momento, permaneceu em silêncio, me encarando enquanto eu terminava de desabotoar a camisa dele. Então pus a mão no cinto que ele usava.

– Lottie...

– Shhh. Eu *preciso* fazer algo a respeito.

Lançando um breve olhar para cima, vi que ele estava com a cabeça tombada para trás, os olhos fechados. Os músculos de seu peito flexionavam e ondulavam sob a camisa solta e sua barriga lisa simplesmente implorava para ser tocada. Beijada. Então eu me inclinei para a frente, coloquei minha boca ali e fui lambendo até o cós da calça. Continuei a prová-lo enquanto eu desafivelava o cinto e, lentamente, removia-o da calça.

Jogando o cinto no chão, desabotoei a calça, mordiscando até mais embaixo para provar mais da pele dele conforme ela era revelada. Roci meus dentes numa trilha rala de pelos que desapareciam sob o elástico da cueca boxer apertada. Inalando profundamente, fui descendo mais com a

boca para poder exalar minha respiração quente bem em cima da ereção imensa e rígida que lutava contra o algodão branco.

Simon permaneceu em silêncio. Mas suas mãos pousaram em meu cabelo.

E eu soube que tinha vencido.

Quase tremendo com meu triunfo, e minha excitação, inclinei a cabeça para trás para olhá-lo, notando o calor escaldante em seus olhos quando ele me encarou.

– Você é muito linda. – Colocando a mão no meu rosto para poder raspar o polegar no meu lábio inferior, Simon acrescentou: – E eu a quero tanto.

– Então fique comigo – respondi, afundando meus dentes levemente em seu polegar. – Então me possua.

Ele tirou a camisa, jogando-a longe, e eu quase escorreguei na banheira, ficando sem fôlego só de ver a perfeição que ele era. Seus ombros largos estavam ainda mais destacados pela magreza de seus quadris e cintura, e não havia um pingão de excesso em qualquer lugar de seu corpo belo e rijo.

Olhando de relance para sua cueca saliente, meu pensamento rapidamente se alterou. Eu já desconfiava que ele definitivamente tivesse algo mais a oferecer naquela região. A julgar pela forma como o algodão branco se esticava até em cima, mal conseguindo cobrir o sujeito, eu desconfiava que era *muito* mais. E não conseguia esperar mais para descobrir.

Começando a tirar a calça cáqui dele, parei quando Simon enfiou a mão no bolso. Ao vê-lo pegar uma camisinha, eu sorri.

– Acho que eu não era a única com essa ideia.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Não era.

Ele não disse mais nada, e eu voltei ao que estava fazendo. Libertando aquele homem esplêndido de sua calça.

Quando a peça se foi, corri meus dedos pela ereção dele, quase tremendo de expectativa. Simon continuou passando os dedos pelo meu cabelo, soltando os fios até eles estarem cobrindo minhas costas e seios.

Raspando as unhas levemente em sua barriga, notei a pele dele estremecer em reação, então removi a cueca.

– Oh – gemi, meu corpo inteiro tremendo de calor e desejo. A umidade entre minhas pernas era cem vezes mais quente do que a água do banho enquanto eu admirava a ereção imensa e poderosa a apenas alguns centímetros do meu rosto.

Eu precisava prová-lo. Eu não tinha lá muita experiência com sexo oral, ou me importava com isto, mas de repente senti essa compulsão por saborear o sujeito com cuidado. Roçando a pontinha da língua em toda a base do membro, gemi quando senti o sabor delicioso e o aroma almiscarado. Imaginei ter ouvido Simon gemendo acima de mim, mas não consegui me concentrar nisso. Eu só conseguia pensar em explorá-lo, lambendo desde a base até a ponta do pênis.

Uma vez lá, no entanto, minha única vontade era sugar com vontade. Parando apenas para lambe algumas gotinhas da umidade perolada de seu corpo, abri minha boca para ele. Pelos calafrios prolongados que agitavam o corpo dele, eu soube que Simon definitivamente estava gostando, então tomei toda a ponta bulbosa e sedosa entre os lábios e o contornei com a língua.

– Santo... Lottie...

Não parei o que estava fazendo, baixando mais a boca, virando a cabeça de modo que pudesse levá-lo mais fundo na garganta. Simon gemeu novamente enquanto eu brincava com ele, acariciando e afagando, enquanto eu continuava a atraí-lo profundamente em minha boca para depois me afastar muito lentamente.

Quando meus joelhos começaram a doer do contato com a banheira, mudei um pouco de posição. Simon aproveitou o momento para assumir o controle. Afastando-se, ele tirou o restante de suas roupas.

– Você é absolutamente perfeito – sussurrei com a voz rouca, falando sério quando vi o corpo inteiro dele pela primeira vez.

– Recoste-se aí – ordenou ele.

Eu obedeci.

– Você vai se juntar a mim? – perguntei, enquanto deslizava de volta para a água, estendendo as pernas em frente ao corpo.

– Ainda não.

Enfiando a mão na água, ele me empurrou gentilmente até eu estar reclinada contra a extremidade curva da banheira. Puxando um banquinho decorativo que ficava sob a janela, ele sentou-se atrás de mim. Se eu tombasse a cabeça para trás, certamente ficaria apoiada em sua ereção.

Então, foi o que fiz.

Simon não protestou, mas simplesmente se inclinou para colocar as mãos nos meus ombros, massageando meu corpo lentamente.

Quase ronronei diante da força de seu toque enquanto toda minha tensão e preocupações desapareciam. Suspirando com o prazer dele, virei minha cabeça e o beijei languidamente na parte interna da coxa forte.

Meu corpo estava escorregadio com as bolhas de sabão e as mãos dele deslizavam facilmente sobre a minha pele. Mas elas não estavam exatamente onde eu queria que estivessem.

– Por favor – sussurrei, certa de que Simon sabia o que eu queria.

Então ele cedeu. Espalmou as mãos em meus ombros e daí, lentamente, foi descendo até chegar nos meus seios, que se projetavam na superfície da água. Tomando-os nas mãos, ele sussurrou alguma coisa, um tom baixo e gutural. Algo que soou como “Perfeito”.

Sim. Aquela palavra descrevia bem o momento. Perfeito. Com as mãos de Simon em mim, eu estava completamente inundada pelo prazer sensual.

Simon pareceu saber instantaneamente quando eu precisei de mais. Porque ele me ofereceu o que nem mesmo precisei pedir. Capturou as pontas sensíveis dos meus seios com as mãos, rolando-as nos dedos, brincando com elas até os espasmos de prazer migrarem dali diretamente para mais embaixo no meu corpo. Sob a água, encolhi os dedos dos pés. Minhas coxas tremeram. Impulsionei os quadris.

Um instante depois, ele se inclinou mais e cobriu um seio com a boca, sugando com força, profundamente.

– Ah, isso – gemi, enredando os dedos em seu cabelo. Erguendo o outro braço, eu o pousei atrás de mim, apoiando-o no ombro forte de Simon.

Cravei os dedos em sua pele musculosa, apertando e arranhando enquanto ele me dava prazer.

A posição aparentemente não estava perto o suficiente para nenhum de nós dois. Sem dizer uma palavra, Simon se afastou suavemente, tomando cuidado com minha cabeça e meu cabelo. Erguendo-se do banco, ele o empurrou de lado. Em seguida, ficou de joelhos ao lado da banheira.

– Tem certeza disso, Lottie? – perguntou ele, me olhando fixamente nos olhos.

Assenti.

– Certeza absoluta.

Aquilo pareceu acabar com quaisquer inibições remanescentes. Com um meio sorriso, Simon baixou a boca para a minha e me beijou. No começo foi doce. E macio. Então ele abriu os lábios e nossas línguas se encontraram numa dança lenta porém faminta para dar e receber, exigir e entregar.

Com meu coração batendo descontroladamente e meu corpo quase tremendo de expectativa, virei-me para que eu pudesse envolver o pescoço dele com os braços. Simon reagiu deslizando a mão pelo meu corpo, acariciando sob meus seios e então envolvendo minha cintura, a parte superior do meu quadril. Finalmente ele chegou às coxas e deslizou a mão entre elas, os dedos roçando levemente em meus lábios inchados e doloridos.

Arfando de encontro à boca dele, arqueei em sua mão, desejando mais. Ele aquiesceu, encontrando meu clitóris e acariciando-o até eu estar quase chorando por causa da sensação deliciosa. Mantendo o polegar lá para continuar aquele prazer, ele baixou mais os dedos, explorando, brincando. Quando ele finalmente deslizou um dedo e depois outro para dentro do meu corpo estreito, eu me contraí, cerrei os dentes e cheguei ao clímax bem ali na banheira.

Tombei meu corpo para trás enquanto tremia com espasmos lentos de prazer cálido que pareciam se prolongar e ampliar, mais e mais, mais intensos do que qualquer orgasmo que eu já havia experimentado.

– Ai, meu Deus – sussurrei, quando finalmente fui capaz de falar.

Simon não disse nada. Em vez disso, ele levantou-se e me puxou para cima. Quando eu estava de pé, ele se inclinou e me carregou, um braço sob meus joelhos, o outro por trás dos meus ombros, me levantando além da borda da banheira como se eu fosse uma flor frágil e pequenina.

Eu gostei. Ah, sim, eu gostei demais.

– Preciso estar dentro de você – disse ele, enquanto caminhava até o banco que tinha desocupado minutos antes. – Deixe-me ficar dentro de você.

Sentado no banco, ele virou-me – já mencionei a força do sujeito? – até eu estar de frente para ele, montada em suas coxas.

Quando olhei para baixo e vi que ele já tinha tomado o devido cuidado quanto à questão do controle de natalidade, senti vontade de explodir de gratidão. Em vez disso, eu simplesmente me contorci em cima dele, deslizando para cima e para baixo, umedecendo seu membro com meus fluidos corporais.

Ele resistiu por um momento, longo o suficiente para pousar a boca em meu seio e sugar meu mamilo de volta a um pico de sensações latejantes. Então, com um gemido baixo e impotente, ele agarrou meus quadris com força e começou a me penetrar devagar.

Eu estava completamente úmida e mais excitada do que nunca. Mas já fazia um tempinho que eu estava sem sexo, e ele tinha proporções mais do que generosas, por isso eu estava um pouco tensa. Eu saboreei a invasão, adorei, mas também fiquei um pouco hesitante.

Ele pareceu compreender. Levando a mão ao meu rosto, me puxou para um beijo doce e entorpecente repleto de promessas, nenhuma delas pedidas ou esperadas por mim. Eu sabia que ele nunca iria me machucar. Sabia que ele iria parar se eu pedisse. Sabia que eu poderia definir o ritmo, assumir o controle. Tudo que eu quisesse.

O que só me fez desejá-lo muito mais. Então, passando os braços em volta do pescoço dele, eu impulsionei o corpo, aceitando-o numa investida profunda que me preencheu até o âmago. Foi como explodir e implodir ao mesmo tempo, como ser completada e preenchida. Pela primeira vez senti

como se eu realmente fosse parte de outra pessoa, e eu não me refiro apenas ao sentido físico da coisa.

A cada estocada lenta e constante, Simon estava gravando sua marca em mim, em algum lugar lá no fundo. Construindo um lar, conquistando uma posição permanente em meu corpo, na minha vida e, eu sabia agora, em meu coração.

– Lottie? – sussurrou ele, enquanto beijava meu pescoço e continuava as investidas doces e alucinantes que tinha ido de curtas e superficiais a lentas e profundas, depois retornando ao ritmo anterior. – Eu não me arrependo disso.

Eu sabia o que ele queria dizer, e sabia por que ele tinha dito aquilo.

– Nem eu – respondi.

Envolvendo minhas pernas firmemente em torno de sua cintura, eu beijei seu rosto, sua têmpora, sua cicatriz, permitindo que ele nos levasse cada vez mais alto. E dessa vez, quando dei um grito de puro êxtase, ele estava lá comigo.

EU NÃO estava mais com frio.

Tendo dormido na cama de Simon, em seus braços, tendo feito amor a noite inteira e novamente de manhã cedo, bem, acho que eu nunca mais voltaria a sentir frio. Na verdade, era incrível eu ainda não ter entrado em combustão.

Eu tive mais orgasmos em uma noite do que havia tido na vida inteira.

Mas essa não era a melhor parte. A melhor parte foi que Simon não se afastou de manhã. À luz do dia, ele não rolou para o lado, saiu da cama, ensimesmou-se e me ignorou. Não, e tampouco foi o “Sr. Vamos Dormir Abraçadinhos”. Ainda assim, ele me beijou docemente, perguntou se eu estava bem, então se ofereceu para preparar o café da manhã para *mim!*

Pouco depois, voltou ao trabalho, a porta do escritório fechada como de costume. Eu segui para o sótão outra vez, mas em pelo menos três vezes Simon subiu ao terceiro andar e verificou se eu estava bem.

O sujeito era do tipo protetor. O acidente estranho com a charrete na noite anterior pareceu tê-lo despertado e eu acho sinceramente que ele

estava com medo de que algo ruim acontecesse comigo.

Eu ainda não tinha superado o quase acidente, mas estava tentando não pensar nisso. E nem ele... Simon simplesmente não ia deixar passar muito tempo sem certificar-se de que eu estava bem.

Eu meio que gostava de ser tão protegida. Não de uma forma autoritária, como meus irmãos tentaram fazer durante toda a minha vida. Mas de um jeito bom, por um homem incrivelmente lindo e sexy que tinha verdadeiramente salvado minha vida.

Eu realmente poderia ter morrido, não poderia?

Mas não me permiti pensar mais no assunto. O que importava não era o que poderia ter acontecido, mas o que *tinha* acontecido.

Por mais que eu desejasse arrastar algumas caixas três lances de escada abaixo e trabalhar com Simon em seu escritório, sabia que não funcionaria. Ele até poderia concordar, só para ser legal com a mulher com quem tinha feito sexo em praticamente todas as posições humanamente conhecidas na noite anterior. Eu sabia, no entanto, que ele não gostaria da interrupção.

Além disso, eu havia chegado a um ponto no qual eu precisava de mais do que aquilo que eu vinha encontrando no sótão. Eu realmente precisava ir à cidade, verificar o cartório de registro de propriedades. A papelada que eu tinha encontrado havia me deixado muito curiosa sobre o negócio entre Josef Zangara e Robert Stubbs, e eu queria encontrar o documento da negociação.

Infelizmente, no entanto, eu percebi que tinha um problema. Eu tinha usado o pretexto do carro quebrado para ficar ali. Simon nem tinha chegado a questionar por que o socorro da oficina nunca chegara, mas eu praticamente podia garantir que ele ia notar se meu carrinho bonitinho começasse a funcionar de repente.

Mas eu não tinha escolha. Então, fazendo uma promessa mental de me confessar na igreja assim que eu voltasse a Chicago, fui ao escritório dele e bati à porta. Enfiando a cabeça no vão da porta, perguntei:

– Ei, eu tenho que ir à cidade. Precisa de alguma coisa de lá?

No começo eu pensei que fosse me safar, que ele não fosse se lembrar do carro. Ele parecia absorto, focado em seu computador, e nem mesmo ergueu

os olhos quando apareci no cômodo.

– Não. – Então, como se de repente tivesse se lembrado de que não tinha mais motivos para ser indiferente comigo, ele olhou para cima e me lançou um olhar envergonhado. – Não, *obrigado*.

Soprando-lhe um beijo, eu imediatamente segui para a porta, esperançosa de que faria uma fuga limpa, mas Simon se levantou abruptamente.

– Como você vai à cidade se seu carro não está funcionando?

Pega no flagra. Cara. Uma coisa era planejar contar mais uma mentirinha quando eu não estava cara a cara com meu amante intenso e por vezes de aparência perigosa. Outra era realmente fazê-lo.

Acho que foi mais fácil simular o carro problemático porque eu não tinha contado uma mentira de fato. Eu só falei que o carro não estava pegando. Era verdade, não estava. Porque eu tinha desativado o motor.

Eu não tinha *exatamente* mentido para ele.

E não ia mentir agora.

– Está funcionando de novo.

Seus olhos praticamente brilharam quando ele saiu de trás da mesa e se aproximou de mim, caminhando lenta e sinuosamente.

– Que surpreendente.

Com uma risada fraca, eu disse:

– Sim. Eu acho.

– Talvez a chuva forte tenha causado algum problema no motor na noite em que você chegou – murmurou ele, aproximando-se de mim.

– Hum... sei lá.

Um sorriso minúsculo, quase imperceptível, ergueu o cantinho daquela boca incrível e ele ficou me olhando o tempo todo, em silêncio, me desafiando para manter a fachada cínica. Era como se ele *soubesse*.

Mas isso era impossível. Ele teria me botado para fora na manhã seguinte se fizesse alguma ideia de que não tinha nada de errado com meu carro. E, se tivesse descoberto mais tarde, teria ficado tão furioso que *realmente* teria me botado para fora.

– Ou talvez – disse ele, a mão se estendendo lentamente para a minha, aquela na qual eu segurava as chaves do carro – você simplesmente tenha

apertado este botãozinho aqui e travado o motor.

Fiquei de queixo caído, só olhando enquanto ele pegava as chaves da minha mão, segurando o dispositivo de bloqueio bem na frente do meu rosto.

– Eu vi o adesivo do sistema antirroubo na janela. E o nome da marca. – Balançando a cabeça e fazendo um “tsc” bem baixinho, ele acrescentou: – Você não é a única que sabe como fazer um pouco de pesquisa, Lottie. Uma busca rápida na internet esta manhã me contou tudo sobre seu dispositivo.

Ele... meu Deus, ele estava quase gargalhando, o que tanto me aliviou quanto me fez querer socá-lo por me manter em suspense.

– E você não disse nada? Simplesmente me deixou afundar mais na mentira?

Pousando os braços nos meus ombros, ele me puxou para si.

– Você é uma mulher sorrateira, Lottie Santori. E, se eu tivesse descoberto isso antes, eu teria colocado este lindo e pequeno bumbum para fora daqui.

Pequeno? Essa era uma interpretação bem forçada. Mas foi bom achar que ele pensava assim. Principalmente porque, em algum momento na noite anterior, eu tinha pedido a ele para me possuir por trás, de modo que ele teve uma boa visão do meu traseiro.

– Eu estava tentando ganhar tempo. Para fazer você enxergar que eu não ia ser uma encrenca, para que me deixasse ficar.

Jogando a cabeça para trás, ele riu, longa e profundamente, uma risada que eu nunca tinha ouvido daquele homem. E da qual eu gostei muito.

– Você não é uma encrenca? Ah, essa é boa. – Balançando a cabeça e baixando as mãos para abarcar minha cintura, ele me arrastou para mais perto ainda, até nossos corpos se tocarem em todos os lugares agradáveis. – Anjo, você é encrenca com *E* maiúsculo. Imagino que vá se encaixar muito bem naquela cidadezinha maluca aos pés da minha montanha.

Então ele me deu um beijo profundo e molhado e eu me esqueci de que tinha acabado de ser insultada. Depois que ele se afastou e me disse para dirigir com cuidado, fui para o meu carro. Corando um pouco enquanto eu me lembrava de que ele havia me flagrado contando uma mentira imensa e desesperada, mais uma vez me vi maravilhada com o quão surpreendente

que ele sabia ser. Rindo quando eu esperava que fosse ficar zangado. Fazendo amor de maneira apaixonada, sendo que, antes, parecera não querer nada comigo.

Eu me perguntava, lá no fundo, se ele era tão misterioso emocionalmente quanto era de muitas outras formas. Se talvez meus temores de que ele nunca fosse se abrir e se permitir sentir qualquer coisa genuína por alguém pudessem estar errados...

Eu tinha esperanças de que sim. Porque eu já estava sentindo algo por ele. Algo muito forte, profundo e único.

Eu estava me apaixonando por Simon Lebeaux. Não havia nenhuma dúvida disso.

Esse pensamento alegre e as imagens mentais felizes que vieram junto a ele ocuparam minha mente durante o trajeto de carro para a cidade. Assim que cheguei, no entanto, comecei a prestar atenção ao redor.

Nos limites de Trouble, duas casas vitorianas imensas, com a pintura velha e lascada, que provavelmente já tinham sido magníficas, pairavam como um par de aves de rapina. Quando passei por elas, vi duas idosas sentadas em cadeiras de balanço em uma das casas. Ambas me espiaram com desconfiança, virando a cabeça para olhar bem para mim enquanto meu carro passava.

– Pessoas do interior – murmurei, já comparando o lugar a Chicago.

Trouble, em especial, era um lugarzinho bem estranho. A vila estreita parecia composta de uma rua principal e algumas ruas adjacentes. Estranhamente, algumas das construções centrais eram pitorescas e estavam em boas condições. Um cinema antigo obviamente estava em fase de renovação. Caminhões de construção estavam encostados junto ao meio-fio e pedreiros estavam ocupados reconstruindo uma parede. Presumi haver ainda mais deles lá dentro para trazer a estrutura de aparência cansada de volta à vida.

Havia outras surpresas também, a maior delas sendo a justaposição dos belos edifícios recentemente renovados a alguns dos prédios decrepitos e pesarosamente antigos. Não dava para enxergar nada através das vidraças sujas de um restaurante à direita na rua principal. A placa do mercadinho

estava sem algumas letras. E o mais estranho de tudo: a concessionária de carros aparentemente funcionara também como uma loja de taxidermia. Porque, empoleirados no topo de cada carro e caminhonete velhos e amassados estacionados na grama que batia na altura dos joelhos, havia uma variedade ímpar de esquilos, guaxinins e outros pequenos mamíferos empalhados.

– Que doideira – murmurei.

A cidade, aparentemente, gostava da festa do Dia das Bruxas. Havia enfeites pendurados ao longo das ruas.

Havia também espantalhos em frente a algumas lojas. Morcegos e bruxas estavam pregados em várias janelas. E em todos os estabelecimentos comerciais havia alguma faixa anunciando um baile a fantasia, organizado por um tal Mortimer Potts, agendado para o sábado.

Estacionando num terreno público ao lado de um parquinho, saí para dar uma volta. A chuva dos últimos dias finalmente tinha arrefecido e o sol banhava as ruas em luz e os moradores em sorrisos. Vários meneavam a cabeça e resmungavam um “olá” em cumprimento quando eu passava.

– Não é tão ruim – sussurrei. – Simon pode vir a gostar daqui de verdade. Tudo bem, aquilo provavelmente era um exagero da minha parte.

Encontrando o fórum local, entrei e fui guiada por uma recepcionista prestativa até o escritório de registros.

– Sr. Billows – chamou a mulher quando nos aproximamos de uma porta aberta, com uma placa rachada que dizia “Registros”.

Um idoso enfiou a cabeça pelo vão da porta.

– Hein?

– Esta jovem gostaria de ver alguns dos registros de transações de propriedades. – Sorrindo agradavelmente, a mulher me deixou a sós com o centenário, cujo sorriso com gengivas totalmente expostas me informava que ele estava feliz por ter companhia.

– Não recebo muitos visitantes – disse ele, enquanto me convidava a entrar. Por um momento, pensei ter sentido algo roçando no meu bumbum, mas imaginei estar enganada.

O velho era tão empoeirado quantos as pilhas de livros dispostas em todas as superfícies livres, mas foi capaz de conseguir rapidamente as informações que eu buscava.

– Encontrou o que você está procurando? – Ele quis saber, depois de eu ter folheado as documentações de 1938 durante um bom tempo. Também não protestou quando saquei minha pequena câmera digital e tirei fotos.

– Aham – murmurei, assentindo. Então, falando principalmente para mim mesma, eu disse: – Quer dizer que Stubbs conseguiu comprar a propriedade de Zangara por 30 mil dólares.

O velho pareceu assustado quando percebeu em qual arquivo eu estava concentrada.

– Zangara. Você sabe sobre Zangara?

Fiz que sim com a cabeça.

– Eu estou fazendo algumas pesquisas a respeito dele, e sobre a Casa Seaton, para o meu professor. Ele está escrevendo um livro sobre o caso.

Os olhos do velho saltaram.

– Você está vasculhando os ocorridos na Casa Seaton?

– Bem, os acontecimentos da década de 1930.

O homem não pareceu tranquilizado.

– Você esteve lá em cima, então?

– Estou hospedada na casa – informei, empinando meu queixo incisivamente. – O proprietário tem sido de grande ajuda.

O velho engasgou e, sem dizer uma palavra, retirou o livro de mim e o fechou num estalo.

– Fora daqui.

Atordoada, eu só fiquei olhando para ele.

– Fora, fora. É meu horário de almoço.

Eu olhei para o meu relógio.

– São 15 horas.

– Então é minha hora de jantar. Adeus.

Não consegui exprimir uma palavra de protesto enquanto o velhote colocava as mãos nas minhas costas e literalmente me empurrava porta afora.

– Que maluco – sussurrei quando saí do edifício. Será que todo mundo na cidade tinha uma opinião tão horrível sobre Simon? Como podia ser, quando ninguém ali parecia ao menos conhecê-lo?

Eu ainda estava resmungando sobre isso quando fui até a farmácia, para ver se eles tinham suplementos vitamínicos de boa qualidade. Fariam bem para Simon.

– É ela, a mulher que está lá em cima com *ele*. – Ouvi alguém cochichar.

Virando-me para seguir o som, vi a faxineira de ombros caídos que tinha sido tão desagradável na outra manhã.

– Bem, olá para você também – falei, sorrindo agradavelmente para ela e para sua companheira, uma mulher de meia-idade que usava um gorro de esqui roxo.

Elas cochichavam furiosamente, e então a mulher do gorro marchou até mim.

– É verdade, então? Você está ficando lá em cima?

– Estou.

A mulher olhou em volta, mas sua amiga apenas deu de ombros e revirou os olhos, como se estivesse dizendo que já havia tentado me alertar e que eu tinha sido teimosa demais para ouvir. Eu sabia o que ela estava prestes a dizer.

– Você não devia ir lá em cima, senhorita.

– Sim, sim, eu ouvi que há uma série de rumores falsos e desagradáveis sobre o sr. Lebeaux.

A mulher balançou a cabeça, a expressão sisuda.

– Não são apenas rumores, senhorita, eu mesma vi nos jornais. Eu tenho um primo em Charleston que me enviou recortes sobre toda a confusão.

Eu não estava escutando. *Lá, lá, lá*, não estava ouvindo nada.

– Ele é perigoso. E eu não conseguiria dormir esta noite se pelo menos não tentasse avisá-la.

Poupe-me de pessoas que vomitam fofocas sob o pretexto de fazer o bem.

– Você tem que saber a verdade.

*Ainda não estou escutando. Achei as vitaminas. Marca famosa, nada natural. Muito ruim.*

– O sr. Lebeaux se envolveu numa situação horrível na Carolina do Sul. Foi assim que ele ganhou aquela cicatriz no rosto.

Está bem, eu não estava escutando a *maioria* das palavras. E eu me perguntara tanto sobre aquela cicatriz...

– Com certeza foi uma desgraça. Foi triste o que aconteceu com ele, é claro, mas não tão ruim quanto o que *ele* fez.

Eu enrijeci, percebendo que não queria ouvir aquilo de uma desconhecida fofoqueira. Ou de uma faxineira odiosa que obviamente tinha um interesse pessoal contra seu empregador. Eu queria ouvir a verdade, fosse ela qual fosse, de Simon.

Mas, antes que eu pudesse dar meia-volta e correr para fora da loja, a mulher se adiantou.

– Ele carrega a cicatriz por vergonha, é isso que eu acho. É sua letra escarlate. Assim todo o mundo fica sabendo a verdade sobre o que ele fez com sua noiva.

Bastava. Virei-me e comecei a me afastar. A mulher agarrou meu braço, porém, me impedindo de sair.

– Por favor, se não acredita em mim, pode fazer uma busca no computador da biblioteca. Porque ele é um homem perigoso. – Seus dedos se apertaram, cravando no meu braço com força suficiente para me fazer estremecer, e ela se inclinou bem perto, tão perto que deu para sentir o cheiro de cigarro em seu hálito.

– Procure e veja você mesma. Ele jogou a mulher que supostamente amava de um edifício alto, há menos de quatro meses.

Congelei.

– Não se engane... Simon Lebeaux é um *assassino*.

## Capítulo 10

*Simon*

SIMON HAVIA se acostumado a ter Lottie por perto, então passar a tarde sem ela foi surpreendentemente difícil. Tendo ficado sozinho por tanto tempo, por escolha própria, ele não previra o quanto a Casa Seaton ficaria vazia sem ela.

Mesmo quando estava enfiada no sótão ou no porão, saber que ela estava por perto lhe dava um certo nível de prazer. Sem Lottie, o lugar parecia tão silencioso quanto uma sepultura.

Só depois de ouvir um som estridente vindo do terceiro andar foi que Simon se lembrou do que *mais* o estava perturbando tanto no fato de estar sozinho. Nos dias em que Lottie se hospedara ali, houvera uma série de incidentes estranhos, os principais sendo o fato de ela ter ficado trancada no sótão e o acidente com a charrete.

Mas também havia explicações plausíveis para ambos. Portas emperravam, apesar do que Lottie pensava sobre a maçaneta. E os tijolos que prendiam as rodas da carruagem poderiam ter se soltado por causa de toda a chuva que tinha amolecido o solo.

Tirando isso, no entanto, Simon não havia vivenciado nenhum dos acontecimentos perturbadores que o tinham atormentado durante tanto

tempo antes da chegada de Lottie, o que tornava o barulho vindo lá de cima ainda mais surpreendente.

Deixando seu escritório, Simon subiu para investigar. Ele poderia ter previsto que iria encontrar... absolutamente nada. Nenhuma veneziana solta batendo contra a casa. Nenhum aquecedor de água com tubos chacoalhando. Apenas um corredor longo e silencioso, com portas fechadas, exceto aquela do quarto que Lottie estivera usando. Essa estava aberta.

Saudoso de repente, ele resolveu entrar e tirar as coisas dela de lá. Pelo menos na concepção de Simon, Lottie ia dormir na cama dele durante o restante de sua estada. Mudar as coisas dela de lugar durante sua ausência parecia a maneira mais simples de dizer a ela que ele não estava nem um pouco arrependido da noite anterior. E que ele desejava que o que quer que estivesse acontecendo entre eles *continuasse* a acontecer.

Simon não ia se enganar dizendo que era outra coisa além de um ótimo sexo durante o tempo que ela permanecesse ali. Não estava pronto para se envolver seriamente com alguém. Principalmente alguém como Lottie, que incorporava tudo o que ele próprio não era mais. Ela era luz e riso; ele era escuridão e pesar.

Ela queria curá-lo, ele sabia disso. E também sabia que, além da atração física, Lottie possuía um grande senso de proteção para com ele. Provavelmente compaixão e pena também. Certamente essas não eram uma boa base para algo mais sério.

Entrando no quarto, Simon viu a mala meio desfeita de Lottie. Havia roupas espalhadas sobre a cama bem arrumada, as quais ele rapidamente guardou. Esperançoso de que ela não fosse se importar por ele mexer em seus itens pessoais, foi até a porta do banheiro, que estava fechada, com a intenção de pegar os produtos de higiene pessoal de Lottie. Quando a abriu, no entanto, seu nariz foi imediatamente agredido por um perfume denso e forte.

Simon abanou a mão na frente do rosto, perguntando o que diabos Lottie vinha fazendo com aquele negócio forte e pesado. O corpo dela certamente não estivera com aquele cheiro na noite anterior, ou mesmo naquela tarde,

quando ela saía de casa. Pensando melhor, ele percebeu que nunca havia notado tal fragrância em Lottie.

E ainda assim o cheiro lhe era familiar. Excessivamente, perturbadoramente, familiar. Embora sua mente não conseguisse identificá-lo, ele conhecia o odor, e seu corpo reagira, ficando tenso, praticamente se encolhendo.

Estranho. Muito estranho.

Uma coisa era certa, Simon precisava sair dali antes que o cheiro enjoativamente doce lhe provocasse uma dor de cabeça. Assim que se dirigiu para a porta, ele ouviu a voz de Lottie, chamando lá de baixo. Ela estava chegando a tempo de flagrá-lo invadindo sua privacidade.

– Que diabos – murmurou Simon, saindo do banheiro e pegando a mala bojuda e a bolsa de viagem de Lottie.

Descendo as escadas para encontrá-la, ele se preparou para *algum* tipo de reação. Ela reconheceria suas malas nas mãos dele, e Simon não sabia se ela iria se jogar em seus braços e beijá-lo ou ficar indignada por ele ter encarado sua disposição de dormir com ele como fato consumado.

Lottie não fez nem um, nem outro. Em vez disso, imediatamente se lançou a uma conversinha inútil.

Simon sabia que havia algo errado. O rosto dela estava pálido, contraído. Ela continuou falando sobre o clima, sobre o trajeto, sobre as últimas folhas de outono soprando do outro lado da estrada montanha abaixo.

Finalmente, quando ela não fez nenhum esforço para tirar o casaco e se distanciar da porta da frente, ele murmurou:

– Caso você esteja se perguntando, eu estava trazendo suas coisas para o meu quarto.

Ela não disse nada. Apenas olhou para a bagagem nas mãos dele.

Algo definitivamente estava errado. Soltando as malas, Simon agarrou as mãos de Lottie, que estavam geladas e trêmulas.

– O que aconteceu? Lottie, me diga o que está acontecendo.

Ele pensou que ela fosse dizer que não tinha conseguido nenhum progresso com as autoridades de mente fechada da cidade. Que a viagem

tinha sido um desperdício. Por isso, de modo algum Simon estava preparado para o que saiu daqueles lábios:

– Conte-me sobre a mulher em Charleston.

ELE O fez.

A história daquela noite não era algo sobre o que Simon gostava de falar. Mas, como Lottie já tinha ouvido uma versão por aí, provavelmente uma altamente inverídica, ele sabia que não tinha escolha.

Simon não queria que Lottie tivesse medo dele. E, da mesma forma como ela jurou não estar com medo, que seus sentimentos não tinham mudado, ela também insistiu para que ele lhe contasse a verdade.

Um dia antes, ele poderia não ter contado. Mas, depois do que acontecera entre eles, ele não podia mais se esconder atrás do relacionamento casual deles. O que acontecera no quarto havia sido tudo, menos casual.

A mulher merecia saber a verdade sobre o sujeito violento com quem estava dormindo.

– Você deve perceber, presumo, que preciso viajar muito para fazer meu trabalho – disse ele, enquanto estavam no escritório. Ele a levava para lá imediatamente depois de Lottie pedir para saber da história, imaginando que, embora fossem apenas 17 horas, uma bebida alcoólica não seria nada mal.

Pelo menos para Simon.

Lottie, pelo visto, concordava com ele, e agora os dois estavam bebendo uísque puro e se encarando.

– É claro – disse ela baixinho. – Você precisa passar certo tempo num lugar para escrever bem a respeito dele.

Ele assentiu.

– Eu gosto dessa parte do meu trabalho, e minha série sobre cidades do Sul realmente decolou. Comecei com Nova Orleans e Baton Rouge, obviamente, em seguida fui para Savannah, Atlanta e então Charleston. Reservei um quarto em um dos hotéis mais bonitos do centro e fiquei lá por duas semanas, reunindo todas as informações possíveis.

Bebericando, Simon se inclinou para trás, tentando se lembrar dos detalhes daquela noite.

– Era minha última noite na cidade e eu desci para o bar do hotel para tomar uma bebida e me despedir de alguns dos funcionários que tinham sido muito prestativos. – Ele sentiu a garganta apertada. – Havia uma mulher lá. Uma loura. Sentada a poucos assentos de distância.

– Uma desconhecida? – perguntou Lottie, interrompendo-o pela primeira vez. – Não foi alguém com quem você já estava envolvido?

– Não. Eu nunca tinha visto aquela mulher na vida.

Ela franziu a testa.

– Ponto para a fábrica de boatos.

Ele realmente não queria saber sobre o boato.

– Desculpe. Por favor, prossiga.

– Eu tenho certeza de que não preciso soletrar. Eu estava na cidade há algumas semanas e já fazia tempo que eu não saía com alguém... ela foi muito óbvia em relação ao que estava oferecendo.

Lottie contraiu os lábios.

– Eu não fico exatamente satisfeito por admitir que peguei uma loura fácil num bar, mas aconteceu. – Pensando no quanto revelar, Simon não viu motivos para esconder nada. – Eu não era o mesmo homem naquela época, Lottie. Na verdade, eu era sociável e gostava de me divertir. Eu não era exatamente um playboy, mas aquela não era minha primeira conquista num bar.

Embora, definitivamente, tivesse sido a última.

Ela acenou, indiferente.

– Eu não sou uma santa, Simon. Por favor, não sinta como se tivesse que se justificar.

Aliviado, ele continuou a explicar, contando como fora a mulher quem dera início à abordagem, pedindo para ele lhe pagar uma bebida. Como ela fora deliberada e provocante – o que, é claro, fazia muito sentido, considerando o que acontecera a seguir. Ele tinha sido um alvo para ela, um que ela não ia deixar fugir.

– Então você a levou para o seu quarto.

Ele fez que sim com a cabeça.

As bochechas de Lottie coraram um pouco. Ela perguntou baixinho:

– Vocês, hum...

– Não. Eu nem mesmo havia tocado nela quando ela disse que queria admirar a vista da cidade. Por isso ela saiu para a varanda. Em seguida, alegou que precisava ir ao banheiro. Daí me pediu para aguardar ali e voltou para o quarto.

– Oh, não – disse Lottie, obviamente sabendo aonde aquilo ia dar.

– Sim. Eu ouvi uma porta sendo aberta e fechada, mas imaginei que fosse apenas a porta do banheiro. Antes mesmo de eu me dar conta do que estava acontecendo, ela voltou, seguida por um sujeito jovem, corpulento, com uma arma na mão.

Ela arfou.

– Eles queriam roubar você.

– Exatamente.

Lottie balançou a cabeça devagar, parecendo visivelmente angustiada.

– Simon, por que você simplesmente não entregou o dinheiro? Por que diabos você reagiu?

Os policiais tinham questionado a mesma coisa. E Simon respondeu a Lottie a mesma coisa que havia respondido a eles.

– Eu *não* reagi. Eu não ia arriscar levar um tiro na cara por causa de cem pratas. Eu lhes entreguei minha carteira e meu relógio. Quando ele perguntou o que mais eu tinha, eu indiquei onde encontrar o laptop. – Sorrindo um pouco, ele confessou: – Para dizer a verdade, por um segundo eu fiquei mais preocupado se eu tinha feito o backup dos meus textos naquele dia no meu cartão de memória do que com o fato de estar prestes a perder algumas posses.

Ela conseguiu dar um sorriso. Um sorriso trêmulo.

– Achei que a coisa ia acabar aí. Que eles iam sair e fugir, imaginando, provavelmente com razão, que um turista não ia ficar na cidade por tempo suficiente para ver a justiça ser feita.

– Mas eles não foram embora?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Foi quando eu percebi que eu poderia estar numa situação mais perigosa do que eu pensava. O sujeito me mandou ir para a beira da sacada e me virar, de costas para ele. Eu recusei. Porque não gostei do olhar dele e porque percebi que sua cúmplice estava rondando ao meu lado, em vez de ir para a porta.

Sabendo que estava chegando na parte mais difícil da história, Simon tomou um gole de sua bebida antes de continuar.

– Ele veio para cima de mim e, naquele segundo, eu soube que ele pretendia me jogar da sacada. Simular um suicídio ou algo assim. Acho que foi por isso que ele não atirou.

Uma fungada e um brilho de umidade nos olhos de Lottie lhe diziam como estava reagindo. Ele colocou a mão na coxa dela, apertando levemente.

– Percebendo que não era um assalto comum do qual eu ia escapar só com uma lembrança assustadora para compartilhar com amigos, eu reagi. Ele queria me jogar da sacada e eu estava resistindo. Eu estava dando conta do recado até a mulher se intrometer. Eu nem vi a faca na mão dela, nem percebi que ela havia me cortado, até sentir o gosto do sangue.

– Que vadia – disse Lottie, agora com lágrimas visíveis derramando pelo rosto.

– Acho que foi isso que tornou a coisa toda real, me fez ter certeza de que eu estava lutando pela minha vida. Então eu consegui derrubá-lo. Quando ele caiu, bateu com a cabeça numa mesa de ferro, a mesma à qual eu havia sentado todos os dias para tomar meu café da manhã.

– Ele estava...?

– Desmaiado.

– Mas ela não estava.

– Não. Ela ficou furiosa, berrando porque eu o havia machucado. Na época pensei que eles fossem namorados, mas, quando a polícia verificou, descobriu que tinham o mesmo sobrenome, Harrington. Daí eles pensaram que fossem casados. Mais tarde, descobrimos que eram irmãos. Enfim, ela estava histérica, pensando que eu o havia matado.

– Ah, quanta autoridade moral, culpar um homem por lutar por sua própria vida.

Simon continuou como se Lottie não tivesse falado.

– Ele tinha deixado a arma cair quando desmaiou. E aí a mulher a pegou.

– Foi ela que atirou em você – sussurrou Lottie.

Ele assentiu, esfregando a cicatriz no peito, lembrando-se da dor quando a bala perfurara seu corpo.

– Ela errou meu coração por alguns centímetros. Então eu não fiquei totalmente inativo. Pulei em cima dela e nós começamos a lutar pela posse do revólver. – Com a voz tremendo, Simon prosseguiu até o fim trágico: – Ela era forte, eu estava ficando tonto devido à perda de sangue, e sabia que ela ia atirar em mim outra vez. Então me atraquei a ela, tentando recuperar a arma.

Olhando nos olhos castanhos suaves de Lottie, ele finalmente confessou:

– E ela acabou caindo da sacada.

SIMON NÃO sabia exatamente o que esperar de Lottie depois de ela ter ouvido aquela história horrorosa. Em sua mente, as imagens eram tão terríveis, tão sangrentas e cruéis, que Simon não conseguia evitar se perguntar se ela ia se afastar dele. Que mulher iria sentir-se bem ao descobrir que seu amante tinha sido responsável pela morte brutal de outra mulher?

Ele já devia saber. Depois de um longo momento, Lottie ficou absorvendo as palavras, sorvendo lentamente o resto de sua bebida e enxugando as lágrimas. Aproximando-se dele no sofá, ela levou a mão ao seu rosto. A ponta macia de seu dedo indicador trilhou pela cicatriz que ia da maçã do rosto até a testa, e então ela enredou os dedos em seu cabelo e o puxou para si. Pouco antes de colar os lábios aos dele, ela murmurou:

– Obrigada por me contar.

A boca de Lottie foi doce e acolhedora. Ela não apresentou nenhum tipo de contenção, sendo tão amorosa como tinha sido antes de ele lhe revelar toda a verdade.

Bem, quase toda a verdade. Simon não tinha contado a ela sobre as coisas estranhas que havia vivenciado na Casa Seaton. Já era ruim o suficiente a

mulher descobrir que ele havia matado alguém, Simon não queria que ela pensasse que ele também era maluco.

– Eu quero você, Simon – murmurou ela de encontro aos lábios dele. – Eu o quero tanto.

Quase gemendo de puro alívio, ele baixou as mãos até a cintura dela e a puxou para o seu colo. Ela se aninhou a ele, inclinando a cabeça para beijá-lo outra vez, profunda e apaixonadamente.

O calor da boca de Lottie e a maciez do corpo dela logo o fizeram se esquecer de tudo o mais, exceto dela. Deles. Do que eles tinham feito um ao outro na noite anterior. Do que ele queria sentir novamente.

Afastando a boca lentamente e sorrindo para ele, Lottie se afastou do colo dele e caminhou em direção à lareira.

Sem dizer uma palavra, ela arrancou a barra do suéter vermelho de dentro do jeans e o ergueu vagarosamente. Ao ver o sutiã vermelho de renda por baixo, Simon arfou de satisfação.

Libertando o cabelo do suéter, ela finalmente jogou a peça longe, em seguida passou as mãos pelos longos cachos castanhos, sacudindo a cabeça com força para que eles caíssem de forma desordenada sobre seu tronco.

Lottie não pareceu se importar com o fato de Simon não ter se levantado para se juntar a ela. Ele continuou esparramado no sofá, admirando com uma satisfação lânguida enquanto ela tirava os sapatos e então desabotoava a calça jeans. Removendo-a devagar, numa velocidade lenta o suficiente para ele saber que ela estava sendo deliberada só para aumentar sua expectativa, ela finalmente tirou todas as peças do caminho. A calcinha vermelha pequenina combinava com o sutiã. As peças eram minúsculas, só um fiozinho de tecido vermelho mal cobrindo os cachos escuros e alguns laços de cetim trespassando nos quadris.

– Vire-se – pediu ele, querendo ver mais.

Ela obedeceu. Ele gemeu, baixa e demoradamente, diante do belo traseiro revelado pela calcinha fio-dental. Ao ouvi-lo, Lottie olhou para trás e disse:

– Você vai ficar aí assistindo ou vai se juntar a mim?

Ajeitando-se em seu jeans apertado, Simon sorriu preguiçosamente.

– Depende do que você vai fazer agora.

– O que você *quer* que eu faça agora?

Ah, simplesmente tudo. Ele começou com o mais básico:

– Toque-se.

Ela se virou para ele, sorrindo. Levando uma das mãos ao pescoço, Lottie trilhou as pontas dos dedos para baixo, contornando levemente as curvas dos seios que pressionavam a costura do sutiã, indo até a barriga.

Quando seus dedos desapareceram sob o cós de elástico da calcinha e acariciaram os cachos, Simon a ouviu emitir um pequeno suspiro de prazer.

Ela fechou os olhos. Daí, lambendo os lábios, tombou a cabeça para trás enquanto continuava a se acariciar delicadamente, a mão escondida pelo tecido vermelho, mas os gestos totalmente nítidos ao mesmo tempo.

Quando ela mudou de posição, ele ficou esperançoso de que ela fosse tirar a calcinha e lhe mostrar exatamente como gostava de ser tocada. Mas, em vez disso, Lottie desabotoou o sutiã, deixando-o deslizar lentamente pelos seus braços até o chão.

Simon gemeu. Tinha certeza de que nunca tinha visto uma mulher de formas mais belas. Ele já sabia o quanto ela gostava de ter seus mamilos sugados, e o modo como estava roçando as palmas neles e então os beliscando lhe dizia ainda mais.

– Tire a calcinha – disse ele, incapaz de suportar muito mais daquilo, mas ao mesmo tempo desejando permanecer ali, a alguns metros de distância, para admirá-la por mais um minuto.

Ela o fez, deslizando as mãos junto às laterais do corpo e enganchando os dedos da calcinha, que caiu no chão, deixando Lottie completamente despida, nua e bela. Não havia timidez alguma nela, nenhuma preocupação com a quantidade de luzes no ambiente. Não que ela tivesse qualquer *coisa* com que se preocupar.

Finalmente, incapaz de suportar mais daquela tortura autoimposta, Simon se levantou e caminhou até ela.

– Você é de tirar o fôlego, sabia?

Ela não disse nada, e não negou a declaração porque dava para notar, pela expressão de Simon, que ele dissera aquilo seriamente. Quando ele chegou perto, Lottie passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para si.

Lambendo os lábios, ficou à vontade grudada à boca dele. Ela não interrompeu o beijo nem mesmo enquanto ele desabotoava a camisa e se contorcia para tirar as roupas.

Só quando Simon estava completamente nu é que Lottie se afastou, olhando para ele. Ela oscilou um pouco, colocando a mão no ombro dele para se firmar.

– Sabe, eu poderia dizer que os iguais se reconhecem, mas isso seria tão bobo...

Gargalhando, encantado por ela, como sempre, ele se pôs de joelhos. Lottie tentou abaixar-se para encontrá-lo no chão, mas Simon não deixou, segurando os quadris dela para mantê-la onde estava. Quando ele lhe deu um beijo cálido de boca aberta na barriga, ela obviamente descobriu o motivo.

– Simon...

– Eu não consegui provar você do jeito como eu queria ontem à noite – sussurrou ele, beijando barriga abaixo, provando o recuo de seu umbigo e então acompanhando o contorno do quadril com a ponta da língua.

Ela estremeceu um pouco quando a bochecha dele roçou em seu ninho macio. Então se sobressaltou de encontro ao rosto dele, ficando exatamente na posição que Simon desejava. Ainda segurando os quadris de Lottie, ele a puxou ainda mais, em direção à sua boca ávida, amando o cheiro e o brilho de excitação em sua carne mais secreta.

Incapaz de esperar mais um segundo, ele abriu a boca bem ali, lambendo entre as dobras. Lottie gemeu, pousando as mãos e cravando as unhas nos ombros dele. Ele quis sorrir perante a reação dela, mas em vez disso levou uma das mãos à coxa macia, pedindo silenciosamente que ela abra as pernas para lhe dar mais acesso. Assim que ela o fez, ele retornou ao que estivera fazendo, cobrindo o clitóris com a língua, arranhando-o suavemente com os dentes.

– Ai, Deus, não vou conseguir suportar muito disso – falou ela entre arfares roucos. – Minhas pernas vão desabar.

Simon não queria isso. Então, novamente, sem dizer nada, ele a guiou gentilmente para a poltrona de couro ao lado da lareira e a incitou a sentar-

se.

– Simon? – perguntou Lottie, parecendo um pouco confusa.

A confusão se alterou para uma excitação chocada quando ele ergueu as pernas dela e as apoiou nos braços da poltrona, abrindo-a, expondo-a completamente.

Lottie tentou fechá-las.

– Não – pediu ele, mantendo as mãos nos joelhos dela enquanto se fartava entre as belas dobras e cachos brilhantes. – Não se atreva a me deter.

– Hum, tudo bem – disse ela com um gemido, parecendo quase desesperada.

Ele sabia como dar fim ao desespero dela. Inclinando-se, ele a lambeu de trás para frente, num deslizar demorado e lento. Lottie deu um tranco, deixando escapar um gritinho, mas Simon estava apenas começando. Ele queria que ela ficasse saturada de prazer, até chegar ao clímax em sua boca. Por isso, mergulhando de novo, ele deslizou a língua em seu canal molhado, fazendo amor com ela do jeito como faria com os dedos e com seu membro dentro de apenas alguns minutos.

Finalmente, quando notou como os músculos de Lottie estavam se contraindo e ouviu os gemidos de prazer indefesos, ele investiu para levá-la ao ápice. Deslizando um dedo dentro dela, ele deu batidinhas no clitóris contraído, acompanhando enquanto ela gritava sua satisfação final.

Incapaz de esperar, ele sequer lhe deu uma chance de se recuperar. Tirando um preservativo do bolso da calça, Simon o vestiu e então se juntou ao corpo dela, entre as coxas ainda entreabertas.

– Sim, ah, sim – murmurava ela enquanto o envolvia.

Lottie investiu para cima e Simon mergulhou para baixo, e ambos explodiram juntos num frenesi de prazer quente e intenso. Eles pulsaram juntos em algumas penetrações profundas e ávidas, e então desaceleraram para saborear o momento.

Preocupado com a possibilidade de estar colocando muita pressão, Simon agarrou a cintura de Lottie e a levantou, mantendo o corpo firmemente colado ao dela. Pousando-a no tapete grosso diante da lareira, ele deitou-se em cima dela.

– Eu já lhe disse que eu não tinha muita experiência com... isto... antes?

Ele congelou por um segundo, se perguntando se ela estava dizendo que era virgem até então. Parecia impossível nessa época e em tal idade, principalmente no caso de uma mulher tão sexy quanto Lottie.

Ela, aparentemente, notou o choque de Simon porque, rindo baixinho e segurando o rosto dele, ela continuou:

– Quero dizer, eu nunca fiz muito além do básico. Então nunca conheci ou concretizei muita coisa, apesar de já ter lido livros sensuais ou de ter assistido a filmes de sacanagem.

Arqueando uma sobrancelha, ele ofereceu um olhar de surpresa.

– Filmes de sacanagem?

– Não fique tão animadinho. Eu não trouxe nenhum comigo.

Penetrando mais fundo, ele gemeu ao sentir o calor dela, a contração de seu corpo úmido.

– Nós não precisamos deles.

Ela balançou a cabeça.

– Definitivamente, não. Mas o que eu quis dizer é que eu nunca soube o quanto poderia ser realmente maravilhoso. – Beijando-o docemente na boca, ela murmurou: – Então, obrigada.

Obrigada. Diante daquela tensão crescendo enquanto a penetrava com força e então a torturava com pequenas investidas superficiais, ele quase começou a rir. A mulher estava agradecendo a ele durante o sexo.

Já haviam agradecido a ele depois. Mas nunca durante, hum, no calor do momento.

– Você é uma figura única, Lottie Santori – disse ele, enquanto a beijava no rosto, pescoço, garganta.

Então ele não conseguiu dizer mais nada porque as familiares sensações de calor começaram a afetar seu corpo com intensidade. Tudo se concentrou lá embaixo, bem no fundo, e os arfares de deleite de Lottie lhe diziam que ela estava chegando ao orgasmo junto com ele.

Finalmente, gemendo quando a última gota de prazer físico lhe foi arrancada, Simon enterrou o rosto nos cabelos dela, sussurrou seu nome e se perguntou como diabos ia conseguir permitir que ela fosse embora.

## Capítulo 11

*Lottie*

**E**U NÃO sabia que era possível ficar tão feliz e ainda assim tão preocupada ao mesmo tempo.

Fisicamente, é claro, eu estava completa e totalmente imersa em satisfação sensual. A maneira como Simon tinha feito amor comigo fora semelhante a uma fantasia, a um trecho erótico de um diário de uma mulher que nunca esperava mostrá-lo a ninguém, e muito menos vivenciar de fato.

Ele me deu tudo que eu sempre sonhei obter fisicamente. E, desde que se abriu para mim sobre o que realmente aconteceu a ele, eu me senti muito mais próxima emocionalmente.

Uma coisa era certa, saber o que Simon havia enfrentado só servira para aprofundar meus sentimentos por ele. Eu queria acabar com a raça de qualquer um que o machucasse, curar suas cicatrizes e suas lembranças ruins e fazer a vida dele voltar a ser como era antes de aquela coisa horrível ter invadido seu espírito.

Eu também queria que o mundo o enxergasse da mesma maneira que eu: como um homem corajoso e inocente obrigado a fazer algo que ele mesmo considerava repulsivo a fim de permanecer vivo.

Ele não era um assassino. Certamente, não como aquelas pessoas velhas e odiosas da cidade lá embaixo pareciam pensar.

Eu queria que elas conhecessem o verdadeiro Simon, tanto que resolvi que eu ia levá-lo a Trouble e socializar com alguns de seus moradores. É claro, no momento em que mencionei nossa ida à festa de Dia das Bruxas no salão do quartel dos bombeiros na noite seguinte, ele riu tanto que senti vontade de socá-lo. Ele nem me respondeu, só continuou rindo enquanto saía da sala, como se eu tivesse contado uma grande piada.

– Você *vai* à festa, camarada – sussurrei na sexta-feira à tarde, enquanto estava sentada no porão, vasculhando a papelada de seu tio. Eu não tinha terminado a busca no sótão, mas havia algo me incomodando. Eu nem sabia dizer o que era, mas sabia que havia deixado de enxergar alguma coisa, ou negligenciado as atividades mais recentes da Casa Seaton.

Mas que droga, eu não conseguia descobrir o que era! Eu estava ali há horas e até agora não tinha descoberto nada.

Talvez porque minha cabeça não estivesse empenhada nisso. Eu estava pensando na experiência terrível de Simon.

Não sou uma pessoa vingativa, e geralmente não acredito no conceito do “olho por olho”. Mas, apesar de todas as minhas declarações de que sou civilizada e mente aberta, eu sinceramente não conseguia me importar com a morte da mulher que o havia atacado.

Terrível, certo? Desumano?

Talvez. Mas era verdade. Naquele momento na varanda, seria ela ou Simon. E eu não estava nem um pouco triste por Simon ter se safado. Sangrando, machucado... porém vivo.

A história poderia ter terminado tão diferente, e foi isso que me assustou tanto por umas boas 24 horas depois de ele ter me contado sobre o episódio. Meu irmão Mark é policial, investigador na polícia de Chicago, então eu tenho um pouco de noção sobre crimes, criminosos e o modo como eles operam. A família inteira, inclusive a nova esposa de Mark, Noelle, com quem ele se casou há dois meses, vive apavorada sempre que ouvimos algo no noticiário sobre policiais detendo um criminoso violento, ou interrompendo um assalto ou algo assim.

Eu já tinha ouvido meu irmão contar histórias o suficiente para saber que alguém inclinado a apenas assaltar não ia arriscar seu pescoço caso as coisas

dessem errado. Muitas vezes assaltantes estão atrás de uma dose rápida de dinheiro para outros fins ilegais, geralmente drogas. E eles costumam blefar sobre estar portando uma arma durante suas ações, uma vez que cometer um crime à mão armada é muito mais grave.

Essas duas pessoas, a irmã e o irmão, Harrington, dissera Simon, tinham planejado seu crime. Escolheram Simon como alvo, conseguiram acesso ao quarto e pegaram tudo de valor sem qualquer protesto genuíno dele. Eles podiam ter fugido sem aumentar a gravidade do ato com a agressão.

Mas não fizeram isso. Simon tinha dito que o sujeito queria matá-lo e simular um suicídio ou um acidente. Eu acreditava nele.

Por quê? Essa era a pergunta que não abandonava minha mente. Por que Simon? Simplesmente não fazia sentido. Eles poderiam tê-lo amarrado para que ele não fosse descoberto até a manhã seguinte, e então cair fora, para nunca mais serem vistos novamente.

Era um mistério, um enigma. Eu gostava de enigmas, então não conseguia parar de pensar no assunto. Embora certamente Simon não fosse querer que eu ficasse bisbilhotando seu passado conturbado, eu sentia a necessidade de saber mais.

Antes de voltar ao andar de cima, peguei uma caixa que eu queria revisar. Não estava muito pesada. Além disso, carregá-la por um lance de escadas era melhor do que ter de voltar ao porão e respirar aquele ar mofado mais uma vez.

Uma vez lá em cima, levei a caixa para o salão vazio que já tinha sido o restaurante do hotel. Mesas pequenas ainda pontuavam o lugar, todas com cadeiras de ponta-cabeça em seus tampos. Sem querer perturbar Simon no escritório, eu deixei a caixa num canto, acendi as luzes e levei meu laptop até uma das mesas.

Acessei a internet e comecei a fuçar nos arquivos de Charleston. Não foi difícil encontrar reportagens sobre o caso. Uma pesquisa no Google com o nome de Simon rapidamente trouxe páginas de referências sobre os livros e artigos que ele tinha escrito, mas os dez primeiros resultados eram sobre o assalto que tinha terminado mal.

Li tudo com interesse, olhando para a foto granulada do suspeito do sexo masculino. Interessante. Ele fora indiciado não apenas por assalto à mão armada e tentativa de assassinato de Simon, mas também pelo assassinato da própria irmã. Eu não era especialista em assuntos legais, mas, aparentemente, como ela havia sido sua cúmplice num crime e morrera enquanto cometia o crime, ele era o culpado, segundo as leis.

– Que irônico – sussurrei.

O sujeito estava à espera de julgamento e a fiança lhe fora negada porque os investigadores não tinham conseguido determinar que ele possuía endereço fixo; além disso, ele se mostrara pouco cooperativo sobre seu passado.

Ele e sua irmã, cuja foto também estava na matéria, aparentemente uma imagem da carteira de motorista, pelo visto, não eram de Charleston. Suas carteiras de identidade eram de outros estados, mas, quando a polícia tentara rastrear os endereços associados a eles, encontraram apenas terrenos vazios ou caixas postais de empresas.

– Por quê? – sussurrei, mais confusa do que já estava. Por mais louco que aquilo me soasse, quase parecia que eles tinham ido a Charleston e abordado Simon *de propósito*.

Sem conseguir descobrir muito mais, resolvi fazer algo que eu nunca pensei que fosse fazer. Meu irmão Mark era um superprotetor chatíssimo, mas ele ainda era meu irmão mais velho e não havia nada que ele não faria por mim. E, claro, vice-versa.

Era hora de buscar ajuda.

Saindo e dando uma voltinha ao redor da casa até encontrar um local onde conseguisse um pouco de sinal no celular, disquei o número dele.

– Detetive Santori – atendeu ele.

– Civil Santori na linha.

– Lottie! Ei, garota, onde você está? Por que não tem ligado? As pessoas estão preocupadas.

– Eu liguei. É que elas simplesmente não verificam a porcaria da secretária eletrônica.

Mark não respondeu por um segundo, então riu.

– Você provavelmente está certa.

– Como está Noelle? – perguntei, querendo me esquivar um pouco mais antes de confessar o motivo da minha ligação.

– Está ótima – disse ele, a voz ficando manhosa e piegas, do mesmo jeito que as vozes de todos os meus irmãos ficavam quando eles falavam de suas esposas. – Ela vai receber um prêmio de uma organização familiar nacional por causa do programa “Dê um Natal a uma Criança” realizado no abrigo no ano passado.

– Uau, isso é fantástico. – Então, conhecendo meu irmão, acrescentei: – Não faça algo estúpido como se envolver num caso e se esquecer de aparecer lá!

– Impossível. A cerimônia será em Washington. Vou tirar alguns dias de folga e teremos umas miniférias. Então... como está o trabalho? Está tudo bem na casa dos assassinatos?

Mark tinha ficado interessado na minha viagem por causa do ângulo criminal da coisa, e eu rapidamente lhe dei um resumo do que vinha acontecendo, ignorando, é claro, qualquer descrição sobre meu anfitrião. Ou quaisquer detalhes sobre nosso caso sexual.

Ele obviamente leu nas entrelinhas.

– Espere um segundo. Você está me dizendo que o hotel não está funcionando e que você está hospedada só com o proprietário e mais ninguém? Quem diabos é esse cara?

– Ele é um cara legal que pode estar precisando de ajuda – respondi, determinada a superar aquilo sem entrar numa competição de berros com meu irmão intrometido. – Eu preciso que você faça uma coisa para mim, está bem? Simon... o sr. Lebeaux foi atacado durante um assalto que acabou muito mal, em Charleston, em junho.

– Hum – resmungou Mark. Eu ouvi alguns cliques e percebi que ele estava sentado à sua mesa já puxando todas as informações possíveis sobre meu amante. Não porque eu tivesse lhe pedido para ajudar, mas porque ele queria saber mais sobre o estranho com quem eu estava. A sós. No meio do nada.

– Ele é jovem – disse Mark, com reprovação na voz.

– Ele também é muito gato – rebati –, mas esse não é o ponto aqui.

– Cristo, ele matou uma mulher? Saia daí, Lottie, agora.

Cerrei os dentes.

– Leia a reportagem. Ele foi atacado, Mark. Brutalmente. E ele tem as cicatrizes para provar isso.

Mais alguns instantes de silêncio. Então veio um grunhido.

– Tudo bem. Foi autodefesa.

Aquilo provavelmente era o máximo de gentileza que eu ia conseguir.

– O caso é esquisito. Até eu consigo perceber. – Esfregando os cantos dos olhos com o polegar e o indicador, acrescentei: – Eles entraram no quarto dele naquela noite para matá-lo, não para roubá-lo. No entanto, a imprensa dá a entender que a polícia não sabe nada sobre essas pessoas, nem mesmo de onde vieram. Como pode? Isso faz sentido para você?

– Pessoas matam pessoas todos os dias.

– Sim, eu sei – falei com impaciência –, mas isso é diferente. Por favor, dê uma olhadinha, pode ser?

– Por quê? O que isso tem a ver com o caso do assassinato antigo? Não é por isso que você está aí?

– É por isso que eu vim. – Eu sabia que, ainda que Mark fosse protetor, ele não era um homem de Neandertal como Tony, o mais velho de todos. Nem tão detestável quando estava sozinho, se comparássemos como ele ficava quando Nick, seu irmão gêmeo, estava por perto.

Além disso, meu irmão havia tido o bom senso de se casar com uma mulher fantástica, a qual ele conhecia há apenas oito meses. E os dois praticamente inflamavam sempre que se olhavam.

Ele tinha que entender um pouco sobre essa coisa de cair de amores rapidamente por alguém.

– Eu me preocupo com ele, Mark. Eu realmente me preocupo. Essa coisa travou toda a vida dele e ele ainda está tentando superá-la.

– Não gosto disso. Se foi legítima defesa ou não, o sujeito se envolveu numa coisa bem sórdida.

*Argh.* Finalmente sabendo que eu não tinha escolha, me fei na velha tática para lidar com meus garotos.

– Se você for legal e fizer isso por mim, então talvez eu seja legal e não conte às pessoas que uma bala passou raspando perto da sua cabeça naquele assalto ao carro-forte no ano passado.

Ele arfou, chocado.

– Como diabos você...

– Alguém que estudou comigo na faculdade está na polícia agora.

– *Quem?*

– Até parece que vou falar. – Revirei os olhos. – Temos um acordo?

– Você é um pé no saco.

– Diga-me algo que eu não sabia.

– Tudo bem – disse ele. – Vou descobrir o que der e entrarei em contato.

NA TARDE de sábado, eu sabia que só havia um jeito de conseguir convencer Simon a ir à festa de Dia das Bruxas comigo.

Sedução.

Eu tinha mencionado o baile mais uma vez na noite anterior e, embora dessa vez não tivesse dado risada, rejeitara a ideia com muita firmeza. Socializar com um monte de pessoas que o viam como um serial killer não era sua ideia de diversão.

Nem dava para culpá-lo por isso. Mas esse, na minha opinião, era mais um motivo para comparecer. Para fazer as pessoas enxergarem que ele não era nada perigoso e certamente não um assassino.

Passei a manhã e parte da tarde de sábado revirando alguns baús e caixas velhos empoeirados. Hoje, no entanto, eu estava procurando algo diferente de documentos.

Engraçado, quando criança, eu teria adorado dar de cara com um sótão. Aquele sótão, porém, uma vez que eu havia superado a bizarrice e o temor de ficar presa de novo, tinha se revelado um verdadeiro tesouro. Eu havia encontrado alguns baús enormes, todos eles cheios de roupas que iam desde peças recentes, aparentemente guardadas na seção de Achados e Perdidos do hotel, a outras antigas, que poderiam ter pertencido a pessoas que já tinham morado na casa. Se Simon um dia precisasse de dinheiro, ele poderia colocar

tudo à venda na internet e fazer uma fortuna com roupas para amantes do *vintage*.

O conjunto que vesti, em particular, era uma *coisa*.

Olhando fixamente para meu reflexo no espelho na porta do armário naquela tarde, eu sorri, depois dei uma risadinha. Com certeza me parecia exatamente com o que Simon tinha pensado que eu era na noite em que cheguei.

Uma prostituta.

Uma prostituta bem antiquada, mas uma prostituta mesmo assim.

O espartilho antigo, a camisa e a calcinha obviamente eram feitos para ser usados como roupa íntima. Mas, sem nada em cima deles, deixavam o visual bem sexy. Principalmente considerando minhas, hum, curvas mais caprichadas. Meus seios estavam esmagados de tão apertados, e estavam tão altos que praticamente tocavam meu queixo.

A renda envolvia meus quadris generosos e abarcava minha bunda de garota italiana. Embora amareladas, as peças tinham resistido às lavagens e pareciam muito apresentáveis. E as botas na altura do tornozelo eram dolorosas ao extremo, mas havia algo de tão travesso nelas que eu simplesmente não queria tirá-las.

Depois de pesar na maquiagem e dar uma boa ajeitada no cabelo com um modelador de cachos e muito laquê, eu estava tão arrumada que poderia ser expulsa das casas de striptease de Las Vegas. Então, pavoneando meu andar ao máximo, saí do quarto de Simon e entrei no escritório, na ponta dos pés, me colocando atrás dele quando ele estava sentado à mesa. Sussurrei:

– Ei, amante.

Ele sobressaltou-se com tanta intensidade que quase rachou a cabeça no meu queixo.

– O que... ai, Deus, Lottie – disse ele, quando se virou e me viu.

– Desculpe, eu assustei você – falei, vendo o corpo inteiro dele se contrair. Eu era uma idiota. É claro que o sujeito ficaria assustado com pessoas se esgueirando por trás dele. Quem não ficaria, depois de passar pelo que ele tinha passado?

– Eu sinto muito – repeti. – Só estava tentando fazer uma surpresa.

O cerrar da mandíbula finalmente se foi e ele respirou fundo. Daí realmente *olhou* para mim pela primeira vez. Uma de suas sobranceiras se ergueu quando ele flagrou meu rosto supermaquiado e meu cabelo arrumado. E então teve um vislumbre do bom pedaço de *mim* que estourava para fora do espartilho.

– Que diabo de roupa é essa?

– Lembra-se da primeira noite, quando eu cheguei? Você pensou que eu fosse uma prostituta? Bem... pense em mais ou menos cem anos atrás.

Finalmente, quando temi que ele fosse concluir que eu estava maluca e suspirar lamentando pelo fato de só se envolver com loucas, ele começou a sorrir.

– Se você tivesse aparecido assim na outra noite, talvez eu não a tivesse expulsado.

Ele girou a cadeira para poder me encarar e eu subi no colo dele.

– Você não me expulsou, lembra-se?

– Aham. Você me enganou para poder ficar.

– Pelo que me lembro, você me convidou para ficar na primeira noite.

Ele bufou.

– Hum, certo, convidei..

Requebrando um pouco e passando um braço ao redor do ombro dele, mordisquei seu lóbulo.

– Você não está feliz por ter mudado de ideia?

– Muito feliz. – Os olhos dele estavam na altura dos meus seios e o calor em seu olhar me dizia que ele estava gostando do que via. Gostando muito. Era hora de pressionar em meu favor. – Então, se você está feliz por eu estar aqui, você deve querer me fazer feliz, não é?

– Eu não lhe fiz feliz duas vezes na noite passada?

– E uma vez nesta manhã – falei, quase ronronando de contentamento diante das lembranças. Inclinando-me para beijar seu pescoço, eu pressionei meu decote perto de sua boca e fui recompensada com o roçar da língua dele ao longo das pregas do espartilho. – Mas tem outra coisa que eu quero que você faça para mim.

– Qualquer coisa – murmurou ele,

– Eu quero que você me leve para sair.

Mais um beijo, mais uma mordidela, mais uma pincelada.

– Ahamm.

– Ahamm? Isso significa que você vai fazer o que pedi? Vai me levar para sair?

– Com certeza vou levá-la a algum lugar – disse Simon, enquanto começava a desamarrar o espartilho, sem nem olhar para o meu rosto, de modo que ele não notou minha expressão triunfante.

– Excelente. Então está tudo resolvido. Você pode fuçar os mesmos baús e encontrar algo para vestir. O baile começa às 19h, então vá se arrumar.

Saltei do colo dele, sabendo que seu estado de espírito brincalhão ia evaporar uma vez que ele absorvesse minhas palavras.

Eu tinha razão.

– O que diabos você acabou de fazer comigo?

Mordiscando meu lábio, confessei:

– Acho que acabei de seduzi-lo para conseguir o que quero.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse em transe.

– Você quer dizer... você me enganou? Só para que eu pudesse levá-la a algum baile à fantasia estúpido com um bando de desconhecidos que pensam que eu sou um psicopata?

– Ah, não seja tão melodramático. Eu não menti para você nem o obriguei. Você concordou espontaneamente.

– Espontaneamente. Eu não acho que o livre-arbítrio na metade norte do meu corpo tenha alguma coisa a ver com isso.

– Bem, a parte sul tem tomado muitas decisões ultimamente, então vamos logo, está bem? – falei. – Além disso, Simon, que noite melhor para ficar entre as pessoas que pensam que você é um psicopata do que no Dia das Bruxas?

– O Dia das Bruxas é só na terça-feira.

– Eu vou embora na terça-feira.

Nós dois ficamos em silêncio, olhando um para o outro. Minha risada desapareceu, assim como o sorriso que eu tinha jurado ter visto nascendo

nos lábios dele. Eu não queria pensar no meu dia de ir embora. Nem tampouco desejava que *ele* quisesse pensar no assunto.

Aquele momento se arrastou, ambos sem saber o que dizer. Então, finalmente, com um suspiro pesado, Simon falou:

– Tudo bem. Vamos a esse baile estúpido.

Quando fiz uma dancinha feliz, ele se levantou e olhou para mim. Severamente.

– Mas eu imponho as condições.

Condições? Aquilo soava assustador. Mas eu estava contente demais para questionar.

Gostando ou não, Simon ia retornar ao mundo e voltar à vida. E seria o sujeito encantador que eu sabia que ele era capaz de ser, acabando assim com os rumores ridículos que o rondavam. Então retornaríamos para casa e não sairíamos da cama até terça-feira, quando chegasse a hora de eu ir embora.

De repente, com esse pensamento, meu triunfo e felicidade sobre aquela noite desapareceram. E eu fiquei ali, sentindo-me totalmente, completamente vazia.

– Creio que tenho trabalho a fazer – disse Simon, enquanto contornava a mesa rumo à porta. Antes de sair do cômodo, no entanto, ele olhou para mim, um brilho perigoso nos olhos escuros. – Lembre-se. Minhas condições.

Obrigando-me a afastar as preocupações sombrias a respeito do que estava por vir, assenti.

– Suas condições.

DUAS HORAS depois, percebi que eu devia ter ficado muito mais preocupada com as *condições* impostas por Simon.

– Ai, minha nossa – sussurrei, enquanto o via descendo as escadas.

Sinceramente, eu não tinha certeza do que estivera pensando. Só sabia que não estava nem um pouco preparada para isso. Durante todo o tempo que ele passou no sótão, fazendo o que quer que estivesse fazendo, fiquei morta de curiosidade. E, toda vez que cheguei ao pé das escadas e gritei para

saber se ele estava bem, ele ficou dizendo para eu deixá-lo em paz e insistiu que estaria pronto para sair às 19 horas.

– Bem – murmurei quando Simon chegou ao pé das escadas –, eu definitivamente diria que estamos respeitando as *suas* condições.

Quando eu o vi vestido com sua “fantasia” para o baile, tive de admitir o quanto suas condições eram escandalosas. Parte de mim queria gritar de medo. Outra parte, a dominante, queria uivar de tanto rir. Em vez disso, eu simplesmente fiquei parada ali, atordoada, perguntando-me como diabos os moradores de Trouble reagiriam.

Finalmente, porém, não consegui evitar aplaudir sua ingenuidade. Comecei a aplaudi-lo lentamente.

– Sr. Zangara, presumo? – falei, quando ele chegou ao saguão de entrada e caminhou em minha direção em seu fraque antiquado e calça preta. O colete listrado e a camisa branca por baixo gritavam aristocracia de 1930, o que, é claro, era a primeira dica sobre seu personagem.

– Onde diabos você conseguiu esse bigode? – perguntei.

– De uma peruca velha.

– E como é que está fixado aí? Que Deus o ajude se você precisar espirrar.

– Cola de maquiagem artística. Você viu a mala imensa de maquiagem teatral lá em cima?

Eu tinha visto, mas, como havia trazido minha maquiagem e já possuía cabelo o bastante, acabei não aproveitando nenhum dos itens.

Droga, mas o sujeito era criativo. Balançando a cabeça e rindo, notei o cabelo penteado para trás com brilhantina, o chapéu-coco, a bengala com ponta dourada. E também os sapatos pretos.

– Acha que alguém vai entender sua fantasia? – perguntei, sabendo que não adiantava tentar convencê-lo a desistir daquilo. Simon dissera que aceitaria ir a Trouble se pudesse impor suas condições, e maldito fosse se ele não estivesse conseguindo isso.

– Particularmente, não me importo – disse ele com um sorriso inalterado, até mesmo ligeiramente perigoso. – Pronta?

Tomando seu braço e assentindo, eu o deixei me guiar para fora. Quando abriu a porta do carro e me ajudou a entrar, ele murmurou:

– Lottie, querida, se algum homem se aproximar desse seu decote, vou quebrar os dentes dele.

Agarrando seu lenço de pescoço antigo e puxando-o para baixo, eu lhe dei um beijo rápido.

– Simon, querido, se alguma mulher colocar a mão na sua... bengala... eu vou arrancar os olhos dela.

Ele me deu um beijo rápido e quente na boca e então fechou a porta, deixando-me pensativa. Será que aquele homem risonho e divertido que estava fazendo troça com o ciúme e usando um traje ridículo realmente era o mesmo desconhecido raivoso que eu tinha conhecido há uma semana? Difícil de acreditar, agora que eu via apenas lampejos da figura sombria que tinha tentado me expulsar no meio de uma tempestade.

Simon era encantador, protetor, engraçado. Mesmo quando nos aproximamos da cidade e notei o jeito como ele enrijeceu em seu assento, ele ainda continuou a sorrir, me perturbando a respeito da minha fantasia e me oferecendo seu casaco.

– Estou muito bem em meu casaco, obrigada – falei de modo afetado.

– Ótimo. Por que você não fica vestida com ele o tempo todo?

– Acho que não – respondi, em parte para flertar com ele e em parte porque eu pretendia manter a atenção dele em mim a noite inteira, e não em quaisquer outras mulheres atraentes que pudessem estar na festa. Uma vez que elas percebessem que ele não era um assassino perigoso, eu tinha a sensação de que Simon ia ser muito popular.

Quando chegamos ao salão decorado, ouvi a música alta e risadas vindo lá de dentro. Simon foi ficando mais calado conforme nos aproximávamos.

– Vai ficar tudo bem.

Ele deu de ombros, como se não se importasse. Mas eu sabia que se importava.

Caminhando para a entrada, agarrei a mão dele e entrelacei nossos dedos.

– Você está muito gato para um serial killer.

Ele riu baixinho.

– E eu pagaria uma bela grana para ter uma chance de ficar com você.

Meneando minhas sobrancelhas e lambendo meus lábios de um jeito provocante, dei uma jogadinha de cabelo com meus cachinhos.

– Bem, querido, para um homem com sua aparência, eu posso ficar bem tentada a fazer o serviço de graça.

Nós ainda estávamos rindo quando adentramos o lugar. Isso era bom. Porque facilitava um pouco mais para lidar com o fato de que todos à nossa vista pararam de falar no momento em que nos viram.

Simon, pousou um braço possessivo no meu ombro, como se preocupado com o fato de que eu pudesse me magoar ao ser esnobada por alguns caipiras usando chapéu de bruxa e asas de anjo.

Eu estava prestes a fazer algum anúncio grandioso do tipo “aqui estamos, seus tacanhos supersticiosos”, mas de repente um homem apareceu, caminhando em nossa direção no meio da multidão, a qual foi se abrindo para ele a cada passo. Alguns o observavam com admiração, outros, com desdém. Alguns até com medo.

Ele era alto e muito magro. Apesar de ter um rosto com aparência jovial e olhos azuis cintilantes, seu cabelo na altura dos ombros era branco como neve. Usava um traje antiquado de caçador, igual ao que eu tinha visto em filmes antigos de safári africano.

– Mortimer – disse Simon com gentileza.

Ao olhar para Simon, notei um sorriso e percebi que aquele sujeito era amigo, não inimigo. Quando o senhor chegou ao nosso lado e bateu nos ombros de Simon numa saudação entusiasmada, eu tive certeza. E o adorei imediatamente por isso.

– Simon! Que maravilha que você veio. Eu não poderia estar mais feliz por ver você, meu garoto.

– É bom ver você também, sr. Potts.

– Mortimer, por favor – insistiu o homem. – Seu traje está perfeito. Queria que meu mordomo tivesse tido tempo de encontrar um para mim. Infelizmente, estivemos ocupados com as reformas e fui obrigado a vir sem fantasia.

– Ele não está fantasiado? – cochichei.

Sentindo Simon apertar mais minha mão, calei a boca. Em seguida, o velho se virou para mim e, juro por Deus, me lançou um olhar que dizia que, muito embora ele tivesse cabelo branco na cabeça, lá embaixo ainda estava tudo funcionando.

– Ah, seu diabinho – disse ele, obviamente falando com meu acompanhante, embora não tivesse desviado o olhar do meu rosto nem por um segundo. – Minha querida, você iluminou este ambiente com sua presença.

Simon rapidamente nos apresentou e ficamos conversando por alguns minutos. Ao redor, notei as conversas se iniciando outra vez. E então, surpreendentemente, as pessoas começaram a se aproximar. Algumas delas, obviamente, já conheciam Simon e lhe saudaram com cautela, e ele conseguiu manter sua expressão agradável e de fato bater um papinho despretenso.

Logo, mais convidados foram se aproximando, alguns apresentando-se, outros se fiando em Mortimer para fazer as apresentações. Mas o gelo definitivamente tinha sido quebrado.

Não acho que ninguém tenha se dado conta do significado da fantasia de Simon. Felizmente, o velhote do escritório de registros, que havia reconhecido o nome Zangara imediatamente, não estava por perto.

Simon relaxou, rindo livremente, sendo o homem encantador e simpático que eu tinha vindo a conhecer. E, até o final da noite, todos os presentes já estariam cientes disso também.

As mulheres, ao que parecia, também já estavam descobrindo isso. Muito para meu desgosto, minha previsão sobre o quão popular ele se tornaria entre elas se revelou correta. Apesar das roupas e do bigode bobo, Simon não conseguiu passar a noite sem trombar em alguma jovem tola de sorriso afetado usando fantasia de anjo ou de deusa grega.

Bem, ótimo. Ele é popular. Ele está se divertindo.

Mas, quando vi uma mulher fantasiada de diabinha se aproximando um pouco além da conta com seu vestido vermelho decotado, não consegui evitar desejar, ainda que só um pouquinho, que aquele homem pudesse ser só meu.

## Capítulo 12

*Simon*

SE NÃO lhe soasse tão ridículo, porque ele, sinceramente, não conseguia nem mesmo *enxergar* outra mulher quando Lottie estava presente, Simon teria achado que ela estava com ciúme. Enquanto deixavam o salão do corpo de bombeiros, tendo ficado até o final da festa para que Lottie pudesse requebrar aquele belo bumbum por mais uma última música, Deus, tenha  *piedade*, a mulher sabia rebolar!, Simon percebeu como ela franzia a testa para algumas mulheres que vinham se despedir.

Durante o trajeto de volta à Casa Seaton, Lottie permaneceu calada, olhando a noite escura pela janela, parecendo arrebatada pelas luzes que passavam, uma a uma, conforme Trouble exibia suas calçadas na noite.

Esticando o braço, Simon pegou a mão dela.

– Está tudo bem?

Ela não disse nada por um segundo, então se virou em seu assento.

– Não. Estou me sentindo um lixo.

Surpreso, ele simplesmente aguardou.

– Eu estava com ciúme esta noite.

Ele sabia que não era prudente sorrir.

– Com ciúme de todas as mulheres que flertaram com você ou que o convidaram para dançar. Juro por Deus que, se aquela sujeitinha vestindo

fantasia de Afrodite tivesse pedido mais uma vez para você ajudá-la a amarrar a tira do vestido que ficava soltando *acidentalmente*, eu ia *realmente* falar grego para a vadia.

Incapaz de evitar, Simon começou a rir baixinho. Ele gostava de ver Lottie nervosinha, e seria uma besta se não gostasse do fato de ela estar demonstrando ciúmes. Porque isso significava que ela sentia algo por ele. Algo além de atração física.

A voz da razão rapidamente entrou em cena. É *senso de proteção*. Ela estava preocupada com ele, só isso. Além do sexo, a única coisa que havia entre eles era a vontade dela de cuidar de alguém e um velho caso de assassinato.

– Eu nem mesmo estava ciente de que havia outras mulheres na festa esta noite – confessou ele, sem rir. – Você era, e é, a mulher mais linda que já vi.

Lottie pareceu um pouco mais tranquila. Quando eles chegaram ao desvio da estrada particular na montanha que levava à Casa Seaton, ela desafivelou o cinto de segurança e se voltou para Simon. Chegando mais perto, pôs a mão no peito dele e apoiou a cabeça em seu ombro.

– Você realmente acha que sou linda? Porque, sinceramente, nesta roupa, eu percebi que tenho o traseiro das mulheres Santori. Tenho sorte porque nenhuma costura do traje arrebentou.

O humor dele imediatamente ficou mais leve, do mesmo jeito que sempre ficava quando algo escandaloso e inesperado saía dos lábios de Lottie. Ele começou a sorrir. Deslizando um braço nas costas dela, ele o esticou e deu um apertozinho em seu bumbum.

– Este bumbum é maravilhoso. Tudo em você é maravilhoso.

Ela se contorceu na mão dele, a respiração ficando audivelmente ofegante. Simon não tirou a mão do lugar, principalmente quando Lottie impulsionou de encontro a ela. Com um calafrio de excitação, ela chegou mais perto ainda, se colocando de joelhos e entreabrindo as pernas.

– Você tem ideia do quanto eu amo tocá-la? – perguntou ele.

– Você tem ideia do quanto eu amo quando você me toca?

Remexendo-se no banco enquanto seu corpo reagia às arfadas de Lottie em seu pescoço e ao calor que umedecia as roupas dela, Simon não

conseguiu resistir à vontade de tocá-la mais.

Ajeitando-se ainda mais, Lottie foi descendo a mão, acariciando o peito e a barriga de Simon, e então pousando a mão no colo dele.

– Ai, Deus – sussurrou ela, trilhando o contorno do membro duro feito pedra por cima da calça. – Eu preciso sentir isto.

– Já estamos chegando em casa – disse ele, obrigando as palavras a saírem de sua garganta subitamente contraída. Não havia nada que ele desejasse mais do que o toque de Lottie, mas temia sair da estrada e cair montanha abaixo se ela o tocasse naquele instante.

Mas Lottie obviamente não ia querer ouvir isso. Tocando a faixa da cintura da roupa de Simon, ela começou a desabotoar a calça antiga lentamente.

– Hum, acesso fácil. Não preciso me preocupar com a possibilidade de prender nada no zíper.

– Lottie... – disse ele, balançando a cabeça, não muito certo se teria forças para resistir caso ela insistisse.

E ela insistiu. Arrancando a barra da camisa do cós da calça devagar, ela enfiou a mão na abertura da calça dele e envolveu seu membro.

– Eu realmente gosto do que você sabe fazer com esta coisa.

Engasgando numa risada desesperada, Simon disse:

– Eu *realmente* gosto também, querida, mas eu não quero correr o risco de sair da estrada em plena montanha e ser encontrado com meu pênis fora da calça.

Rindo baixinho, ela continuou a tocá-lo, subindo e descendo, apertando-o e acariciando-o até obter uma ereção completa e latejante. Logo Simon estava quase tremendo, e quase pisando fundo para que eles pudessem chegar logo em casa e fazer um sexo seguro e selvagem, ainda que no carro, se necessário fosse.

Quando Lottie baixou a cabeça e substituiu a mão pela boca, ele xingou baixinho e apertou o volante.

– Mantenha os olhos na estrada, *querido* – sussurrou ela, os lábios roçando na ponta do membro. A língua pincelava, umedecendo-o, e então ela o enfiou inteiro na boca.

Simon recostou-se o máximo possível no banco, mantendo os olhos na estrada, muito embora sua mente estivesse em outro lugar. A boca úmida e tépida de Lottie era como o paraíso, e durante alguns momentos ele simplesmente se rendeu às sensações.

Embora soubesse que deveria manter as duas mãos no volante, Simon não resistiu a pousar uma delas na cabeça de Lottie, enredando os dedos no cabelo denso. Ela subia e descia, sorvendo o máximo possível dele, e então o libertando e dando-lhe beijos leves na ponta da ereção, só para então mergulhar outra vez.

Simon pensou que fosse enlouquecer de expectativa, e com o prazer físico absoluto da coisa.

Vendo a placa que indicava a entrada do estacionamento, ele rezou silenciosamente agradecendo. Tanto por eles terem chegado ao alto da montanha são e salvos quanto pelo fato de que, dali a um minuto mais ou menos, ele iria mergulhar dentro do corpo úmido e estreito de Lottie.

Mas, assim que encostou na entrada particular que levava à garagem nos fundos da casa, algo lhe capturou a atenção. Ele poderia ter jurado que nada seria capaz de distraí-lo das sensações que Lottie estava lhe proporcionando. No entanto, a cena diante de seus olhos foi tão surpreendente que ele se aprumou no banco e pisou nos freios. Com força.

Lottie devia ter achado que ele havia parado por outro motivo, porque ela começou a sugar com mais força, mais depressa. Tomando os testículos na mão, ela os apertou com cuidado, como se desejando que Simon ejaculasse em sua boca.

Ele poderia tê-lo feito. Se não tivesse tanta certeza de que finalmente tinha enlouquecido. E não apenas de prazer.

Porque, a poucos metros de distância, perto do ponto onde a charrete havia desabado no penhasco, havia uma mulher. Seu cabelo era louro e caía nos ombros. Havia também uma luz estranha brilhando atrás do pedregulho onde ele e Lottie haviam se refugiado dias atrás, durante o incidente com a charrete.

A luz cintilava nas formas da mulher e, muito embora ela estivesse longe, ele conseguia distinguir a saia vermelha que ela usava. E a blusa branca. Só

que não era totalmente branca. Sob a misteriosa luz brilhante, Simon conseguia notar algumas manchas vermelhas na peça. Como tinta esparramada num pano.

– Ou sangue – sussurrou ele. Sangue espalhado numa blusa branca. – Não. Não pode ser.

Lottie, ainda abaixada diante do painel do carro, murmurou alguma coisa como:

– Não me detenha.

Olhando para baixo, Simon percebeu que ainda estava excitado, que Lottie ainda o estava chupando, mas ele se sentia quase alheio à situação. Estava em transe, chocado pelo que tinha visto.

Uma loura usando uma blusa suja de sangue e uma saia vermelha.

*Não pode ser.*

O impacto finalmente o atingiu e ele sentiu-se como alguém acordando de um transe. Seu corpo alcançou o que seus olhos tinham captado. Muito embora Lottie tivesse lhe dado um prazer incrível, seu corpo não estava mais no controle. Sua mente estava.

Ela obviamente percebeu. Então olhou para cima, a confusão estampada em seu rosto.

– Simon? Algum problema?

Segurando o rosto dela, ele a incitou a se erguer.

– Está tudo bem – murmurou ele, sabendo que não estava. Simon não estava bem. Rindo quase desesperadamente, ele disse: – Eu preciso que você veja uma coisa e me diga se estou ficando maluco ou não.

Lottie não deu nenhuma resposta engraçadinha sobre já estar dando uma boa olhada numa *coisa* ali embaixo. Em vez disso, sentando-se de pronto, ela o encarou nos olhos e perguntou com delicadeza:

– Qual é o problema? O que foi?

– Eu vi algo – sussurrou ele, olhando para frente outra vez, além do para-brisa, embora soubesse o que ia ver ali agora.

Absolutamente nada.

– O que você viu? Tinha alguma coisa ali?

Balançando a cabeça lentamente, enquanto o latejar pesado de uma dor de cabeça começava a crescer em suas têmporas, ele murmurou:

– Eu não sei. Sinceramente, não sei.

UMA HORA depois, sentado no escritório depois de tomar duas aspirinas com um café, Simon observava o fogo crepitando na lareira.

Lá no carro, depois de confessar que não tinha visto nada de incomum à beira dos penhascos, Lottie ficara muito calada, sem querer pressionar por respostas. Uma vez que Simon fechara sua calça outra vez, eles entraram bem abraçadinhos. Agora, um pouco afastada, ela parecia estar lhe dando tempo para se recompor.

Recompor-se. Controlar-se. Descobrir qual era o problema dele.

Porque havia algum problema. Ele não podia fingir mais. Durante todo o tempo em que Lottie estivera ali, Simon fora capaz de ignorar suas apreensões, a tensão ou os arrepios eventuais em sua nuca. Não houvera grandes crises de dor de cabeça, imagens estranhas em seu laptop, nenhum cheiro esquisito. Mas, no fundo de sua mente, ele havia notado algumas coisas. Correntes de ar em quartos vazios. Sons pelos corredores. Além das coisas estranhas que haviam acontecido a Lottie.

Ele ficou adiando lidar com os acontecimentos durante os três últimos meses. Mas, naquela noite, depois de ver aquela imagem perto dos penhascos, Simon soube que precisava descobrir o que estava acontecendo com ele.

– Tem certeza de que não quer um chocolate quente? – perguntou Lottie assim que entrou no escritório, as mãos envolvendo uma caneca fumegante.

– O café vai lhe dar insônia.

– Acho que eu não ia conseguir dormir de qualquer forma.

Ela sentou-se ao lado dele, sorvendo calada sua bebida quente com cautela.

– Você já questionou as coisas que vê, já se perguntou se elas estavam mesmo ali ou se seus olhos estavam lhe pregando alguma peça?

Lottie deu de ombros.

– Às vezes. Uma nota de 20 na mesa quando estou esperando uma nota de cinco como gorjeta. Esse tipo de coisa.

– Refiro-me a algo um pouco mais... dramático. – *Como fantasmas.*

Ela não respondeu, inclinando-se em vez disso para poder colocar a caneca sobre a mesinha.

– O que você viu, Simon? – perguntou ela.

Ele hesitou por um instante. Aquele era o ponto sem volta; se fosse qualquer pessoa que não Lottie sentada ali do lado, ele não teria sido capaz de continuar.

Mas era Lottie. E Simon confiava nela de um jeito que nunca havia confiado em ninguém.

– Eu vi. Era *ela*. Parada perto dos penhascos.

Virando-se para encará-lo, ela perguntou:

– Quem?

– A mulher de Charleston.

O arfar chocado de Lottie informou a Simon que ela não esperava ouvir exatamente *aquilo*.

– Olha, eu sei que ela está morta. Eu não acredito em fantasmas. Mas eu juro, Lottie, durante alguns segundos, ela estava *lá*.

– Talvez tenha sido o vento, as árvores?

– Não era uma sombra ou um reflexo esquisito.

– Estava bem escuro lá fora. Como você poderia ter certeza de que era ela?

– Tinha uma luz estranha brilhando nela.

Lottie mordeu o lábio antes de falar:

– Você estava um pouco... distraído.

Forçando um sorriso, ele assentiu lentamente.

– Sim, obrigado por isso. Eu com certeza pretendo voltar ao que estávamos fazendo, mais cedo ou mais tarde.

– Eu voto pelo mais cedo. – Então o sorriso de Lottie se foi e ela ficou séria outra vez. – Mas é possível, não é, que você simplesmente estivesse tomado pelo momento e que seus olhos estivessem lhe pregando uma peça?

Porque você não estava exatamente concentrado naquilo em que estava olhando.

Claro. Era possível. Mas, se fosse considerar todas as outras coisas estranhas que tinham acontecido na propriedade, no entanto, Simon de algum modo duvidava disso.

Porém, Lottie não tinha ciência de nada daquilo, então ele começou a contar tudo a ela, lentamente. Começando pelo primeiro incidente, uns dez dias depois de ele ter se mudado para a Casa Seaton, quando todas as janelas de todos os quartos no terceiro andar foram abertas.

– Isso é esquisitíssimo – murmurou ela.

– Foi só o começo.

Entrando em mais detalhes, Simon contou sobre as camas vazias que mostravam formas de corpos humanos, sobre os barulhos, sobre as portas trancadas que de repente apareciam destrancadas e vice-versa. E ela não parecia estar duvidando dele.

Quando ele mencionou os cheiros, ela falou imediatamente:

– Eu me lembro. Quando entrei no seu escritório naquele dia, você ficou muito chocado porque eu também senti.

– Sim, fiquei. Antes disso eu achava que era alguma advertência química maluca do meu cérebro a respeito de uma enxaqueca iminente.

– Então acontecia com frequência?

– Sim. Sempre precedendo uma crise daquelas.

– Hum...

No entanto, ele não estava nem perto de terminar. Era hora de confessar o restante, por mais louco que fosse parecer.

– Esta noite, nos penhascos, não foi a primeira vez que eu a vi.

– *O quê?*

– Naquele dia, quando você entrou aqui e sentiu aquele cheiro, eu tive a impressão de ter visto uma mulher loura andando perto da janela, na varanda. E na noite em que você chegou, em meio à tempestade... eu estava aqui dentro tentando lutar contra uma crise de enxaqueca.

Ele engoliu em seco, lembrando-se daquele momento, quando tinha absoluta certeza de que estava ficando louco.

– Abri meus olhos e vi as fotos do corpo, da cena do crime, na tela do meu laptop. Daí fechei os olhos... e minutos depois elas tinham ido embora.

– Revivendo aqueles instantes nitidamente, ele olhou para seu computador em cima da mesa. – Primeiro eu achei que tivesse sonhado com a coisa toda. Mas, quando vi a impressão da minha própria mão na tela, eu soube que tinha estado acordado.

Lottie estava boquiaberta, os olhos arregalados de choque. Ainda estava calada, o queixo contraído. Ela olhava além do ombro dele, ao longe, a boca se mexendo um pouco, como se estivesse sussurrando alguma coisa.

– O que foi?

– O sótão... quando eu fiquei trancada no sótão...

– Eu sei. Foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

– E a charrete? – Soa como uma loucura, não é? *Parece* loucura até mesmo imaginar essa coisa toda.

Lottie se recostou, tombando a cabeça no encosto e olhando para o teto.

– Por acaso você andou arrumando a minha cama enquanto eu estava aqui? Ou borrifando perfume no meu quarto?

Prontamente curioso, Simon balançou a cabeça.

– Absolutamente não. Eu nem mesmo me dou ao trabalho de arrumar a minha cama normalmente. – Então, lembrando-se do que havia acontecido quando subira para pegar as coisas dela, ele acrescentou: – Quanto ao perfume, eu também senti e pensei que você tivesse resolvido tomar um banho com algum produto que tivesse aquela fragrância.

Ela assentiu, ainda olhando para cima, sem se voltar para ele.

– Tirando o fato de que era muito forte, você gostou do cheiro?

Ele não queria ofendê-la, mas precisava ser sincero.

– Particularmente, não.

– Nem eu.

– Não era seu?

– Não. – Ela ainda estava silenciosamente contemplativa, aparentemente um milhão de pensamentos girando naquela linda cabecinha. – Simon, você se lembra de como era o cheiro?

Assentindo distraidamente, ele ficou encarando o teto. Nenhuma resposta brilhante lhe veio à mente. Mas, quando ele fechou os olhos e se concentrou no perfume, lembrou-se de que era um tanto familiar.

E de repente ele se lembrou do por quê.

– Jesus. Isso soa louco, mas acho... que poderia ser o perfume *dela*.

– Da mulher de Charleston – disse Lottie, soando totalmente casual, como se já esperasse por aquela resposta.

– Isso.

– Pensei a mesma coisa.

Aquilo o surpreendeu.

O lado racional da mente de Simon sabia que nada daquilo poderia ser sobrenatural. Em outra época, teria rido diante de tal pensamento.

Porém, tinha sido apresentado a uma nova realidade, quando vira que o mal existia mesmo. E passara a entender que alguém era capaz de atacar e assassinar outro ser humano sem qualquer motivo.

O episódio o fizera questionar tudo o que ele um dia já tinha pensado sobre a vida e a humanidade. E, se aquilo não modificava uma pessoa, então Simon não sabia o que seria capaz de fazê-lo.

Por isso esse novo Simon era um pouco aberto demais a aceitar possibilidades ruins. Como, por exemplo, a ideia de que ele estava enlouquecendo.

*Não. Lottie presenciou um pouco disso tudo. Eu não estou louco.*

Finalmente, depois de mais alguns minutos de contemplação silenciosa, Lottie suspirou profundamente e levantou a cabeça. Ela se arrastou para mais perto dele no sofá, segurando seu rosto e acariciando a cicatriz dele com a ponta do dedo, do jeito como sempre fazia.

– Vai ficar tudo bem.

Ele não conseguiu conter uma risada amarga.

– Você acha? Como? Alguém vai vir, me vestir numa camisa de força, me enfiar num quarto e me dar remédios para fazer eu me sentir melhor?

Ela balançou a cabeça, se inclinando para lhe dar um beijo delicado na boca.

– Não, amor. Olhe, eu acho que sei o que está acontecendo. Nós só precisamos descobrir o que fazer a respeito.

*Ligar para o manicômio.* Simon enrijeceu perante a expectativa de ouvir aquelas palavras. Quando elas não vieram, ele perguntou rispidamente:

– O que exatamente você acha que está acontecendo?

Lottie segurou as mãos dele, encarando-o, a expressão totalmente séria. Finalmente, ela falou algo que Simon jamais esperava ouvir:

– Simon, querido, alguém está querendo assustá-lo.

## Capítulo 13

*Lottie*

**E**U JÁ disse que não sou uma pessoa violenta. Claro, tenho meus rompantes por causa do meu temperamento italiano, principalmente quando a situação envolve meus irmãos. Ou quando alguém me dá uma cortada no trânsito ou fala alto ao celular num local público. Mas eu certamente nunca quis causar nenhum dano físico sério em ninguém.

Mas tudo é possível, certo? Porque, ai, cara, quando eu descobri o que vinha acontecendo com Simon, estava pronta para quebrar a cara de alguém. Partir no meio usando somente minhas mãozinhas.

Ele não acreditou no começo. O sujeito vinha carregando tanta culpa e pesar que quase parecia mais fácil para ele aceitar que estava recebendo algum tipo de castigo psicológico por seu dito crime a achar que tinha alguém fazendo jogos mentais cruéis e impiedosos com ele.

Certamente dava para notar seu ceticismo. Soava muito bizarro, eu sei. Ainda assim, era a única coisa que fazia sentido ao analisar a situação. E, gradativamente, ao revisar cada episódio esquisito que *ambos* vivenciamos, consegui convencê-lo.

– Acho que nunca estive tão furioso em toda minha vida – rosnou ele, andando sem parar, praticamente fazendo um buraco no tapete. – Não

acredito nisso. Alguém aqui, entrando e saindo deste lugar, *espionando* todos os meus movimentos?

Ai, Deus, eu tinha esperanças de que nem todos os movimentos. A ideia de que alguém poderia ter nos visto durante um momento íntimo me dava arrepios. Simon, obviamente, tinha a mesma preocupação, porque ele deu meia-volta e então se agachou diante de mim.

– As portas estavam fechadas.

– O desgraçado está entrando de algum jeito. Quem sabe que tipo de equipamento ele instalou aqui?

Passando a mão pelo cabelo com frustração, ele se levantou e voltou a caminhar.

– Você acredita mesmo que é isso que está acontecendo? – perguntou ele, e era a primeira vez que ele fazia aquela pergunta.

– Faz sentido – respondi. – As janelas abertas, as camas, as coisas se mexendo, barulhos... o quão fácil é fazer isso? Tipo, você passou a maior parte dos dias trancado aqui no escritório, e não ouviria nem se uma manada de burros invadissem o terceiro andar. Antes de eu chegar, aposto que havia dias em que você nem saía do quarto.

Ele assentiu sutilmente, reconhecendo a verdade naquela afirmação.

– Alguém pode ter arrombado uma dessas trancas velhas horrorosas... Diabo, alguém que já trabalhou no hotel pode ter uma chave! E então foi só entrar e dar início à travessura, fazer um pouco de barulho para você vir investigar e então se deparar com alguma situação estranha e inexplicável. *Voilà*, você obviamente está maluco.

Ele se jogou na poltrona ao lado da lareira, as longas pernas esticadas. Seus dedos apertavam os braços do móvel furiosamente.

– A mulher?

– O sujeito tem uma cúmplice. Alguém pesquisou um pouco a seu respeito, arranjou algumas fotos... coisa muito fácil de fazer na internet. E então recriou alguns momentos para fazer você surtar... – Revirando os olhos, acrescentei: – Se não estivesse tão tarde, eu sugeriria sair e dar uma olhada nos arredores do penhasco. Aposto que encontraríamos pegadas *de verdade*.

– O restante... os cheiros? As imagens no laptop?

– Não sou nenhuma especialista – falei –, mas eu sei que minha tia-avó Cecelia sofreu de enxaqueca a vida inteira. Normalmente as crises eram desencadeadas por cheiros adocicados, enjoativos. Odores lançados pelas tubulações podem muito bem servir para causar enxaqueca.

Ele soltou palavrões que impressionariam até mesmo meus irmãos desbocados.

– Como eles poderiam saber que sofro de enxaqueca? – perguntou ele finalmente.

– Se andaram rondando sua casa, podem ter visto você tendo uma crise. Aquelas cortinas nunca ficam fechadas. O quão fácil seria para alguém espiar aqui dentro e ver você deitado com um pano na cabeça?

Um músculo do rosto de Simon continuava contraído.

– Sim. É possível.

– Quanto às imagens no computador, minha nossa, Simon, assim que cheguei aqui eu disse que era fácil demais invadir sua rede. Não tem nenhum *firewall*.

– Não dá para simplesmente fazer uma imagem aparecer no computador de outra pessoa – protestou ele, balançando a cabeça imediatamente. – E de jeito nenhum alguém entrou aqui e abriu um arquivo enquanto eu estava deitado bem ao lado da porcaria do laptop.

Pensei no assunto por um minuto, tentando me lembrar de alguns dos detalhes das aulas de informática que tive na faculdade.

– Olhe, às vezes, na aula, quando estava trabalhando em algum programa ou apresentação e acabava fazendo bobagem, meu professor conseguia acessar meu sistema remotamente do computador dele. Eu ficava sentada na minha cadeira vendo o cursor se movimentar, e ele consertava o que quer que eu tivesse feito de errado.

Simon não pareceu convencido.

– Não estou totalmente certa de *como* é feito, mas pode ser feito. Eu já vi. E alguém com um pouco mais de conhecimento em informática provavelmente não teria muitos problemas para fazer, principalmente se

houve uma oportunidade de colocar as mãos no seu laptop um dia, quando você estava no banho ou coisa assim.

Simon parou de discutir, obviamente enxergando a plausibilidade do cenário que eu havia descrito. *Era* plausível. Ultrajante, cruel e vingativo... mas plausível.

– Faz sentido – falei baixinho, completamente certa da minha razão. – Temos três opções. Ou você está louco, ou tem um fantasma nesta casa, ou algum doente está tendo prazer em perturbar você. Eu voto pela terceira opção.

Ele olhou para cima, então assentiu lentamente.

– Sim. Odeio pensar que havia algum nojento entrando e saindo da minha casa, espionando minha vida particular durante três meses, mas certamente isso é o que faz mais sentido. – Contraindo os lábios e semicerrando os olhos, ele acrescentou: – Alguém está abusando psicologicamente de mim. Mas quem? E *por quê?*

A raiva dele havia abrandado, e provavelmente tinha sido substituída pelo constrangimento... até mesmo pela dor. E fazia perfeito sentido. Quem gostaria de pensar que alguém poderia ser tão cheio de ódio? Eu mesma já estava me sentindo violada depois de ter passado pouco tempo ali, e não conseguia imaginar como ele devia estar se sentindo.

– Não sei quem, mas talvez eu saiba o porquê. Aparentemente alguém está tentando fazer você sair da casa... e agora a mim, a julgar pelo que ocorreu no sótão, e com a charrete. Existe alguém que acha que tem direitos sobre o lugar?

– Tio Roger não tinha outros parentes vivos.

– Tudo bem, e que tal compradores em potencial? Alguém andou procurando-o para que você vendesse a casa?

– No dia em que o testamento foi lido, o advogado do meu tio me disse que havia interessados que tinham se aproximado de tio Roger antes de ele morrer. Eu disse a ele para esquecer a ideia, do mesmo jeito que tio Roger tinha feito diversas vezes.

Aquilo me causou um calafrio na espinha, embora, no começo, eu não soubesse bem o porquê.

– Eles insistiram?

Ele assentiu.

– Sim. O advogado telefonou algumas vezes, perguntando se eu tinha mudado de ideia.

Eu quase disse um *rá* de triunfo. Estávamos chegando perto. Eu sabia.

– Então vamos falar com o advogado e descobrir o nome do comprador.

Simon pegou o telefone, gesto que me fez dar uma risada.

– Hum, querido, você percebe que são 3h, certo?

– Ah. Verdade.

De repente, sentindo a madrugada em todos os pedacinhos do meu corpo, me coloquei de pé e me espreguicei.

– Acho que já aguentei o suficiente por uma noite.

Simon assentiu e se pôs ao meu lado.

– Você acha que vai ficar bem dormindo aqui esta noite?

Eu sabia o que ele queria dizer, é claro. Era possível, embora improvável, considerando que já era tarde da noite, que alguém estivesse se esgueirando em algum lugar na Casa Seaton. Aquela ideia me deixou enojada.

– Bem, se houver alguém aqui, a pessoa já sabe que estamos em cima dela agora. – Levantei a voz. – É melhor que ela caia fora daqui antes a gente a encontre e a jogue na cadeia por algumas décadas.

Um exagero, eu tinha certeza. Mas valia a tentativa.

Simon riu baixinho, a tensão parecendo desaparecer de seus ombros pela primeira vez em horas.

– O quarto tem só uma porta, mais as trancas.

– E você tem uma penteadeira enorme que podemos usar para bloquear a porta, certo?

Rindo, ele pôs os braços nos meus ombros e me levou para o quarto. Uma vez lá dentro, com a porta trancada, olhei para a penteadeira e ergui uma sobrancelha.

– Você estava brincando, certo?

Balancei a cabeça.

– Você quer que eu destrua minhas costas e fique inutilizado para você?

– Eu posso ficar por cima.

Ele me agarrou pela cintura e me abraçou com força.

– Isso soa fantástico. Mas que tal se usarmos a poltrona em vez disso? – Dei uma olhadinha na poltrona e resmunguei: – Isso aí não vai ser capaz de bloquear ninguém.

– Ah, eu não estou preocupado em bloquear ninguém. Se alguém entrar aqui, pode apostar que estarei esperando por ele. A poltrona vai fazer barulho, garantindo que ninguém vá conseguir nos espreitar.

Eu não queria pensar em Simon tendo que se defender contra qualquer pessoa, nunca mais. Com sorte, no entanto, não seria necessário chegar a esse ponto. Quem quer que o estivesse atormentado, era um covarde maldito. E não teria coragem de enfrentar Simon de cabeça erguida.

Então, assentindo, eu disse:

– Tudo bem. Pode poupar suas costas. Vamos usar a poltrona. – E, assim que ele se apressou para posicioná-la, acrescentei: – Mas eu ainda quero ficar por cima.

DORMIMOS ATÉ tarde na manhã seguinte, o que não era nenhuma grande surpresa. Fazer amor e depois dormir nos braços um do outro parecia a melhor maneira de afastar nossas cabeças da feiura da nossa descoberta. Mas, a julgar pela expressão de Simon na manhã seguinte, quando finalmente nos aventuramos a sair do quarto, seus pensamentos tinham retornado à nossa conversa da noite anterior.

– Advogados trabalham aos domingos? – perguntou ele.

– Duvido muito – falei, enquanto terminava de virar algumas panquecas num prato cheio delas.

– Mesmo assim – disse ele –, vou ligar.

– Sim. Imaginei que você ligaria. Mas primeiro vamos comer, certo?

– Está me chamando de magrelo de novo?

– Ah, não, você está em perfeita forma. Mas, depois de todo o exercício da madrugada, acho que você precisa recuperar suas energias.

Parecendo mais tranquilo, ele serviu-se de uma pilha de panquecas e se pôs a devorá-las. Ah, eu adorava homens com apetite!

Servindo minha comida, pensei na minha conversa com meu irmão no outro dia. Eu não achava que o que estava acontecendo na Casa Seaton tivesse a ver com o incidente de Simon em Charleston. Mas queria descobrir o que havia acontecido, de qualquer forma. Tendo resolvido ligar para Mark, revisei mentalmente uma lista de pontos que eu queria cobrir.

Eu não me preocupei por estar incomodando meu irmão num domingo porque eu sabia, por alto, que ele e Noelle estariam na casa dos meus pais. Era o domingo anterior ao Dia das Bruxas, um bom pretexto para um encontro. Os homens estariam assistindo ao futebol americano e as mulheres estariam às voltas com os afazeres na cozinha. Mamãe iria supervisionar, preparar as massas caseiras, almôndegas e *brachiole*. Gloria estaria perseguindo meus sobrinhos, dois meninos que eram o orgulho e a alegria de Tony. Meg provavelmente estaria segurando as mãozinhas da bebê Maria e incentivando-a a dar os primeiros passinhos, com Joe observando por cima do ombro dela. Lucas ia aparecer com sua noiva, Rachel, que sem dúvida levaria um prato sulista delicioso e engordativo.

Minha família. Eu estava com saudade dela. De todo aquele grupo turrão e barulhento. E não conseguia evitar imaginar como seria chegar em casa com Simon enganchado em meu braço. Vê-lo apertar a mão de meu pai, provar a comida da minha mãe. Conversar sobre esportes com meus irmãos e atormentar minhas cunhadas com seus olhares sensuais sombrios e aquela cicatriz misteriosa.

Ele os conquistaria, é claro. Eles o adorariam. Assim como eu adoro. *Mesmo.*

Eu realmente precisava parar de pensar nisso. Principalmente porque eu iria para casa em breve e a ideia de que Simon de fato pudesse ir comigo para conhecer minha família parecia totalmente impossível. E, agora, a ideia de abandoná-lo me angustiava demais.

Então percebi que não havia absolutamente nada capaz de me compelir a sair dali sem me certificar de que quem quer que estivesse atormentado Simon fosse pego, e que ele ficaria bem e seria capaz de seguir a vida.

Então, não, talvez eu não fosse embora na terça-feira. Talvez eu precisasse me ausentar durante o restante do semestre. Talvez eu ficasse ali.

Se ele *quisesse* que eu ficasse.

Uma vez que terminamos o café da manhã, Simon disse:

– Olhe, enquanto telefono, por que você não pega seu carro e vai à cidade para fazer algumas compras ou algo assim?

Franzi a testa.

– Num domingo? As lojas dessa cidade não parecem abrir nem mesmo aos sábados.

– Então vá à missa.

– Vou ficar aqui.

Ele balançou a cabeça, pegando meu braço.

– Eu quero fazer uma busca nesta casa, de cima a baixo, e não quero você aqui no caso de eu esbarrar em nosso *fantasma*.

Ah, claro, certo, como se eu fosse deixá-lo sozinho para *isso*.

– A busca vai ser muito mais rápida se for feita por nós dois.

– Lottie...

– Simon! Eu não vou sair – falei, cutucando-o no peito com o dedo indicador. – Não há absolutamente nada que você possa dizer ou fazer que vá me fazer mudar de ideia, então pode ficar caladinho, dar seu telefonema e me encontrar no saguão em meia hora, para que *nós* possamos começar a fazer a busca.

Olhando fixamente um para o outro, ficamos empenhados numa batalha silenciosa de vontades. Mas ele, obviamente, tinha muito mais bom senso do que qualquer um dos meus irmãos, porque percebeu imediatamente que não ia conseguir me fazer mudar de ideia.

– Tudo bem. Meia hora.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei na boca.

– Combinado.

Assim que ele seguiu para o escritório, fui lá fora em busca de um sinal de telefone celular. Por alguma estranha reviravolta do destino, logo que vi um par de barrinhas na tela do telefone ele começou a tocar.

Espiando o número no identificador de chamadas, comecei a rir.

– Ei, como você sabe que eu estava pegando o telefone para ligar para você?

Mark provavelmente não me ouviu, pois retrucou imediatamente:

– Passei a manhã inteira tentando falar com você. Por que diabos seu celular não estava ligado?

– Estava. Só que o sinal daqui não é lá muito decente, a não ser que eu fique de cabeça para baixo com três chapas no nariz.

Rindo, ele disse:

– Olhe, a família toda está aqui.

– Imaginei.

– Então eu vou ser rápido antes que alguém perceba que estou com você na linha e arranque o telefone da minha mão.

Eu estava sentindo falta da minha família, mas não queria me envolver numa maratona telefônica dos Santori. Mark ia entender.

– Olhe – falei –, ligo depois para falar com o pessoal, pois preciso conversar com você. Eu tenho uma pergunta que talvez você seja capaz de responder.

Perguntei-lhe sobre a acessibilidade das fotos da cena do crime. E se alguém poderia ter colocado a mão na lista de provas que talvez pudesse conter o nome do perfume que estava na bolsa da mulher morta.

A resposta dele não me surpreendeu.

– Essa é uma pergunta difícil. Quero dizer, claro, as fotos podem ter vazado. Ou talvez algum maluco tenha tirado fotos da cena antes de os socorristas chegarem.

Difícil imaginar alguém sacando uma câmera e tirando fotos de uma mulher deitada em seu próprio sangue, principalmente se não houvesse a certeza de que ela estava morta. Então eu pensei na princesa Diana e percebi que era totalmente possível.

– Mas a lista de provas? Não sei, isso é um pouco mais complicado – confessou ele. – O que não quer dizer que alguém sentado no bar naquela noite não pudesse ter identificado o perfume da mulher no ato. E, claro, qualquer pessoa que a conhecia poderia saber o que ela usava. – Daí, analisando minhas perguntas, ele questionou: – Por que, Lottie? Por que você quer saber isso?

Pensei em contar-lhe tudo, mas eu sabia que ele simplesmente ia surtar. A centenas de quilômetros de distância, ele se sentiria impotente e me mandaria sair, abandonando Simon à mercê de quem quer que o estivesse perseguindo. E, se eu me recusasse, não duvido que ele entrasse correndo em casa, convocasse Joe, Lucas e Tony, e todos marchassem para o carro, prontos para um pequeno passeio. Até a Pensilvânia.

Isso definitivamente vetava qualquer ideia de lhe contar a verdade. Ter quatro dos meus cinco irmãos ali *provavelmente* nos ajudaria na busca pela casa, mas eles também seriam uns idiotas com Simon assim que percebessem que eu estava dormindo com ele. Sendo assim, eu não lhe contei nada.

– Foi só algo que surgiu – respondi. E, para impedi-lo de fazer mais perguntas, continuei: – Agora... por que você estava tentando me ligar?

– Hum, você não me pediu para dar uma investigada no caso para você?

Bem, dã. Fiquei tão ocupada com o que estava acontecendo com Simon, com a pessoa que estava usando a tragédia para atacá-lo, que quase me esqueci de que eu queria saber mais sobre os detalhes da tragédia em si.

– É claro. Desculpe. O que você descobriu?

Ele resumiu rapidamente as coisas que eu já sabia, mas daí me surpreendeu dizendo:

– O investigador-chefe me disse que surgiram novas informações sobre os suspeitos. Um membro da família apareceu para reivindicar as cinzas da mulher semanas após a cremação. Creio que se imaginava que o irmão dela era o único parente mais próximo, mas alguém se adiantou.

– Quem era?

– A pessoa sumiu antes que os investigadores pudessem conversar com ela. Mas a polícia conseguiu um nome e um endereço nos registros do necrotério.

Hum.

– Quem era o membro da família?

Ele farfalhou alguns papéis.

– Um tal Lou Harrington, da Filadélfia.

Hum de novo. Irmão Lou? Primo? Tio? Informação insuficiente.

– De qualquer forma, além disso, o suspeito preso ainda não está cooperando. A polícia da Filadélfia averiguou e não encontraram quaisquer antecedentes criminais dos agressores. – Mark pigarreou.

– O quê?

– Bem, o investigador com quem conversei tinha algumas coisas a dizer sobre a vítima.

Eu fiquei tensa imediatamente.

– Tinha?

– Sim. Principalmente que ele foi um pobre azarado por esbarrar naqueles dois, pois eles realmente acabaram com ele. A varanda ficou parecendo o palco de um massacre, mas todo o sangue era da pretensa vítima.

A umidade tomou meus olhos, mas pisquei para afastar as lágrimas.

– Ele também disse que o barman e a equipe do hotel já tinham notado a mulher rondando o local algumas noites antes, mas que ela nunca chegara a abordar ninguém. Mas, no minuto que o tal Lebeaux apareceu, ela se jogou em cima dele.

– Ela, eles, já estavam de olho *nele* – falei, sem nunca duvidar disso. – Não estavam atrás de algum hóspede abonado qualquer.

– Aparentemente, era isso mesmo.

Um grande hummm. Os pelinhos da minha nuca estavam eriçados, e minha pulsação latejava na têmpora. Eu conseguia senti-la.

– Lottie, acho só que eu devia mencionar... o pessoal do hotel também disse aos investigadores que Lebeaux não ficou, você sabe, caçando no bar durante sua estada. Ele não foi visto com nenhuma mulher até aquela noite, e definitivamente foi ela que o atacou.

Ao ouvir uma nota de aspereza na voz de Mark, de repente percebi por que ele tinha dito aquilo. Ele sabia. De algum modo ele sabia, sem eu precisar dizer, que eu estava envolvida com Simon. E, embora estivesse longe, quase parecia que ele estava oferecendo sua aprovação e seu apoio. Já mencionei que eu realmente amo meus irmãos?

– Obrigada, Mark. Dê um abraço em Noelle por mim.

– Darei. Muitos.

Rindo, prometi ligar mais tarde. E prometi tomar cuidado. Então desliguei e entrei em casa para encontrar Simon. Era hora de fazer uma busca na Casa Seaton e entender o que estava acontecendo ali.

## Capítulo 14

*Simon*

COM A chave-mestra em mãos, eles vasculharam a casa inteira. Todos os quartos. Todos os armários. Do sótão ao porão. A tarefa tomou a maior parte do dia, mas, no domingo à noite, Simon tinha certeza de que eles tinham esgotado todas as possibilidades dentro da casa.

Isso não queria dizer que alguém não estava fazendo exatamente o que Lottie especulava, só significava que a pessoa não tinha fixado residência na casa. Ainda havia algumas outras dependências mas estava escurecendo, então eles teriam de buscar nesses lugares só no dia seguinte.

E outras coisas teriam de esperar também, incluindo a conversa com o advogado de Roger, que, apesar dos melhores esforços de Simon, estivera inacessível durante todo o dia. Então, à noite, Simon estava um tanto irritado e frustrado.

– Olhe, nós já procuramos no lugar inteiro. Sabemos que estaremos em segurança esta noite – murmurou Lottie, enquanto eles estavam deitados na cama. – Vamos descobrir mais amanhã e vasculhar o terreno.

– Eu só gostaria que houvesse mais para fazer hoje à noite.

– Você poderia fazer algo comigo esta noite.

Ele a puxou para seu peito.

– Eu pretendia. – Sorrindo, ele acrescentou: – Mas, primeiro, estou morrendo de fome.

Algumas mulheres poderiam se ofender se colocadas em segundo plano, sendo preteridas em prol de uma refeição, mas não Lottie. Ela disparou de pronto:

– Excelente. Vou preparar algo fabuloso.

Rindo, Simon tentou puxá-la de volta.

– Eu não quis dizer neste minuto.

Não houve jeito de impedi-la, no entanto. Seguindo-a para a cozinha, Simon a viu mergulhar na geladeira, pegando ingredientes suficientes para alimentar um exército. Ou uma grande família italiana.

– Posso fazer alguma coisa para ajudar?

– Não.

Inquieto, ele começou a passear pela cozinha.

– Eu me sentiria melhor se eu pudesse fazer alguma coisa – murmurou.

Lottie parou, se virou e disse:

– Eu sei. Ouça, eu tive outra ideia. Algo mais que podíamos pesquisar sem precisar aguardar pelo advogado.

– Conte-me. Eu preciso de uma distração.

– Eu trouxe uma caixa de papéis do porão e a deixei no salão do antigo restaurante. Tem um monte de livros de hóspedes, fichas de registro e correspondências. É coisa recente, mais ou menos dos dois últimos anos.

Ele entendeu imediatamente.

– Se realmente havia alguém interessado no hotel, pode ser que a pessoa tenha abordado tio Roger diretamente.

Ela assentiu.

– Muito bem, você está pegando o jeito nessa coisa de investigação.

– Eu aprendo rápido.

– Ao contrário de mim, que só decidi o que eu queria ser quando já estava quase concluindo a faculdade. – Voltando ao trabalho, ela lavou alguns tomates na pia. – Você pode dar uma olhada nos livros para ver se alguém passou muito tempo aqui, principalmente na primavera passada, quando seu tio foi abordado para vender a casa. Pode ser que a pessoa tenha vindo

como hóspede algumas vezes antes de resolver tentar comprar a propriedade.

Ela era inteligente. E linda. E doce.

E ele estava se apaixonando por ela. Encarando-a do outro lado da cozinha, quando ela começou a cortar os legumes, Simon congelou, incapaz de se mexer quando a verdade o arrebatou.

Ele não estava desenvolvendo sentimentos por ela. Já estava apaixonado.

– O que você está esperando? – perguntou Lottie, olhando para trás para fitá-lo.

– Atenção, senhorita, cuidado com essa faca – disse ele, vendo-a fatiar um tomate maduro com uma lâmina afiada.

– Tudo bem, mas saia da minha cozinha e faça algo de útil.

Rindo, ele saiu do cômodo para seguir a instrução à risca.

Simon encontrou a caixa e, colocando-a na mesa mais próxima, fez uma nota mental de que ia dar uma bronca nela por ter carregado a caixa sozinha. Não estava nem um pouco leve.

Durante a hora seguinte, ele verificou cada pedaço de papel, organizando todos por data sempre que possível. Lottie não era a única a saber como fazer um pouco de pesquisa. Um dia desses, Simon teria que lembrar a ela qual era seu ganha-pão.

Um dia desses.

Tipo, no dia seguinte? Afinal, não era o único dia que lhe restava com ela? Ela ia embora na terça-feira, saindo da sua vida com a mesma rapidez com que tinha entrado.

*Peça a ela para não ir embora.*

Ele pensou no assunto, mas logo percebeu que não podia. Sim, ele era um desgraçado egoísta. E já havia provado isso de diversas formas desde que conhecera Lottie. Mas pedi-la para ficar significava pedir a ela para tomar conta de um homem ferrado. Aquele que estava tão desnorteado fisicamente que praticamente tinha convidado uma pessoa para aterrorizá-lo na própria casa.

E ela provavelmente iria aceitar cuidar dele. A ternura de Lottie, a preocupação dela para com ele, a *dó* dela por ele, indicavam que ela

provavelmente lhe daria qualquer coisa que ele pedisse.

E era por isso que ele nunca pediria.

Simon não queria que ela sentisse pena dele, achando que precisava salvá-lo.

Não.

Se ela ficasse, teria de ser porque enxergava, e amava, o homem de verdade. O homem que um dia existira ali. O homem que ele *ia* voltar a ser. Talvez não na terça-feira, mas em breve ele *seria* o tipo de homem que ela se orgulharia de ter ao seu lado.

*Depois que tudo isso acabar...*

Afastando todos aqueles pensamentos, Simon voltou à tarefa que tinha em mãos. Precisou afastar a tristeza toda vez que se deparava com algo escrito por seu tio, sabendo que Roger teria desejado que ele decifrasse todo aquele mistério.

Começando com a papelada mais antiga, ele percebeu que seria necessário muito tempo para ler tudo, então pegou o material mais recente, da primavera anterior, conforme Lottie havia sugerido. Não demorou muito para que encontrasse um papel no qual seu tio tinha anotado seu planejamento diário. Uma anotação sobre uma reunião com seu advogado a respeito da oferta pela Casa Seaton. Simon separou aquele papel, sabendo que estava no caminho certo.

Logo aquela anotação ganhou a companhia de vários outros itens, incluindo os registros de hóspedes dos meses finais de atividade do hotel. Alguns nomes apareciam mais de uma vez, mas um visitante em especial tinha voltado à Casa Seaton seis vezes entre março e junho.

Quando viu a notação sobre a visita final, Simon fez uma careta. Embora, dessa vez, não houvesse nenhum cheiro estranho, ele sentiu um latejar na base do crânio, como se estivesse prestes a ter uma de suas crises de enxaqueca. Mas ele sabia que não era uma enxaqueca. Algo mais estava fazendo seu sangue pulsar com mais força em suas veias e inundar seu corpo de tensão.

Ele vinha buscando um suspeito para os acontecimentos recentes dos quais tinha sido alvo. Mas, na verdade, temia encontrar algo muito, *muito*,

pior.

Quase aturdido conforme as possibilidades inundavam sua cabeça, encaixando-se, ele fechou os livros, levantou-se da mesa e caminhou de volta para a cozinha.

Lottie ouviu quando ele entrou.

– Chegou na hora. A massa está *al dente*.

– Lottie – murmurou ele, parado à porta, entorpecido.

Ela se virou.

– O que foi?

– Acho... – Ele fez uma pausa, odiando ter de continuar. Parte dele não queria dizer aquilo, dar vida às palavras e transformar a possibilidade em algo real.

Largando a escumadeira no balcão, ela correu até ele, colocando a mão em seu peito.

– Conte-me.

Ele contou.

– Acho que a morte do meu tio pode não ter sido um acidente.

Diante do olhar aflito dela, ele continuou:

– Por mais bizarro que pareça... acho que alguém que queria este hotel pode tê-lo assassinado para conseguir seu objetivo.

SIMON LEVOU um tempo para fazer Lottie entender suas suspeitas. Ele sabia como aquilo soava louco e, enquanto os dois retornavam para o salão sombrio do restaurante, ele a deixou a par de tudo.

– Eu tive um pressentimento. Primeiro, uma intuição. Depois de ver o nome tantas vezes.

Então Simon começou a lhe mostrar o que tinha encontrado. As anotações, a agenda, o livro contábil.

– Tem um nome aparecendo o tempo todo. Ela veio aqui com frequência e sempre se hospedou no mesmo quarto.

Lottie ficou boquiaberta.

– Ela?

Ele balançou a cabeça.

– Sim. A mesma mulher. E, aparentemente, ela se encontrou com meu tio Roger algumas vezes durante suas estadas.... as iniciais dela estavam na agenda dele.

– Poderia ser por causa de algum outro assunto – disse ela, embora parecesse em dúvida.

– Poderia. Mas não era.

Ele abriu um caderno que seu tio usava como um diário particular.

– Tio Roger era antiquado. O hotel tinha um computador, mas ele era arcaico. Ele fazia quase tudo à mão, inclusive anotações pessoais. Confira esta do dia 15 de maio.

Lottie olhou para o caderno e leu.

– Quem é Andrews?

– O advogado.

Ela leu um parágrafo até ao fim, os olhos se arregalando.

– Ele marcou de conversar com o advogado para conversar sobre a tal L. M. Para encontrar um jeito de convencê-la de que ele não ia vender a casa, e ver se havia um meio legal de barrar a entrada dela no hotel.

– Sim.

– Ai, meu Deus, ela estava perturbando seu tio para que ele vendesse a propriedade. Imagine o quão ruim deve ter sido, a ponto de ele precisar proibir que ela se hospedasse no hotel outra vez.

– Não consigo imaginar. Ele era o sujeito mais bacana do mundo.

Simon engoliu em seco, desejando ter feito mais para manter contato com seu tio. Em maio, ele estava finalizando o livro sobre Atlanta e se preparava para sua viagem a Charleston. Ele provavelmente ligara para seu único parente apenas umas três vezes ao longo do mês.

– Eu não sabia que isso estava acontecendo. Se eu tivesse percebido que alguém o estava incomodando, pode apostar que eu teria feito algo a respeito.

– Claro que teria. – Ela cobriu a mão dele com a sua, lendo os textos seguintes do diário.

Um texto no primeiro dia do mês de junho mencionava Simon.

*S telefonou. Mais um livro no outono. Que sucesso, a mãe ficaria tão orgulhosa.*

Simon teve dificuldade para ler essa passagem. E, quando Lottie a leu, ela apertou os dedos dele com força. As anotações cessaram três dias depois. Um dia antes de Roger Denton morrer.

– Tudo bem – disse Lottie. – Acho que você está certo. Esse comprador em potencial não era qualquer um. Seu tio estava sendo assediado, praticamente perseguido por uma mulher detestável. Mas ele não diz aqui se voltou a ter notícias dela. Então por que...

Simon não disse nada, simplesmente abriu o livro de visitantes que costumava ficar na recepção do hotel. Para manter a temática *vintage* do lugar, Roger costumava pedir aos seus hóspedes que escrevessem no livro usando uma imensa pena molhada no tinteiro.

– Veja os nomes das pessoas que ficaram aqui na primeira semana de junho.

Ela correu os dedos pelos nomes e parou exatamente no mesmo lugar que ele. Uma assinatura pouco legível, com o nome Louisa Mitchell.

Lottie ficou pálida. As possibilidades horrorosas ocorreram a ela tão rapidamente quanto a ele.

– Você acha que ela teve algo a ver com o acidente do seu tio?

– Lottie, vendo o nome e a data... acho que é pior do que isso. Acho que ela o matou.

ELE SONHOU naquela noite. Sonhos violentos com seu tio não apenas tropeçando numa pedra ou sendo surpreendido por um barulho, mas com o braço de uma mulher saindo de uma nuvem enevoadada. Empurrando o peito de Roger Denton. E então o velho caindo no nada, lá embaixo nos penhascos.

Simon acordou várias vezes, e em todas elas Lottie murmurou algo doce em seu sono e se aninhou a ele, abraçando-o com o máximo de firmeza possível.

E ele a recebeu com mais firmeza ainda. Abraçando-a bem apertado.

No dia seguinte ele iria até a cidade para encontrar o tal advogado, Andrews, e descobriria tudo que pudesse sobre a mulher suspeita de ter matado seu tio. Se o advogado não pudesse ajudar, ele ao menos poderia indicar a Simon os antigos advogados da Casa Seaton. Com uma hóspede tão regular quanto aquela, especialmente uma tão insistente, que vinha incomodando o proprietário, alguém tinha que se lembrar.

Simon não tinha nenhuma dúvida de que conseguiria rastrear a mulher. O que aconteceria depois, quando conseguisse, estava em aberto.

Em algum momento durante a noite, ele finalmente devia ter caído num sono profundo e ausente de sonhos, porque, quando abriu os olhos, o quarto estava banhado pela luz solar. O relógio dizia que eram quase 8 horas.

Ao seu lado, ele percebeu, Lottie também estava acordada. Deitada de costas, ela encarava o teto. Seus lábios se mexiam, como se ela estivesse falando sozinha, e Simon não conseguiu evitar se lembrar do que ela havia mencionado certa vez, sobre como xingava as pessoas baixinho quando estava brava. Obviamente, ela estava muito brava com alguém, porque estava franzindo a testa enquanto sussurrava.

– Ei.

Virando a cabeça para encará-lo, ela murmurou:

– Bom dia.

Mas ela não se aninhou em seus braços ou lhe ofereceu um beijo de bom-dia. Em vez disso, continuou franzindo a testa, daí se voltou lentamente para o teto.

Simon finalmente teve que rir; ela parecia tão feroz.

– A quem você está xingando?

– Não estou xingando.

– Sei. Com certeza havia alguns xingamentos aí.

Ainda sem olhar para ele, ela confessou:

– Estou pensando no seu tio. E no que aconteceu com você. – Finalmente, virando para o lado para encará-lo, ela continuou: – Não consigo imaginar alguém matando uma pessoa por causa de um imóvel. Mas acho que não é

mais hediondo do que tentar matar outra pessoa por causa de cem pratas e um relógio.

Sim. Terrível. Ele sabia exatamente como ela se sentia.

– Sabe – disse Lottie –, tem uma coisa me incomodando. Você já teve a sensação de que já ouviu alguma coisa, soube que era importante, soube que tinha um significado, mas não conseguiu descobrir o porquê? É como se tivesse um pensamento bem pequeno correndo desenfreadamente no meu cérebro, saindo de alcance toda vez que eu tento capturá-lo.

– Você é boa com as palavras.

– Vou ser escritora.

– Ótimo – disse ele, oferecendo o máximo de um sorriso que conseguiu reunir.

Lottie colocou os braços em volta do pescoço dele.

– Tudo bem, nós temos mais pesquisas a fazer. E eu quero bisbilhotar um pouco na internet. Você vai ficar bem se comer cereal frio no café da manhã?

– Nada de ovos Benedict? Estou arrasado.

Ela lhe deu um soquinho na cabeça. A mulher de fato o *socou* na cabeça!

– Ai! Registre esses seus dedinhos como armas letais.

– A mamãe aqui sabe deixar hematomas. Mas nada se compara a quando ela o agarra pela orelha.

Ele imediatamente ergueu a mão ao lado da cabeça, num gesto de autoproteção.

Lottie entrelaçou os dedos aos dele e puxou sua mão.

– Você está em segurança. Por enquanto. – Dando-lhe um beijo rápido nos lábios, ela disse: – Mas eu preciso agir. Vou rastrear aquele pensamento fujão na minha cabeça, não importa o que eu precise fazer.

– Lottie – disse ele, sem soltá-la –, o pensamento pode esperar alguns minutos. Eu ainda não lhe desejei um bom-dia do jeito que eu quero.

Então Simon a puxou de volta aos seus braços.

## Capítulo 15

*Lottie*

**E**U AMO sexo matinal. Amo a indolência da coisa, quando cada investida é caprichada e todos os toques são demorados. Pelo menos, esse é o tipo de sexo matinal que eu vinha fazendo com Simon.

Naquela manhã não foi exceção. Apesar de minhas preocupações, e do estresse que estávamos enfrentando, no minuto em que notei o olhar dele, eu soube que todo o restante podia esperar. Aquilo era bem mais importante.

Principalmente se houvesse alguma chance de eu ainda ir embora no dia seguinte. Porque, até o momento, eu não tinha descoberto um jeito de induzi-lo a me pedir para ficar.

Deitada no peito de Simon, eu me inclinei e lhe dei um beijo profundo e molhado, cheio de promessas e de desejo. Ele segurou meu rosto, passando os dedos no meu cabelo daquele modo que ele tanto gostava de fazer.

Encerrando o beijo, empurrei as cobertas para longe, querendo vê-lo. Querendo ver a *nós dois*. Ele ofereceu um sorriso de aprovação, sensual e confiante.

Montando nele, envolvi seu sexo com o meu, mas sem deixá-lo penetrar ainda, querendo fazer muito mais antes de chegarmos a esse ponto delicioso. À luz do dia, eu olhava bem para ele, estudando seu belo rosto. Acaricieei seu

peito, depois me inclinei e beijei sua cicatriz sem dizer nada. Nada precisava ser dito.

Continuei a beijá-lo ao longo do peito, e ele sobressaltou-se debaixo de mim, reagindo com uma investida. Sibilei quando ele entrou um pouco em meu corpo, adorando senti-lo sem a barreira de uma camisinha. Eu queria sua pele quente, só ele, mas eu sabia que não poderíamos fazer essa bobagem.

Ele pareceu concordar.

– Você é deliciosa. Tão quente, tão molhada... mas...

– Entendi – murmurei, esticando-me até a mesa de cabeceira para pegar uma camisinha que estava ali. Minha posição lhe deu passagem e ele se aproveitou dela, tomando meu mamilo na boca e saboreando-o completamente.

Gemendo, fiquei paradinha, amando a atenção minuciosa. Meu corpo começou a requebrar involuntariamente, até eu me flagrar roçando os lábios molhados na ereção dele, morrendo por mais uma provinha proibida.

*Eu gosto de crianças. Será que ele gostaria de ter filhos?*

Afastei tal ideia e abri a embalagem da camisinha. Simon a tomou das minhas mãos, que tremiam demais para lidar com isso. Prometi mentalmente que algum dia – tomara que em breve – eu iria senti-lo sem quaisquer entraves. Quaisquer que fossem eles.

– Eu preciso tanto de você, Lottie – sussurrou Simon enquanto me reposicionava em cima dele.

– Eu... também preciso de você. – Quase disse a frase errada. Quase confessei que o amava. Mas eu sabia que ele ainda não estava pronto para ouvir isso. Não enquanto estivesse vivendo toda aquela perturbação.

Então comecei a me movimentar lentamente, deslizando para baixo e para cima, tomando-o em meu corpo; gravando aquela sensação maravilhosa na minha memória.

SIMON SAIU logo depois do café da manhã. Eu sei que ele estava odiando ter que sair de casa, relutante em me deixar sozinha. Mas, como tínhamos

passado o dia anterior vasculhando cada centímetro do lugar, eu me sentia segura.

– Todas as portas e janelas estão trancadas e eu vou fazer uma barricada na porta da frente depois que você sair – falei enquanto o acompanhava até o jardim, praticamente empurrando-o para fora da casa.

Prometendo que sua ausência ficaria limitada a uma ou duas horas, ele saiu, e eu fui diretamente para o meu laptop. Por um segundo desejei conhecer um pouco mais de computadores, porque eu adoraria tentar rastrear quem quer que tivesse tentado pegar carona na rede de Simon. Mas meus conhecimentos eram muito básicos.

Entretanto, eu tinha bastante experiência com aquela maravilha moderna chamada Google. Assim, sem saber direito o que eu estava procurando, entrei no site e comecei a digitar nomes na barra de pesquisa. Comecei pela situação mais urgente: o fantasma de Simon.

O nome de Louisa Mitchell não rendeu nada de útil e levou a sites que não significavam nada para mim. Então segui em frente, querendo saber mais sobre Charleston.

Certamente, a polícia de Charleston tinha pesquisado sobre os agressores de Simon do mesmo jeito, mas valia a pena tentar. Então digitei o que eu tinha. E, usando apenas os nomes dos suspeitos, Linda e Joseph Harrington, novamente consegui uma enorme quantidade de resultados.

Boa parte deles falava do ataque em Charleston, mas o restante variava de avisos de noivados a anúncios promocionais para textos sobre economia.

– Isso não vai funcionar. Os nomes são muito comuns.

Então acrescentei o nome Lou e a cidade da Filadélfia.

Nada ainda.

– Droga – resmunguei.

Continuei brincando com diferentes combinações, usando aspas aqui e ali. Sem sorte.

Finalmente, percebendo que estava ficando cansada, me dei conta de que eu sequer tinha concluído o trabalho que havia sido enviada para fazer. Eu tinha achado algumas coisas bem interessantes sobre Josef Zangara para o meu professor, mas ainda não tinha lhe enviado tais informações. Então,

abrindo meu arquivo de anotações, fiz uma verificação ortográfica breve, com a intenção de enviá-los naquele momento.

Mas, para ser honesta, eu estava tão ansiosa para voltar a trabalhar na situação de Simon que quase mandei o trabalho formal às favas e enviei tudo daquele jeito mesmo. Só que havia alguns errinhos de digitação, então parei para resolver. Eu não podia enviar meu primeiro trabalho importante e remunerado de maneira desleixada.

Em seguida, o programa indicou mais uma palavra grafada incorretamente.

“Senhora Zangara.” Meus olhos se concentraram no que eu tinha escrito. Suspirando, falei:

– Obviamente seu nome não era Loussa, a menos que tivesse sido inspirado numa lousa.

Agarrando minhas anotações manuscritas para verificar qual era o verdadeiro nome da mulher, encontrei e voltei ao documento no computador.

Só quando corriji a ortografia foi que meu cérebro captou a palavra. Eu congelei, e naquele momento, aquela lembrança explodiu na minha mente como um raio deslumbrante de sol.

– Ai, meu Deus – sussurrei. – *Louisa* Zangara.

Louisa. Como Louisa Mitchell, a mulher que estava assediando o tio de Simon. Louisa não era exatamente um nome incomum, mas também não era dos mais corriqueiros.

Era isso que vinha me incomodando desde a noite anterior. Alguma parte do meu cérebro obviamente se lembrava de ter visto aquele nome durante a pesquisa do caso Zangara, mas eu não tinha sido capaz de trazê-lo ao foco.

– Desculpe, professor, você vai voltar a ficar em segundo plano.

Retornando imediatamente à tela de pesquisa, digitei várias palavras novas. Louisa Mitchell. Louisa Zangara. Casa Seaton.

E imediatamente encontrei o que vinha procurando.

– Isso não pode ser verdade – sussurrei, olhando fixamente para as palavras diante dos meus olhos. Precisei lê-las quatro vezes antes de acreditar.

O artigo era curtinho, extraído de um jornalzinho dos arredores da Filadélfia. Datava de três anos atrás e falava sobre uma mulher que estava se tornando centenária. A sra. Louisa Zangara tinha acabado de comemorar seu centésimo aniversário.

Ao seu lado estava sua amorosa família, incluindo seu filho, muitos netos e até alguns bisnetos. Entre eles, Louisa Mitchell.

Isso, no entanto, não foi o que incitou meu coração a bater descontroladamente. Não, a parte impressionante era a listagem de nomes dos outros convidados da grande festa de aniversário. E a foto do grupo, a qual ilustrava o texto.

Havia dois nomes conhecidos ali. E dois rostos familiares na imagem. Uma dessas pessoas estava viva e sentada numa cela de prisão em Charleston.

A outra tinha caído para a morte numa noite quente em junho.

Os Harrington eram bisnetos de Josef Zangara. E irmãos da sra. Louisa Mitchell.

O misterioso Lou, na verdade, era a irmã deles. A gêmea idêntica da mulher que Simon tinha matado.

EMBORA ATORDOADA com o que havia acabado de descobrir, de alguma forma eu consegui manter minha cabeça no lugar. Tinha certeza de que havia decifrado toda a história sórdida do que havia acontecido a Simon e seu tio. Eu não tinha ideia do motivo, mas, aparentemente, os bisnetos de Josef Zangara partilhavam de uma obsessão pela Casa Seaton.

Quando não conseguiram convencer Roger Denton a vendê-la, eles o mataram. Talvez tivessem presumido então que Simon ia vendê-la imediatamente, por não querer se incomodar com um hotel antigo caindo aos pedaços e distante de seu estilo de vida atribulado. Ou talvez os Harrington não tivessem feito sua lição de casa direitinho e não perceberam que Roger tinha um herdeiro. Eu não conseguia imaginar o tamanho da fúria deles, não só quando se deram conta disso, mas também quando Simon se provara tão teimoso sobre a venda da casa quanto seu tio Roger.

Depois de ter cometido um assassinato, devia ter sido mais fácil planejar o segundo. Louisa devia ter feito o trabalho sujo aqui na Casa Seaton, mas deixou que sua irmã gêmea e seu irmão caçula fossem atrás de Simon em Charleston.

– Ai, Deus, Simon, onde você está? – perguntei, olhando pela janela. Tentei o telefone celular dele, mas ou ele havia desligado o aparelho ou então toda a cidade de Trouble estava enterrada sob a maldição do celular.

Finalmente, sabendo que ia ficar maluca se não me ocupasse, resolvi voltar para o sótão, para ver se havia algo mais que eu pudesse descobrir sobre Zangara e sua família. Ainda havia alguns baús para vasculhar.

Tomando o cuidado de retirar a chave que Simon tinha me dado, segurei a porta com uma cadeira. Nosso invasor traquinas não tinha removido nenhuma lâmpada desde minha aventura no sótão, e eu estava sob plena luz do dia, portanto me senti bastante confortável em ficar ali em cima sozinha. Meu único medo era de que eu poderia estar muito longe para ouvir caso alguém tentasse se esgueirar pela casa. Decidi então que ia descer e verificar as coisas por lá a cada dez ou quinze minutos.

Embrenhando-me para além no sótão, sentei-me na caverna empoeirada, fuçando em mais um baú de registros antigos. O lugar estava completamente silencioso, e minha ansiedade começou a crescer. Afinal, eu estava sozinha no último andar de uma casa imensa onde um assassino havia estado à espreita recentemente. E a casa por si só ficava isolada no alto de uma montanha.

– Bem que eu queria ter dito a Mark para trazer a cavalaria – sussurrei, em meio ao silêncio.

Poucos segundos depois, no entanto, o silêncio foi quebrado. Ouvi um som estranho. Estranho e, no entanto, muito familiar. Parecia eletrônico, uma campainha baixinha, totalmente inadequada ao cenário. Por um segundo, tive um lapso mental e pensei ter trazido meu laptop comigo. Porque o som lembrava muito o barulhinho que meu e-mail fazia quando chegava uma nova mensagem.

Meu laptop, no entanto, estava lá embaixo, no primeiro andar. Então, ele não poderia ter sido o responsável pelo som.

Curiosa, caminhei em direção a um canto sombrio do sótão, certa de que o barulho tinha vindo de uma área atrás de uma peça de mobília coberta com um lençol imenso. Puxando o lençol, dei um gritinho quando avistei meu reflexo num espelho deformado na frente de um armário antigo.

Jogando o lençol no chão, contornei a peça. Só quando dei a volta inteira foi que percebi que o chão sob meus pés soava diferente naquele ponto. Menos sólido. Quase... oco.

Notei a abertura para o alçapão assim que olhei para baixo.

– Desgraçado – sussurrei, subitamente certa de que havia algum tipo de sala secreta ali embaixo. Um lugar que Simon e eu deixamos passar durante nossa busca.

O lugar onde o *fantasma* dele estava escondido.

A garota corajosa dentro de mim já estava pegando a alça do alçapão, quando, dois segundos antes de abri-la, meu cérebro gritou: *Pare*. O som do computador parecia ter vindo daquela portinha. E, a menos que eu estivesse enganada, um computador não continuava a aceitar mensagens por muito tempo se não houvesse alguém para usá-lo.

*Tem alguém lá embaixo.*

Recuei lentamente, levando a mão à boca para me impedir de gritar. Eu não queria gritar de medo, mas berrar barbaridades para a mulher que tinha sido parte de um plano para matar o homem que eu amava.

Mas eu não sou estúpida. Se Louisa Harrington Mitchell estivesse mesmo escondida naquele buraco, ela provavelmente estava armada. Eu já sabia que ela era perigosa, uma assassina, na verdade.

Então, fui andando para trás, dizendo a mim mesma para ficar quieta, para não alertar a mulher de que eu tinha descoberto que ela estava ali.

Eu estava quase lá. As escadas estavam a alguns metros de distância. Mas alguma coisa, meus passos hesitantes, talvez, acabou me delatando. Porque, para o meu horror, vi o alçapão começando a se abrir lentamente.

E eu corri.

## Capítulo 16

*Simon*

QUANDO SIMON parou em frente à Casa Seaton e viu Lottie correndo ao longo do precipício no quintal, ele quase perdeu a cabeça. Nunca se sentira tão perto da insanidade, a visão o apavorara mais do que qualquer coisa que ele já tinha experimentado.

Durante o longo trajeto de volta, nada o havia preparado para uma coisa daquelas. Ele estava dirigindo rapidamente, querendo voltar para Lottie, é claro, mas, depois que a viagem à cidade para ver o advogado não oferecera nenhuma informação que ele já não soubesse, ele não estava se sentindo particularmente ansioso.

Mas então ele ouviu o grito de Lottie e a viu correndo.

E viu uma mulher correndo atrás dela.

– Ai, Deus – retrucou ele, imediatamente girando o volante para a direita e dirigindo seu carro pela grama, quase até os degraus da frente da casa. E fora da vista de quem estivesse no gramado dos fundos.

Ele não conseguiu distinguir o que a loura estava segurando. Mas, se fosse uma arma, a última coisa que ele queria fazer era colocar Lottie em mais perigo ainda.

Ele saltou do carro e correu junto à lateral da casa, utilizando as dependências e as árvores para disfarçar sua aproximação.

– Pare de fugir – berrou a mulher. – Quero falar com você.

Lottie, que havia se refugiado atrás do mesmo pedregulho em que eles já haviam se escondido, não disse nada. *Garota esperta.*

Simon agachou-se atrás de uma cerca viva, observando enquanto a loura que se aproximava dos penhascos, olhando para os lados, tentando descobrir para onde Lottie havia ido.

Aquela devia ser Louisa Mitchell, a mulher que o advogado de seu tio confirmara estar assediando Roger Denton incessantemente antes de sua morte. E agora, enquanto ela disparava da parte coberta da varanda até o velho galpão de armazenagem, Simon via algo brilhando em sua mão, e sabia que era uma arma.

Ela devia estar desesperada. E não ia nem mesmo se dar ao trabalho de fazer aquilo parecer um acidente.

Contornando pelo outro lado da pequena construção, ele deu mais uma corrida, até avistar Lottie outra vez. Ela estava tentando chegar em cima do rochedo. Em cerca de cinco segundos, a mulher com a arma daria a volta e a flagraria.

Simon não estava disposto a arriscar. Ele estava se preparando para correr ao máximo e partir para cima da mulher, se precisasse. Mas, antes que pudesse fazê-lo, ela avistou Lottie. E o coração dele parou.

– Venha cá ou vou atirar em você agora – berrou a mulher, ainda alheia à presença de Simon a poucos metros de distância.

Lottie, no entanto, não permaneceu alheia. Ela olhou para além da mulher e o flagrou ali. Eles fizeram contato visual rapidamente, mas ela não esboçou nenhum gesto que pudesse fornecer pistas à agressora.

Inteligente? A mulher era brilhante. E tinha mais coragem do que qualquer homem que Simon já havia conhecido. Porque, lenta e calmamente, ela assentiu para a mulher e deslizou rochedo abaixo, encolhendo-se ligeiramente.

– Você é Louisa Mitchell, presumo? – perguntou Lottie. E então levantou a voz, e Simon soube que ela queria que ele ouvisse o que ela estava dizendo.

– Louisa Harrington Mitchell?

A mulher assustou-se.

– Como você descobriu quem eu sou?

– Você foi um tanto descuidada – rebateu Lottie. – Deixou uma trilha para que uma universitária como eu pudesse encontrar. Portanto, certamente não vai conseguir se safar do que quer que esteja tentando fazer aqui.

Simon enrijeceu imediatamente também, chocado assim que absorveu o significado daquela insinuação. Harrington. Ele conhecia aquele nome.

Aquela mulher estava ligada ao casal que o havia atacado.

Louisa não se mexeu, e seu braço, aquele que tinha uma arma na ponta, não abaixou.

– E o que exatamente você acha que estou tentando fazer aqui?

Lottie deu de ombros, ainda parecendo calma, embora Simon soubesse que ela devia estar apavorada.

– Certamente, está tentando assustar Simon para vender esta casa. Mas não é me matando que vai conseguir isso. Ele nunca vai ceder.

A mulher riu. Aquele som foi quase tão pior do que o som de um tiro, porque Simon percebeu de imediato que ela estava totalmente disposta a matar outra vez.

– Se seu amante louco assassinasse você, e aí se jogasse no penhasco por causa de uma crise de remorso, quem você acha que iria se importar se alguém aparecesse e comprasse esta velha relíquia?

O rosto de Lottie ficou pálido. Simon deu um passo adiante, determinado a impedir aquilo de pronto, mas ela semicerrou os olhos e balançou a cabeça sutilmente, como se indicando para ele recuar. Talvez ela estivesse à espera de um sinal – algum sinal de que a mulher tinha baixado a guarda. Ela avisaria quando ele pudesse agir, já que obviamente tinha uma visão mais certa do que estava acontecendo.

A espera estava matando Simon. Mas, se ele fosse muito brusco, e se a mulher era capaz de matar... Lottie poderia acabar morta. Ele ficou onde estava.

– Ninguém vai acreditar nisso.

A mulher deu de ombros.

– Talvez sim. Talvez não. Mas eu não preciso virar dona deste lugar para fazer o que precisa ser feito.

Lottie pareceu confusa.

– Mas eu pensei que você estivesse tentando recuperá-lo. Para sua... família.

Simon não fazia ideia de aonde ela queria chegar. Mas a mulher aparentemente fazia.

– Como diabos você sabe disso?

– De que você, sua irmã e seu irmão de Charleston são descendentes de Josef Zangara? Que você está tentando recuperar esta casa, ainda que fazendo justiça de uma forma meio estranha, distorcida?

Minha Nossa Senhora, agora Simon estava realmente confuso. Lottie obviamente tinha descoberto tudo aquilo enquanto ele estava fora. Quando tudo isso acabasse, ele perguntaria a ela.

*Logo. Por favor, que seja logo.*

– Só porque aquele desgraçado que matou minha irmã herdou esta casa, sendo que ele não tem *direito* algum sobre a propriedade, não significa que seja isso que estou buscando.

– Então, *o que é* que você está buscando? – perguntou Lottie.

– Dinheiro. – A mulher soou casual. – Meu querido e velho bisavô escondeu uma fortuna nas paredes desta casa. Um milhão de dólares em dinheiro, pelo menos. E me pertence.

Lottie não disse nada. Simplesmente ficou esperando. Simon, porém, sacudiu a cabeça lentamente, começando a entender o que tinha acontecido. Tudo aquilo era uma completa loucura!

– Meu irmão, minha irmã e eu éramos os únicos que acreditávamos nisso, e acabamos cortando laços com toda a família porque estávamos determinados a encontrar o dinheiro. Agora isso cabe a mim, e eu não vou desistir. Então é isso, cair do penhasco com ou sem uma bala na cabeça. Pode escolher. De um jeito ou de outro, a polícia vai achar que seu namorado fez isso num ataque de ciúmes.

O tempo acabou. Simon sabia disso, pela forma como a mulher movimentava os pés e retesava os músculos das costas. Ela ia atirar.

Ele não hesitou. Capturando o olhar de Lottie, apontou para o rochedo, em seguida estendeu a mão no alto, três dedos para cima. Fez uma contagem regressiva... um passo mais perto. Dois. E em “um” Lottie fez o que ele ordenou silenciosamente, mergulhando atrás do pedregulho, ao mesmo tempo que Simon saltou sobre a mulher armada.

Ele empurrou Louisa pela cintura, jogando-a no gramado assim que ela tentou avançar em Lottie. Os dois rolaram pelo chão, perigosamente perto da beira do precipício, a arma voando da mão dela.

Ela lutou. Arranhou e chutou, e tentou rolar para longe dele. Quando Simon viu o corpo dela atingir a borda e começar a deslizar, ele desistiu de tentar dominá-la para então tentar agarrá-la.

– Simon! – berrou Lottie atrás dele, obviamente percebendo, tal como ele, que a mulher estava prestes a cair.

Não, isso não ia acontecer. Agora que Lottie estava em segurança, ele não ia deixar a mulher morrer, não importava o que ela houvesse feito. Então, estendendo a mão, ele agarrou firme o pulso dela.

Ela abriu a boca e contorceu o rosto de pavor quando percebeu o que estava acontecendo. Agora, em vez de tentar desvencilhar-se de Simon, ela estava agarrando a camisa dele, rasgando o tecido enquanto tentava se segurar.

– Eu não vou deixar você cair – disse ele, percebendo que ela achava que ele iria deixá-la cair para a morte.

Talvez porque fosse isso que ela teria feito.

Mas ele não era igual a ela. Não era nenhum assassino.

– Peguei você – acrescentou ele, puxando-a, arrastando-a para terra firme, onde ela deitou-se, ofegante. Lottie estava lá para ajudá-lo, e, quando ele olhou para ela e viu a arma em sua mão, a qual estava apontada para Louisa Mitchell, ele abriu um sorriso largo. – Gosto de mulheres que pensam rápido.

Ela sorriu de volta, mas não conseguiu esconder as lágrimas. E quando ele ficou de pé, ela derreteu em seus braços e chorou aninhada em seu pescoço, até simplesmente não conseguir chorar mais.

O DEPARTAMENTO de polícia de Trouble podia ser pequeno, mas o delegado parecia um sujeito competente. Os policiais chegaram vinte minutos depois da ligação de Lottie, e ela e Simon tinham passado aquele tempo de espera vigiando o *fantasma* atentamente.

Houve um monte de perguntas, mas, uma vez que a mulher estava sob custódia da polícia, Lottie levou Simon e o delegado até o sótão e lhes mostrou o quarto secreto. Era, tal como havia desconfiado, o local onde a mulher estava se escondendo.

O cômodo tinha uma cama, então a mulher até mesmo estivera dormindo ali. Havia um laptop repleto de fotos da cena do crime, as mesmas que ela havia usado para atormentar Simon. Havia uma chave-mestra reserva que servia em todos os cômodos da casa, a qual Simon presumira ter sido roubada durante uma de suas visitas anteriores, bem como uma blusa branca salpicada de tinta, o perfume, tudo.

Quando a polícia lhe deu voz de prisão, a mulher começou a falar. Ela cuspiu um monte de palavras bem escolhidas para Simon, pela morte de sua irmã. Mas também mostrou ter muito a dizer, confessando tudo, embora tivesse sido alertada de que poderia aguardar pela presença de um advogado.

Ela admitiu também ter assassinado Roger Denton.

De alguma forma, quando a polícia a estava levando, Simon se viu incapaz de permanecer em silêncio sobre uma coisa. Seguindo-os até o carro, ele pediu um minutinho ao delegado, aí encarou a mulher, tão parecida com sua falecida irmã.

– O dinheiro – disse ele. – Você disse que estava atrás do dinheiro.

A mulher assentiu, os olhos ainda cintilando de ódio.

– Meu velho bisavô assassino gostava de manter um diário com os jogos doentios que fazia neste lugar, e ele mencionou uma boa quantia de dinheiro escondida na casa. Ele nunca conseguiu pôr as mãos nele, uma vez que foi preso, e eu acho que ele não confiava em sua amorosa esposa para recuperá-lo. Mas, se você acha que eu vou revelar onde está, pode ir para o inferno.

– Eu já estive lá – disse ele calmamente. – E você não precisa me dizer nada. Eu sei exatamente onde o dinheiro estava escondido.

Ao lado dele, Lottie arfou de surpresa. Até mesmo o delegado pareceu interessado. Quanto a Louisa, ficou completamente pálida.

– Você está mentindo.

Ele balançou a cabeça.

– Minha mãe odiava este lugar, sabe? Ela sempre considerou o próprio avô um trapaceiro. Então, quando ela era adolescente e houve um incêndio que destruiu uma dezena de quartos no terceiro andar, ela não ficou exatamente surpresa com o que foi encontrado.

– O terceiro andar...

– Todos os quartos na ala oeste da casa.

A mulher começou a tremer.

– Ela e seu irmão encontraram milhares de minúsculos pedacinhos de papel queimado.

– Não...

– Sim – disse ele, satisfeito em mostrar a mulher que ela havia sido uma tola completa. Que havia desperdiçado sua vida, à custa da vida de outras pessoas, para absolutamente nada. Encarando aquilo quase como justiça poética, embora, é claro, fosse apenas um leve consolo, Simon balançou a cabeça.

– Era dinheiro. E cada pedacinho dele foi destruído.

À NOITE, Simon começou a sentir que tanto ele quanto Lottie estavam voltando ao normal, se recuperando do calvário não só daquele dia, mas também de *todos* os dias, semanas, meses, anteriores. Eles haviam conversado durante horas, e, quando ela lhe contara como havia juntado as peças da história, ele ficara muito impressionado.

Agora, ela estava nos braços dele, em sua cama.

E preparando-se para partir.

– Então sua família espera que você volte amanhã à noite? – perguntou ele, tentando parecer indiferente, quando uma voz em seu cérebro estava gritando com ele para exigir que ela ficasse.

Ela assentiu.

– Sim. Tenho que ir embora de manhã.

– Contanto que seu carro funcione – disse ele, apenas meio brincando.  
Ela sequer tentou forçar uma risada.

– Há umas duas horas recebi um e-mail do meu professor pedindo minhas anotações. Eu enviei... e disse-lhe que ia finalizar tudo e falar com ele pessoalmente na quarta-feira.

Nada na voz dela indicava que aquela ideia a incomodava. Ela parecia pronta para ir, para prosseguir com sua vida.

Bem, por que não estaria? Desde que chegara na casa dele, ela fora perseguida, agredida e quase morta. Quem não gostaria de sair dali, para longe dele, do homem que tinha causado tudo isso?

– Você vai ficar bem, Simon? – Ela quis saber. – Quero dizer, se você precisar de mais ajuda...

Ela não continuou, deixando as palavras no ar. E ele sabia que, se lhe pedisse para estender a viagem, ela o faria. Se ele lhe dissesse que precisava dela, nada iria fazê-la ir embora. Afinal, a lealdade e a bondade eram duas das qualidades que ele mais amava nela.

Mas Simon não podia pedir isso. Fazê-la ficar porque ela achava que precisava cuidar dele era quase tão ruim quanto deixá-la ir. Quase.

Ele pensou em simplesmente dizer a verdade: queria que ela ficasse porque a amava. Ou que iria com ela a qualquer lugar que ela quisesse ir... mais uma vez, porque a amava.

Mas não fez nada disso. Dizer a palavrinha com “A” faria Lottie sentir-se obrigada a retribuir a declaração. Ou faria com que ela sentisse ainda mais pena dele.

Sendo assim, ele ficou em silêncio. Não pediu nada, não disse nada, não prometeu nada.

E simplesmente fez amor com ela durante a noite inteira, pedindo *tudo* a ela, dizendo *tudo* a ela e prometendo *tudo* a ela. E tudo isso sem dizer uma palavra.

E, ao meio-dia do Dia das Bruxas, Lottie tinha ido embora.

## Capítulo 17

*Lottie*

*Quatro semanas depois*

ADORO FERIADOS. Logo após os festejos de Dia das Bruxas, já começo a morrer de vontade de comer peru e torta de abóbora. Tiro minhas roupas de inverno favoritas do armário e adoro caminhar ao ar livre, sentindo o ar frio beijar meu rosto e vendo minha respiração se condensar na névoa que sai dos meus lábios.

O feriado de Ação de Graças com a família Santori é um grande evento. Mamãe e papai sempre convidam todos os parentes, não apenas os mais próximos. E comemoram no restaurante, que fica fechado ao público nesse dia.

O preparo das refeições, como de costume, fica por conta das mulheres, mas pelo menos papai e Tony, que administra o restaurante agora que nosso pai meio que está se aposentando, ficam responsáveis pelo peru.

O cheiro estava delicioso, o odor envolvendo todo o restaurante com sentimentos positivos e de alegria.

Só que eu não estava sentindo nada disso. Claro, eu estava sentindo o cheiro. Mas os sentimentos positivos e a alegria não faziam parte do meu repertório. Já era assim desde o Dia das Bruxas.

Dirigir ao longo daquela montanha, vendo Simon ficam cada vez menor no espelho retrovisor, foi a coisa mais difícil que já fiz. De longe, mais difícil até do que fugir de uma vadia psicopata armada.

Opa, a família ainda não sabe dessa parte da história. E eu não planejo lhes contar.

Eles sabem que estou chateada, é claro. Que perdi peso, que há bolsas imensas sob meus olhos e que raramente sorrio.

Todas as mulheres da família sabem que estou apaixonada, bem como meu irmão Mark. Ele também é o único que sabe por quem estou apaixonada, e estou inclinada a manter a coisa toda assim.

Eu simplesmente não conseguia acreditar que Simon não tinha entrado em contato!

– Sua boba – sussurrei, sentada numa baia aos fundos do salão, observando enquanto a porta se abria novamente para permitir a entrada de mais um grupo barulhento e risonho dos Santori.

Eu sabia que tínhamos dito adeus. Mas, quando escolhi ir embora, em vez de forçar Simon a confessar o que sentia por mim, eu tive certeza de que a separação se daria por pouco tempo.

Simon tinha passado por um inferno. E, se havia um homem que precisava se acertar e colocar a cabeça no lugar, esse homem era ele. Não seria fácil superar todos aqueles acontecimentos.

Eu precisava *deixá-lo* superar. Do jeito dele. No tempo dele.

– Mas eu não achei que fosse demorar tanto – murmurei, enquanto pegava minha taça de vinho.

– O que está demorando tanto, querida? – disse alguém com um leve sotaque sulista.

Olhando para o outro lado da mesa, vi minha cunhada Rachel, que tinha se sentado à minha frente. Seu cabelo louro brilhante estava deslocado naquele mar de cabelo italiano escuro, mas com seu sorriso e seu coração imenso, ela se encaixava sob medida na família.

– Eu estava falando sozinha.

– Não brinca – falou alguém. – Você não tem feito nada senão se lamentar desde que chegou em casa no mês passado. Quando é que vai sair da concha

e tomar uma atitude com relação a esse cara que a deixou assim?

Aquela voz também era inconfundível. Gloria, a esposa de Tony, já era parte da família desde que eu era adolescente. Ela era uma garota do centro da cidade, criada por outra grande família italiana a poucos quarteirões de distância, exatamente como a gente. Era impetuosa e mandona, confiante e sexy. E mantinha Tony no cabresto, embora o deixasse fingir que era ele quem estava no comando de seu núcleo familiar.

Meus outros irmãos costumavam dizer que Tony era pau-mandado. Até que eles se casaram. Agora todos eles eram paus-mandados. *Rá.*

No entanto, eu e toda a minha família não conseguíamos imaginar o tipo de mulher conseguiria acalmar um selvagem como Nick, e esse era mais um motivo pelo qual todo mundo estava ansioso para que ele cumprisse seu dever no alistamento e voltasse para casa, são e salvo.

– Então, o que você vai fazer? – cutucou Gloria, sem perceber que meu silêncio era uma dica de que eu não queria falar.

– Não há nada que eu *possa* fazer. A bola está com ele.

– Parece-me que você precisa recuperar a porcaria da bola e levar para sua área então – disse Gloria, estourando uma bola de chiclete. Seus olhos percorreram a multidão, como sempre vigiando seus dois filhos, ambos com menos de 5 anos.

– Deixe-a – disse Rachel, segurando minha mão fria. – Querida, parece que seu coração vai se partir. Eu sei que você não quer conversar agora, mas sabe que estamos todas disponíveis para você.

Atrás dela, Meg e Noelle surgiram de repente, sorrindo de forma travessa, com certeza esperando uma oportunidade para entrar na conversa.

– Minha nossa, daqui a pouco mamãe vai sair de baixo da mesa ao lado? – resmunguei.

– Ela sabe que você não vai se abrir a respeito de *tudo* o que aconteceu se ela estiver aqui – confessou Meg, um rubor subindo em suas bochechas macias. Aquele rosto meigo e gentil era um contraste e tanto à personalidade forte da mulher. – Quero dizer, todas nós podemos dizer que você... mudou. Mas eu não creio que ela queira saber dos detalhes.

Mamãe teria um ataque cardíaco se soubesse dos detalhes.

Antes que eu pudesse responder, ouvi Noelle, minha cunhada mais recente, soltando um assobio baixo.

– Uau, Nellie, quem é o galã que acabou de entrar logo atrás da tia Carmela?

Não consegui reunir interesse suficiente para olhar para cima.

Então Gloria deixou escapar um suspiro alto.

– Por favor, me avisem se ouvirem meus joelhos tremendo. Isso é que é moreno alto e perigoso.

Congelei imediatamente. Tensão tomou conta de mim, e eu sabia que estava sendo observada. E também sabia por quê.

Lentamente olhei para cima, em direção à porta, e o vi de pé ali. Tia Carmela estava tagarelando com ele, e um de meus primos tinha se aproximado para cumprimentá-lo. Mas ele não prestou atenção.

Todos os pedacinhos dele estavam concentrados em mim.

Sentindo o desatar do nó frio e duro que já estava alojado em meu estômago há um mês, coloquei minhas mãos sobre a mesa. Sabendo que eu ia ficar bem, murmurei:

– Senhoritas, se me dão licença, acho que tenho uma bola para buscar.

Acho que levou uns cinco segundos para que elas entendessem. Então uma delas engasgou. Ou todas engasgaram. Eu mal notei.

Levantando-me, cruzei o salão bem devagar. Ele veio até mim, seus olhos escuros e ardentes completamente estáticos, queimando de emoção.

Mas então notei as mudanças. O rosto dele estava mais corado, as olheiras tinham sumido. E, muito embora ele usasse um sobretudo pesado, dava para notar que o corpo musculoso tinha se avolumado um pouco.

Na verdade, ele estava maravilhoso.

– Oi – murmurei assim que cheguei bem pertinho dele. – Feliz Dia de Ação de Graças.

Ele deu mais um passo, pousando a mão na minha cintura e me puxando para si.

– E feliz Natal – grunhiu ele, antes de grudar a boca na minha, num beijo ávido, desesperado.

Ao redor, eu tinha certeza de que havia um público com olhos arregalados. Mas, francamente, não me importei. Os seus braços me envolveram com força e eu coloquei os meus no pescoço dele. Nosso beijo íntimo e profundo prosseguiu em silêncio, mas com nossos corpos cimentamos uma certeza: nenhum de nós ia soltar. Nunca mais.

Por fim, aparentemente percebendo que todos em volta tinham parado de conversar e estavam observando em estado de choque, Simon encerrou o beijo e olhou nos meus olhos.

– Eu amo você.

– Eu também amo você.

– Sim. Eu sei. Estou pronto agora.

Ele não precisou explicar. Eu entendi.

– Eu estou bem, Lottie. Estou *inteiro*.

Assenti. Dava para notar. Não havia mais nenhuma sombra ali. A dor e a culpa finalmente tinham sumido de seu belo rosto marcado por cicatrizes. Aquele era o Simon que eu tinha passado a enxergar gradativamente na Casa Seaton. O outro, sombrio, irritado, havia desaparecido.

– Estou muito bem – acrescentou. Ele ergueu a mão e ajeitou meu cabelo para trás, então analisou meus olhos cansados. – Você está bem?

Pegando sua mão, eu a levei aos lábios para um beijo.

– Eu também estou bem agora. Eu estava ficando um pouco cansada de esperar.

– Obrigado. Obrigado por esperar.

– Você vale a pena. Como me encontrou aqui?

Ele deu de ombros.

– Você disse que sempre que não estava em casa, estava aqui. Não foi difícil encontrar este local. E meu trabalho envolve descobrir ótimos restaurantes, lembra-se?

– É o melhor da cidade.

À nossa volta, as conversas recomeçaram, e de soslaio notei um de meus sobrinhos saindo da cozinha numa corrida, com meu pai e meu irmão mais velho em seu encalço. Já dava para imaginar a história que eles tinham ouvido sobre a tia Lottie beijando um desconhecido no meio do salão.

– Tem certeza de que está pronto para isso? – Meneando a cabeça para minha família, acrescentei: – Eles são um pouco... avassaladores.

Simon finalmente soltou minha cintura e deu um passo para trás.

– Bem, acho que eles deveriam me conhecer nas condições certas. – Ele tirou uma caixinha de veludo preto do bolso. – Qual deles é o seu pai?

– Ai, meu Deus, ele tem um anel. Lottie vai se casar!

Gloria. A rainha da discricção atacava novamente.

– Bem-vindo à família – sussurrei com um suspiro.

– Isso quer dizer que sua resposta é “sim”?

– Se você conseguir fazer o pedido – falei –, vai ser “sim”. – Abraçando o pescoço dele e lhe dando mais um beijo nos lábios, sussurrei: – Ah, *sim*.

E então fomos cercados. Meus irmãos formaram um meio círculo em torno de Simon. Eu fui até eles e disse:

– Se qualquer um de vocês passar dos limites com meu futuro marido, eu juro que vou fazer vocês lamentarem por eu ter nascido nesta família.

– Ah, como se a gente já não tivesse lamentado todos os dias da nossa infância! – comentou Lucas.

– Marido? – disse Tony, obviamente alheio ao que fora dito por sua esposa espalhafatosa. – Ele vai se casar com ela? Bem, qual é o problema, então? – Ele dirigiu-se a papai. – Alarme falso, papai. Lottie botou uma aliança no dedo. – Ele olhou para seus irmãos, acrescentando: – Não precisamos pegar as espingardas.

Gemi, imaginando a expressão de Simon. Mas de repente Tony explodiu em risadas, juntamente com meus outros irmãos.

Então Tony se aproximou e me pegou nos braços, me esmagando contra seu peito musculoso.

– Você devia ter visto sua cara, Lottie. Realmente achou que a gente fosse fazer alguma coisa com o cara que a deixou o mês inteiro deprimida? – Ele olhou para Simon. – Por favor, por favor, leve-a... minha irmã se lamentando é mais chata do que berrando. Eu não acho que qualquer um de nós consiga aguentar mais um minuto.

– Atenção! Atenção! – disse um dos outros.

Meus irmãos. Eu já mencionei o quanto amo os grandes bobalhões?

– Você é o Simon? – perguntou Mark, aproximando-se e estendendo a mão. Simon a aceitou, mas seus olhos estavam em todos os outros, e não apenas em Mark.

– Sim. E não precisa de espingarda. Sua irmã e eu estamos grudados. Eu não vou a lugar algum.

Mark assentiu uma vez.

– Ótimo.

– Agora – disse mamãe, os braços no alto enquanto recebia o mais novo membro da família, dando-lhe um beijo em cada bochecha – venha, *mangia, mangia*. Você está pele e osso. – Então ela recuou e lhe deu uma olhada de cima a baixo. – Mas, em você, isso não parece tão ruim. Não *mesmo*.

– Obrigado, senhora, mas eu gostaria de falar com seu marido primeiro.

Minhas cunhadas me cercaram enquanto a família levava papai a Simon. Ouvi um monte de comentários do tipo “Ai, meu Deus, que gato” e “Aqueles olhos, aquele corpo”, mas não prestei atenção. E não tinha notado que estava prendendo a respiração até meu pai e Simon apertarem as mãos e papai lhe dar tapinhas no ombro, num gesto ímpar de aceitação masculina. *Ufa*.

Então os dois vieram até mim. Papai colocou as mãos no meu rosto e disse:

– Minha garotinha. Você vai ser uma noiva linda. – Seus olhos brilhavam.

– Mas saiba que não estou entregando você a ele. Só vou deixar que ele tome você emprestada por um tempinho. Certo?

Chorando, assenti, em seguida dei um beijo e um abraço apertado no meu pai. Depois de um bom tempo, ele me soltou, chamando Tony.

– Vamos lá. Para uma comemoração assim, precisamos de mais comida! – E lá foram eles para a cozinha, minha mãe sendo a mais apressada.

Simon ainda me observava a alguns metros de distância. As mulheres se dissiparam, desaparecendo, mas eu apostava que ainda estavam ao alcance para nos ouvir.

– Obrigada por ter feito isso. Minha família às vezes é meio antiquada.

– Eu não esperaria nada diferente. Vou exigir a mesma coisa um dia.

Fiquei com os olhos marejados, imaginando como seria ter filhos com ele.

– Posso pelo menos lhe entregar o anel em particular? – perguntou ele, aproximando-se e beijando minha têmpora.

Suspirei, baixando os cílios para esconder minha decepção. Não sou o tipo mais paciente. Mas, quando ouvi Simon caindo na risada, eu soube que ele estava me provocando.

E foi por isso que, sem remorso algum, eu disse:

– A tradição não exige uma determinada posição para isso?

Ele meneou as sobrancelhas sugestivamente, então murmurou:

– Eu consigo pensar em muitas posições.

Ai, cara, que bom que meus pais não estavam por perto para ouvir aquele comentário. Já era ruim o suficiente Noelle e Meg terem ouvido e começado a rir.

Então Simon ficou de joelhos na minha frente e, mais uma vez, toda a conversa cessou. Tomando minha mão, Simon olhou para mim, a emoção brilhando em seus olhos.

– Lottie, você me trouxe de volta à vida. Por favor, me diga que vai me deixar viver o que resta dela ao seu lado.

Fungando um pouco e mordendo o lábio, assenti, e ele deslizou um anel lindo no meu dedo.

– Nós vamos ser muito felizes, Simon.

Ele levantou-se.

– Eu sei.

Ele teve apenas tempo suficiente para me dar um beijo doce nos lábios, pois mais uma vez fomos varridos pela loucura que perdurou pela noite inteira de comemoração.

Eu o vi conhecer toda minha família. Eu o ouvi repetir seus nomes durante toda a noite, sem nunca se esquecer de nenhum. Eu o vi se encantar com eles. E me apaixonei por ele ainda mais.

Quando tudo acabou, eu o levei para casa e dormi em seus braços, sabendo de mais uma coisa. Eu não tinha trazido Simon de volta à vida; nós tínhamos criado uma nova vida juntos.

E eu mal podia esperar para começar a vivê-la.

# flor da pele

**HOT**

*KELLI IRELAND*

Levi saltou do palco e seguiu dançando em meio à multidão até chegar a Harper. Ela estava de costas e não se mexia. Alta e esbelta, a cintura de Harper se afunilava antes de se expandir em quadris exuberantes. Os ombros eram um pouco mais largos do que os quadris. A forma como o pescoço dela se curvava o fazia querer beijá-la ali, bem no fim da espinha.

Donovan inclinou-se para Harper e disse algo indiscernível.

Ela balançou a cabeça.

O garçom levou sua cerveja, parecendo tão entretido quanto inseguro enquanto se afastava e baixava o bastão que brilhava na luz negra. Um leve menear de queixo impeliu Harper a encarar o palco.

Ela não o fez.

– Não seja covarde agora, querida – gritou Levi acima do barulho.

Harper virou-se, movida pelo desafio.

Levi prendeu a respiração. As palavras que ele estivera prestes a lançar caíram a seus pés. A mulher que ele tinha conhecido não se parecia absolutamente *nada* com a que o encarava agora através de olhos esfumaçados, sem óculos, com lábios carnudos e maçãs do rosto proeminentes. Harper era um nocaute total e completo. Seios que já tinham se apresentado fartos mais cedo agora estavam magicamente empinados, de modo a parecerem maiores. A camisa dela estava amarrada na cintura,

revelando uma barriga lisa. A calça jeans apertada realçava as longas pernas. E ela usava o mesmo sapato que o arrebatara mais cedo. Harper era uma beleza de pele alva que ele havia subestimado totalmente.

Ela deu um sorriso de canto de boca e arqueou as sobrancelhas lentamente.

– Eu não sou sua querida.

Agarrando cada gota de orgulho que conseguiu reunir, Levi estendeu a mão e trilhou um dedo ao longo da mandíbula dela.

– Você poderia ser.

A risada dela foi como experimentar o melhor charuto seguido por um gole de um uísque caro: opulenta, sensual, refinada. Sedutora. Sua voz? Soava exatamente como uma deveria soar após uma boa hora de preliminares.

– Aposto que você diz isso para todas as garotas.

– É um desperdício usar isso com garotas. Reservo para as mulheres, e, acredite, srta. Banks, pelo que posso ver, você é completamente mulher. – Levi diminuiu a distância entre eles, pôs a mão no pescoço dela e se inclinou. – Você quer ver os bastidores? Então vai ter que vir comigo.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

K37a

Kelly, Leslie

Arrepio [recurso eletrônico] / Leslie Kelly; tradução Fernanda Lizardo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.

recurso digital

Tradução de: Asking for trouble

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1964-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Lizardo, Fernanda. II. Título.

15-24464

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: ASKING FOR TROUBLE

Copyright © 2006 by Leslie Kelly

Originalmente publicado em 2006 por Harlequin Blaze

Arte-final de capa:

Ô de Casa

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.  
Rua Argentina, 171, 4º andar  
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

Capa

Texto de capa

Teaser

Querida leitora

Rosto

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Próximo lançamento

Créditos